

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

## UMA MINI ALEXANDRIA?

CAIXA ACÚSTICA WILSON AUDIO YVETTE

E MAIS

### TESTES DE ÁUDIO

CÁPSULA GRADO PRESTIGE GOLD2

SUNRISE LAB MAGICSCOPE GROUND LINK

### TESTE DE VÍDEO

TV SAMSUNG 55Q70

### OPINIÃO

OS SINTÉTICOS, OS ANALÍTICOS, EU E VOCÊ

### DISCOS DO MÊS

DOIS CLÁSSICOS ERUDITOS &  
UM CLÁSSICO DO ROCK

## UM INÍCIO PROMISSOR

TOCA-DISCOS AVM ROTATION R 5.3



MUSICIAN: ASTOR PIAZZOLLA - O TANGO NOVO - VOL. 17

**TCL**

The Creative Life

**SEMP TCL**  
PATROCINADORA OFICIAL



TALENT MARCEL

PURA  
DEFINIÇÃO  
EM IMAGEM.

ANDROID TV TCL X10S 8K 75"

DOLBY VISION

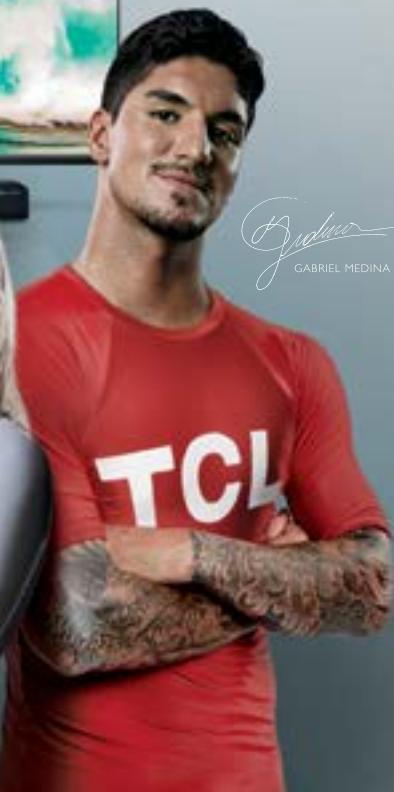
HDR

Mini LED

DOLBY ATMOS

ONKYO

TATIANA WESTON-WEBB



GABRIEL MEDINA



# ÍNDICE



## CAIXA ACÚSTICA YVETTE DA WILSON AUDIO

30

### E EDITORIAL 4

Venda de CD está caindo três vezes mais rápido do que o LP está crescendo

### ● NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

### ● HI-END PELO MUNDO 14

Novidades

### ● OPINIÃO 16

Os sintéticos, os analíticos, eu e você

### ● DISCOS DO MÊS 22

Dois clássicos eruditos & um clássico do rock

### ▲ TESTES DE ÁUDIO

30

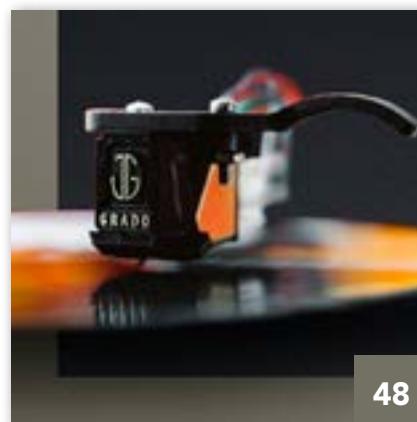
Caixa acústica Yvette da Wilson Audio

38

Toca-discos AVM Rotation R 5.3



38



48



58

### ▲ TESTES DE ÁUDIO

48

Cápsula Grado Prestige Gold2

54

Dispositivo eletrônico de aterramento Sunrise Lab Magicscope Ground Link - série Reference e Quintessence

### ▼ TESTES DE ÁUDIO

58

TV Samsung 55Q70

### ● DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: Astor Piazzolla - argentino, 'tanguero' e, sobretudo, músico

66

Bibliografia: Astor Piazzolla - O Tango Novo

74

Discografia - Astor Piazzolla - O Tango Novo - Vol. 17

78

### □ ESPAÇO ABERTO 82

Em que momento termina o gosto pessoal e entra o correto?

### □ VENDAS E TROCAS 86

Excelentes oportunidades de negócios



# VENDA DE CD ESTÁ CAINDO TRÊS VEZES MAIS RÁPIDO DO QUE O LP ESTÁ CRESCENDO

**XX** Fernando Andrette  
fernando@clubedoaudio.com.br

Esta notícia foi divulgada nas principais mídias do mundo na semana passada. Lendo o título da matéria apenas, pode-se ter a impressão que o LP voltou ao topo das mídias físicas, 33 anos depois de ser desbanhado pelo CD. Mas não é bem assim. Basta olhar para os números divulgados pela RIAA (Associação Americana da Indústria de Gravações) para entender que o LP irá provavelmente passar o CD em termos de faturamento, e não de volume de unidades. Os números divulgados do primeiro semestre falam de US\$ 224 milhões faturados com a venda dos bolachões, contra US\$ 247 milhões de vendas de CDs. Mas o LP, em termos de unidades, está muito distante: 8,6 milhões de unidades, contra 18,6 milhões de CDs. E o que chama muito a atenção, é que somando LPs e CDs vendidos, estes números representam apenas 4% do faturamento total do primeiro semestre. Os serviços pagos de streaming continuam ferozmente abocanhando o mercado, integralmente. Então o que esses números nos mostram? O óbvio: que tanto o LP como o CD serão, nas duas próximas décadas, nichos de mercado. Que deve se estabilizar em torno de 10 milhões de consumidores que não irão abrir mão de possuírem mídia física de seus artistas preferidos. E o maior fenômeno que estamos vendo no momento (parece digno daquele personagem do Jô Soares: o general que esteve em coma por um tempo e quando acorda vê o mundo a sua volta completamente mudado) é o fechamento de inúmeras fábricas de CD, para o ressurgimento de fábricas de LP (no último relatório da RIAA, até 2020 serão mais seis fábricas em funcionamento, totalizando 126 fábricas). Ou seja, atenta às mudanças de mercado e ao valor do LP, que é o dobro do valor do CD, as gravadoras estão apostando alto nesta nova tendência. E razões não faltam para as gravadoras incentivarem o ressurgimento do vinil em larga escala, pois é a mídia que cresce a números superiores a 10% ano após ano - 2019 fechará com um crescimento de 12,9%, repetindo praticamente o feito de 2018, que fechou em 12%. E números como este, em uma economia global andando de lado, são para comemorar. E que peso este movimento tem para o mercado hi-end? Um impacto enorme, que já vemos ocorrer há mais de cinco anos. Um crescimento vertiginoso na venda de eletrônicos já preparados para as novas plataformas digitais, e um volume de vendas de toca-discos e cápsulas crescente e consistente. E a produção e opções cada vez mais restritas de CD-Players e Transportes. É o mercado se adequando às novas tendências. E, a meu ver, o crescimento na venda de LPs só não é maior devido a ganância das gravadoras em insistirem em colocar

a venda do vinil a preços estratosféricos, pois se fossem menos gananciosos, o volume de vendas já teria passado de 12 milhões de unidades ano! Pois, segundo a própria RIAA, as 120 fábricas já existentes dariam conta de fabricarem 10 milhões de novos discos ano! Os dados da Associação Americana não estão levando em conta o mercado chinês, que nos últimos anos também voltou a produzir LPs para o seu público, e começa em passos tímidos a apresentar seus 'LPs Audiófilos' em feiras internacionais, como a de Denver que acabou de ocorrer.

São notícias importantes para o mercado hi-end, pois a definição de como o mercado de música se comportará na próxima década, permite um planejamento de longo prazo, com um olho nos novos potenciais consumidores e nos já existentes. Eu não compartilho da ideia de que o hi-end está morrendo. Pelo contrário, acho que apenas está passando por um momento de transição. Sinto exatamente este fenômeno, com a passagem da revista do físico para o digital. Com a ampliação do número de leitores de forma exponencial, o que percebemos é uma aproximação lenta, mas consistente, do leitor que é apaixonado por áudio e vídeo, mas achava que o universo hi-end era inacessível a ele. Então não gastava seu suado dinheiro comprando uma revista que não atendia aos seus anseios de consumo. Agora que ele não tem que usar parte do seu orçamento, ele não só se interessa cada vez mais como também começa a se manifestar e se comunicar conosco. O mercado não reage nunca de forma sólida e sempre na mesma direção. Parece mais como ondas que vão e voltam, e cabe a quem está neste mercado há tanto tempo como nós, compreender como este processo funciona.

Para esta edição, tivemos o privilégio de testar cinco excelentes produtos. Uma caixa hi-end de um dos mais conceituados fabricantes de todos os tempos, o primeiro toca-discos de um fabricante alemão de produtos eletrônicos hi-end, uma cápsula de entrada que irá atender a todos que desejam um setup analógico de alto nível a um baixo custo, um acessório de filtragem de aterramento que diminui o ruído de fundo, ampliando a percepção de microdinâmica e espacialidade e, finalmente, um televisor 4K de alto nível que todos podemos ter em nossa sala de vídeo. Espero que algum desses equipamentos testados, estejam na mira de consumo de todos vocês, amigos leitores.

Ótima leitura a todos!

# PRECISÃO COM ALMA



## HD PREAMP

Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de audio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos a mão, por profissionais altamente gabaritados e construídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

**NAGRA**

Acesse o link e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

**german**  
audio  
[www.germanaudio.com.br](http://www.germanaudio.com.br)



### SEMP TCL APRESENTA SEUS NOVOS LANÇAMENTOS DE ÁUDIO E VÍDEO



**TCL X10S**

Visando o aumento de vendas para o fim de ano, a Semp TCL disponibilizará ao consumidor seus melhores lançamentos deste segundo semestre.

O pacote de novidades vai desde televisor 8K, 4K e caixas de som com conexão bluetooth.

Com preços realmente competitivos em relação a concorrência, a Semp TCL mostra que virá muito forte neste último trimestre do ano.

Confira abaixo a linha de produtos e seus preços.

#### TCL X10S

A Android TV 8K com inteligência artificial lançamento da TCL apresenta microfone embutido que responde a comandos de voz a distância, utiliza a tecnologia QLED, possui tela ultrafina sem bordas, é equipada com um soundbar Dolby Atmos e detém conectividade por Bluetooth e Chromecast.

Preço: R\$ 22.999



**TCL P8M**

Comporta as tecnologias de tela HLG e Micro Dimming. Ela funciona pelo Google Assistente integrado e pela AI-IN da TCL, a plataforma integrada de inteligência artificial da TCL (AI), que permitem que os usuários façam perguntas, descubram o melhor conteúdo e controlem dispositivos inteligentes pela casa com a voz.

Preços: R\$ 2.399 (50") / R\$ 2.999 (55") / R\$ 4.499 (65")



### TCL P8S

Esse modelo também funciona pelo Google Assistente integrado e pela AI-IN da TCL, a plataforma integrada de inteligência artificial da TCL (AI). A TV conta com qualidade de imagem vívida suportada pelas novas tecnologias de tela HDR10+ e HLG, além da tecnologia de ampla gama de cores, e vem com Áudio Dolby e áudio Bluetooth.

Preço: R\$ 2.599 (50") / R\$ 3.199 (55") / R\$ 4.699 (65")



### TCL C6

Chegou para proporcionar experiência 4K sem igual. Com esse modelo o consumidor pode controlar todos os dispositivos utilizando um simples comando de voz em seu controle remoto. Essa Android TV ainda conta com Chromecast built-in, conexão via bluetooth, tecnologia High Dynamic Range (HDR), que garante conteúdo com um padrão superior de contraste, brilho e detalhes realistas e cores mais vivas. O sistema de som contém 4 altofalantes, que combinados com o som Dolby Digital proporcionam qualidade sonora e nitidez.

Preço: R\$ 3.399 (55") e R\$ 4.999 (65")



### TCL S6500

Esse modelo conta com sistema operacional Android e Google Assistant integrados e usa a tela FHD. O sistema de som é oferecido pela tecnologia Dolby e traz uma experiência imersiva de som surround 5.1 com decodificador Dolby. Os usuários ainda podem obter aplicativos facilmente através da Android TV e do Google Play Store por meio de um simples comando de voz.

Preço: R\$ 1.199 (32") / R\$ 1.499 (40") / R\$ 1.699 (43")



### SEMP SK6200

Essa Smart TV conta com resolução 4K, com a tecnologia High Dynamic Range (HDR) que garante conteúdo com um padrão superior de contraste, brilho e detalhes realistas e cores mais vivas. Não utiliza tecnologia wrgb, que possui subpixel branco e diminui a qualidade de cor e resolução da TV 4K, e seu design slim é moderno e arrojado, com bordas finas para valorizar ainda mais as imagens da TV.

Preço: R\$ 1.999 (49") / R\$ 2.799 (55")



### SEMP S3900

Com essa Smart TV o consumidor tem acesso a uma enorme variedade de conteúdos streaming em HD e Full HD e ainda conta com conversor digital integrado. Além disso, o modelo apresenta Wi-Fi integrado e receptor de sinal digital integrado.

Preço: R\$ 1.099 (32") / R\$ 1.399 (39") / R\$ 1.599 (43")

## NOVIDADES



### Caixinha de som BS12A

Apresenta sistema de áudio stereo, som em 360°, 12 W de potência, design e totalmente à prova d'água (IPX7) que permite utilizá-la na chuva, na praia ou à beira da piscina sem preocupação. O modelo BS12A é compacto, leve, prático e tem bateria recarregável com a duração de 8 horas.

Preço: R\$ 399



### Caixinha de som BS30B

O aparelho traz um moderno sistema de áudio stereo com 30 W de potência e totalmente à prova d'água (IPX7), que permite utilizá-la na chuva, na praia ou à beira da piscina sem preocupação. É compacto, leve, prático e possui bateria recarregável com autonomia de funcionamento de até 10 horas. Possui design diferenciado com acabamento em borracha e conexão bluetooth.

Preço: R\$ 599



### Caixa de som TR150B

Com 150 W de potência, o aparelho possui conectividade via bluetooth, entrada para USB, entrada para microfone, e sintoniza rádio FM. A bateria tem duração de até 3 horas e ainda é possível utilizar uma iluminação especial.

Preço: R\$ 429



### Caixa de som TR250B

Essa caixa dispõe de 250 W de potência, conexão via bluetooth, entrada USB, entrada microfone, iluminação especial e a bateria tem até 4 horas de duração.

Preço: R\$ 749



### Caixa de som AL250A

Com qualidade de som, esse minisystem possui 250 W de potência, conectividade via bluetooth, entrada USB, sintoniza rádio FM e ainda conta com iluminação especial.

Preço: R\$ 649

Para mais informações:  
TCL  
[www.tcl.com.br](http://www.tcl.com.br)



*where Swiss Precision Meets Exquisite Refinement*

## CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry

  
**FERRARI**  
TECHNOLOGIES  
Áudio, Vídeo e Acústica

[www.ferraritechnologies.com.br](http://www.ferraritechnologies.com.br)  
Telefone: 11 5102-2902 • [info@ferraritechnologies.com.br](mailto:info@ferraritechnologies.com.br)



## SAMSUNG APRESENTA NOVA TV THE FRAME, QUE ALIA ENTREGA PERFEITA DE ARTE À QUALIDADE DE IMAGEM QLED



*A The Frame é TV quando ligada e obra de arte quando desligada. O modelo dá acesso a mais de 1000 obras dos principais museus e artistas do mundo.*

A chegada da nova The Frame TV 55 polegadas ao mercado brasileiro expande o uso padrão de um televisor para muito mais que isso: trata-se de um conceito de obra de arte, uma vez que, quando desligada, ao invés da tradicional tela preta, a TV exiba pinturas e fotografias de artistas renomados do mundo todo. A Samsung traz a novidade ao Brasil, que teve sua primeira versão lançada em 2017, com um plus: a tecnologia QLED.

A The Frame conta com a Coleção Samsung, que inclui 20 diferentes obras cuidadosamente selecionadas por especialistas em artes que estão pré-carregadas na TV e podem ser acessadas a qualquer momento, inspirando o consumidor na decoração da casa. Já na Art Store4, é possível desfrutar de uma galeria online exclusiva com mais de 1000 conceituadas obras de arte, desde Monet até Kandiski por uma assinatura mensal de R\$16 que dá acesso a todo o conteúdo, ou R\$66 pela compra de uma única obra.

No robusto conjunto de obras de arte da The Frame, podemos encontrar pinturas de importantes museus e galerias internacionais, entre eles Albertina (Áustria), Tate (Inglaterra) e The Berlin Museum (Alemanha). Quanto aos artistas, vale destacar o fotógrafo brasileiro Araquém Alcântara, um dos precursores da fotografia de natureza no Brasil. O fotógrafo possui mais de 53 livros publicados e mais de 9 prêmios. Na Art Store, Araquém possui 11 obras disponíveis e três delas estão entre as top 100 de acesso globalmente.

Além da proposta artística da The Frame, o design é outro diferencial do modelo. O produto conta com a Única Conexão, que evita a bagunça de cabos por ter só um cabo fino e quase transparente que sai da TV e a conecta ao One Connect – central de conexões externa que, inclusive, leva energia ao aparelho. O suporte de parede No Gap<sup>2</sup> está incluso e deixa a TV parecendo um quadro pois possibilita que ela seja fixada quase sem espaço com a parede e, a instalação é tão fácil que é possível ajustar o ângulo mesmo depois que ela for concluída.

Para potencializar ainda mais a sensação de efeito quadro, a The Frame conta com molduras customizáveis vendidas separadamente, ▶

# Não é mágica, é Ciência!

que deixam a decoração ainda mais estilosa. Elas permitem ao consumidor personalizar a TV de acordo com seu gosto, pois se encaixam nas bordas da tela perfeitamente, de maneira magnética, como um imã. As opções de cores são: preta, branca, madeira e bege.

Além de todos os benefícios, a The Frame traz uma incrível qualidade de imagem, graças a tecnologia de pontos quânticos<sup>6</sup>, que entrega 100% do volume de cor em qualquer conteúdo, sem chance de desgaste com o tempo. Por isso, como toda a linha que conta com a tecnologia QLED, a The Frame tem dez anos de garantia contra o efeito burn-in<sup>7</sup>.

“A Samsung se preocupa em levar aos consumidores muito mais que produtos com alta tecnologia, mas sim um estilo de vida que combine design, produtos elegantes e inovadores, sempre prezando pela qualidade de imagem. Por isso estamos lançando uma nova versão da The Frame ao mercado brasileiro, um produto que é uma das grandes inovações da companhia ao longo dos anos e que fará com que sejamos lembrados como a empresa que transformou a caixa preta da TV em uma obra de arte”, afirma Gustavo Assunção, Vice-Presidente da divisão de Consumer Electronics da Samsung Brasil.

A The Frame chega ao mercado a partir de outubro e tem preço sugerido de R\$ 6.999,00. ■



Para mais informações:  
Samsung  
[www.samsung.com.br](http://www.samsung.com.br)



Peça uma demonstração dos  
produtos da Magis Audio, e  
descubra o salto que o seu  
sistema de áudio e vídeo  
pode dar.



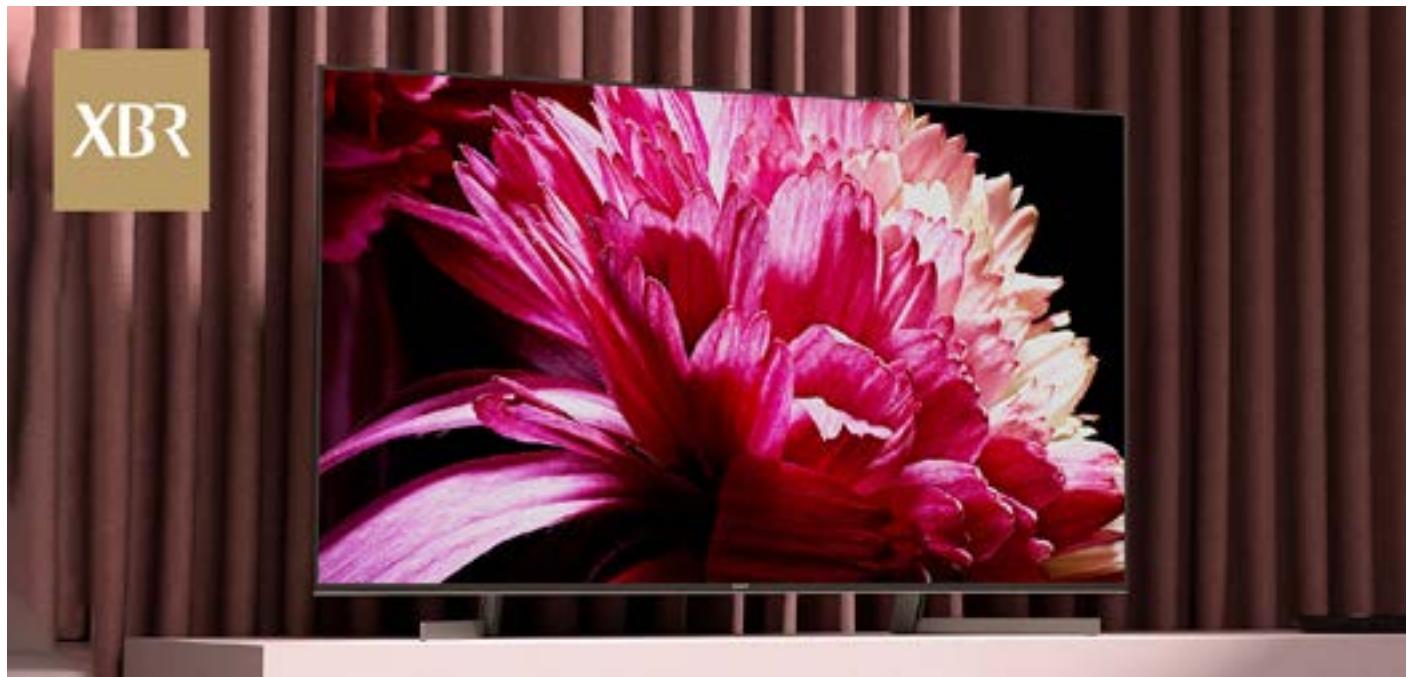
**MAGIS AUDIO**

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930

[duvidas@magisaudio.com](mailto:duvidas@magisaudio.com)

[www.magisaudio.com](http://www.magisaudio.com)

**SONY APRESENTA SUAS NOVIDADES PARA O NATAL****XBR-75X955G**

Pode parecer cedo para muitos a apresentação de seu portfólio para uma data a ser comemorada daqui a três meses, mas em momentos de estagnação econômica como a que vivemos, adiantar em relação a concorrência, pode ser uma boa estratégia.

A Sony aposta que o consumidor irá optar por presentes que agreguem toda a família e disponibilizará sua melhor linha de Sound Bar para quem deseja um upgrade em seu Home Theater e nos seus novos televisores de Led 4K de 55, 75 e 85 polegadas.

Vale a pena conferir as ofertas para este final de ano.

**Smart TV LED 4K UHD HDR AndroidTV XBR-75X955G**

Descubra um mundo rico em detalhes e cores com esta TV 4K HDR com Processador de imagem X1™ Ultimate. As imagens são perfeitamente combinadas com o nosso Acoustic Multi-Audio™ mais recente.

- X-Tended Dinamic Range Pro e X-Motion Clarity: Exclusivas tecnologias para movimentos e alto contraste
- Acoustic Multi-Audio: Experiência de áudio imersiva e envolvente
- AndroidTV: Uma TV inteligente de verdade
- Netflix Calibrated Mode e X1 Ultimate: Exclusiva calibração de imagens

Preço: 55' R\$ 7.399

65' R\$ 11.299

75' R\$ 19.999

85' R\$ 35.999

**Smart TV 55" LED 4K UHD HDR AndroidTV XBR-55X855G**

Filmes e programas transparecem toda a emoção nesta TV 4K HDR, combinando o poder do nosso Processador 4K HDR X1™ com o Acoustic Multi-Audio™.

- Triluminos Display: Imagens mais vivas e reais
- AndroidTV: Uma TV inteligente de verdade

- Acoustic Multi-Audio: Experiência de áudio imersiva e envolvente
- Processador 4K HDR X1™: Exclusivo processador de imagens

Preço: R\$ 6.399



#### **Sound Bar com função Home Theater HT-S700 de 5.1 canais com tecnologia Bluetooth**

O HT-S700RF é uma Soundbar com função Home Theater de 5.1 canais com potência total de 380 W RMS excelente para trazer o som de cinema para dentro da sua casa. Basta posicionar as caixas e conectar o cabo HDMI ARC na sua TV para sentir o som envolvente como se você estivesse dentro do filme ou em seus shows preferidos.

- Subwoofer de 140 W RMS para graves impactantes
- Traz o som envolvente do cinema
- Caixas traseiras tipo tall boy (torre)

Preço: R\$ 3.999



#### **Sound Bar única de dois canais HT-S100F com tecnologia Bluetooth®**

Assista aos seus programas televisivos preferidos com qualidade de som aprimorada, oferecida por meio de uma Sound Bar de dois canais com alto-falante Bass Reflex. O design fino da S100F se encaixa perfeitamente em sua casa e combina confortavelmente com qualquer interior.

- Alto-falante Bass Reflex
- HDMI ARC de um cabo
- Transmite com tecnologia Bluetooth®
- Conecte-se via USB

Preço: 599

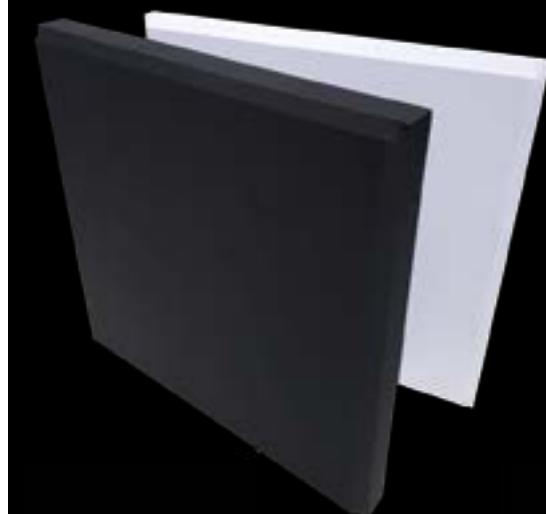
Para mais informações:

Sony

[www.sony.com.br](http://www.sony.com.br)



**Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!**



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



**hi-fi eXperience**

[www.hifiexperience.com.br](http://www.hifiexperience.com.br)



## HI-END PELO MUNDO



### PRÉ DE LINHA MCINTOSH C2700

A célebre empresa norte-americana McIntosh Labs apresentou seu mais recente pré-amplificador de linha valvulado estéreo, o modelo C2700, que vem equipado com o DA2 Digital Audio Module, que também integra outros produtos da empresa. O DA2 possui sete entradas digitais, que incluem coaxial, ótica, HDMI para retorno de áudio e USB, e converte PCM 24-bit/192 kHz e DSD512. A seção de pré-amplificação do C2700 - que utiliza válvulas 12AX7a e 12AT7 - vem equipada com entradas analógicas balanceadas e RCA, assim como entradas phono MM e MC. O preço do C2700 é de US\$ 8.000, nos EUA.

[www.mcintoshlabs.com](http://www.mcintoshlabs.com)

### RACK RF DA NSR AUDIO

A empresa chinesa NSR Audio, através de sua marca Vibrato, possui uma completa linha de prés, powers, integrados, players e caixas acústicas, além de racks e pedestais. Seu mais novo produto é o rack RF The Ultimate Reference, cujos preços a empresa afirma serem sua capacidade de aceitar equipamentos de qualquer peso, a impossibilidade de ajuste de altura (o que diminuiria a solidez estrutural), e a possibilidade de upgrades e customização. O preço do rack RF The Ultimate Reference ainda não foi divulgado.

[www.nsraudio.com](http://www.nsraudio.com)



### SACD PLAYER GRANDIOSO K1X DA ESOTERIC

O mais recente SACD Player da japonesa Esoteric é o modelo K1X que traz, segundo a empresa, duas revoluções - além de uma série de recursos e características de construção. A primeira é a nova mecânica de transporte VRDS-ATLAS, pesada e sólida para a eliminação da vibração da rotação do disco, além de sua própria vibração mecânica. A segunda é o DAC Master Sound Discrete, que usa um circuito discreto em vez de chips para a conversão, trazendo, segundo o fabricante, toda a dinâmica e energia da música. O preço do SACD Player K1X Grandioso da Esoteric ainda não foi divulgado.

[www.esoteric-usa.com](http://www.esoteric-usa.com)





## DAC BRYSTON BDA-3.14

A conhecida marca canadense Bryston está introduzindo seu novo DAC, modelo BDA-3.14, que converte PCM 32-bit/384 kHz e DSD 4x, com entradas HDMI, USB assíncrona, AES/EBU, ópticas e coaxiais. Além disso, o 3.14 tem um player streaming embutido que acessa Tidal, Qobuz e Roon e que é controlado por smartphones, tablets ou pelo computador, e que se conecta internamente com a placa de DAC através de I²S. O BDA-3.14, que também tem controle de volume digital que permite ligá-lo direto à um power, tem o preço de US\$ 4.195, nos EUA. ■

[www.bryston.com](http://www.bryston.com)

## AMPLIFICADOR INTEGRADO STREAMER PMA-150H DA DENON

O novo amplificador integrado streamer da japonesa Denon, modelo PMA-150H, traz conexões digitais por Bluetooth, óptico, coaxial e USB, sendo que algumas destas convertem até PCM 32-bit/384 kHz e DSD 11.2 MHz, além de reproduzir música via wi-fi, Apple Airplay 2, Spotify Connect, Deezer, Tidal e outros - através de sua tecnologia embutida HEOS. O PMA-150H também possui entradas analógicas, saída para subwoofer e para fone de ouvido, e tem uma potência de saída de 70 W por canal em 4 Ohms. O preço do PMA-150H é de US\$ 1.099, nos EUA. ■

[www.denon.com](http://www.denon.com)



## MERIDIAN 210 STREAMER

A britânica Meridian Audio, famosa por suas fontes digitais, além do formato de áudio e tecnologia MQA, está lançando o 210 Streamer, um transporte digital com conexões USB storage (para pen-drivers e HDs externos), Bluetooth, wi-fi, DLNA/UPnP e Roon Ready - controlado por aplicativo para smartphone ou tablet. O 210 Streamer pode tanto se conectar com outros equipamentos da marca, como pode ser usado ligado à qualquer DAC do mercado. O preço do transporte Meridian 210 Streamer é de 800 Libras, no Reino Unido. ■

[www.meridian-audio.com](http://www.meridian-audio.com)



Cincinnati Symphony Orchestra apresenta Ravel

# OS SINTÉTICOS, OS ANALÍTICOS, EU E VOCÊ



Fernando Andrette  
fernando@clubedoaudio.com.br

Todos temos nossas crenças e centenas de perguntas sem respostas. E, no fundo, se não nos policiarmos, sempre desejaremos que o mundo todo caiba em nossas teorias e desejos. Tenho que voltar ao tema do Opinião do mês passado, em que falamos da 'teoria' da curva de audição individual, mas agora avaliando uma outra vertente do mesmo tema: o ouvido dos sintéticos e analíticos.

O físico e matemático alemão, Hermann Von Helmholtz (1821 - 1894), descreveu em seu livro *Sobre As Sensações do Tom como uma Base Psicológica da Teoria da Música*, que as diferenças da percepção humana com relação a audição são que existiriam dois grandes grupos, que seriam os Sintéticos e os Analíticos.

Os Sintéticos teriam a tendência de ouvir mais as fundamentais e os Analíticos mais os harmônicos. Essa teoria caiu em ostracismo até que o Dr. Peter Schneider, responsável pelo Departamento de Biomagnetismo da Universidade de Heidelberg, resolveu realizar diversos estudos para comprovar que a percepção auditiva do homem pode ser extremamente distinta de um indivíduo para o outro.

Até aí, nada absolutamente de novo em relação à centenas de estudos sobre a percepção auditiva humana, de que cada indivíduo percebe distintamente tons e sons. O que o Dr. Peter Schneider quis mostrar com seus estudos é que suas conclusões deveriam servir como fonte de orientação para a produção de produtos desenvolvidos

para cada um desses dois grupos, e disponibilizou até exames para cada um descobrir se tem uma percepção sintética ou analítica.

Foi a deixa para que muitos saíssem utilizando esta teoria como parâmetro para defender que, como cada um escuta diferentemente, não é possível haver consenso entre um distinto grupo de ouvintes em relação a um produto ou sistema. E um dos autores que defendem esses estudos (talvez empolgado com as avaliações do Dr. Schneider), ‘ufanisticamente’ defende em seu artigo que, com tamanha descoberta revolucionária, foi “realizada uma pesquisa entre os dois grupos, quanto à preferência de marcas de equipamentos como: receivers, caixas acústicas, toca-discos, CD-Players, integrados, e que se chegou a resultados surpreendentes”. Assim, uma certa marca de caixas acústicas atende ao grupo dos Sintéticos e atualmente existem produtos para todas as faixas de gradação de Sintéticos como de Analíticos!

#### UAU!

E para fechar com chave de ouro, ele nos informa que revistas especializadas em áudio também aplicam o teste para os candidatos a Revisores Críticos de Áudio, para saber se eles estão aptos ou não para o cargo. E termina sua conclusão com a seguinte frase: “O alcance destas descobertas trará uma grande mudança no marketing (ué, já não está ocorrendo, segundo sua constatação acima?) e no projeto de equipamentos de áudio, cuja extensão ainda não dá para visualizar totalmente hoje”.

Antes de iniciar minha explanação, volto a lembrar que cada um pode acreditar, defender e se expressar como desejar. E ninguém tem nada com isto. Mas apresentar como uma ‘descoberta revolucionária’ me parece algo bastante prematuro.

Então vamos às perguntas que não querem se calar: por que o autor da matéria não apresenta que o próprio Dr. Schneider disse acreditar que ambos os grupos podem aprender a ouvir as fundamentais (no caso dos Analíticos) e os harmônicos (no caso dos Sintéticos)? Minha resposta é óbvia: se fosse citado este ‘pequeno detalhe’, todo o peso da ‘descoberta revolucionária’ viria ao chão!

Outra questão: se realmente foi realizada essa pesquisa pela indústria de áudio, com ambos os grupos, por que não foi publicado em nenhuma revista especializada, de economia ou de neurociência, afinal seria uma pauta e tanto de interesse em vários segmentos, e com inúmeros desdobramentos em diversas áreas!

E, por fim, mas tão relevante quanto: que revistas de áudio aplicam o teste para a escolha de seus futuros RCA (Revisores Críticos de Áudio)?

Certamente tamanha descoberta deveria vir recheada de argumentos e fatos, e a possibilidade de entrevistas com os projetistas

que estão aplicando todo este novo conhecimento no desenvolvimento de seus produtos.

Senhores, vivemos realmente tempos muito sombrios, pois a humanidade nunca avançou tanto em diversas áreas essenciais para o desenvolvimento humano e, no entanto, vivemos ainda consumindo uma série de conclusões apressadas, e pseudocientíficas.

A resposta às minhas três indagações é que o estudo do Dr. Schneider é apenas um estudo com seu interesse limitado ao círculo acadêmico, pois o próprio autor descobriu que a capacidade do ser humano de aprender e ampliar sua percepção auditiva permite que um indivíduo que nasceu em um determinado grupo, se desejar, possa fazer em qualquer momento a transição para o outro grupo.

Então não há nenhuma descoberta bombástica na forma como eu, você e todos que não possuem deficiência auditiva grave e degenerativa, podem desenvolver sua percepção auditiva e aprender a reconhecer o certo do errado!

Mas, buscando sempre apresentar em nossas opiniões, materiais que possam ser utilizados por todos que desejam ampliar sua percepção auditiva, este mês proponho um desafio bem interessante: descobrir a sonoridade de todos os instrumentos que solam na obra Bolero, de Ravel.

Acredito que muitos (entre os mais velhos), saibam em detalhes todos os instrumentos solistas nesta obra, mas ainda assim descobrir o timbre de cada instrumento e perceber como Ravel trabalhou tão brilhantemente a sequência de solos é um desafio sonoro extremamente prazeroso!

Para ajudar aos que nunca ouviram com tamanha atenção esta obra, que leiam e acompanhem o áudio da matéria publicada por Antonio Cueto Jr, postado em 17 de julho de 2012, em que o autor nos mostra com absoluta precisão o histórico de cada um dos instrumentos solistas. Bolero foi escrito por Maurice Ravel (1875 - 1937) para a dançarina Ida Rubinstein, e sua estreia ocorreu em 1928. Era uma obra com menos de 20 minutos, que se passava em uma taberna na Espanha e que a dançarina animada com o crescendo dinâmico, mostrava todas as suas habilidades sobre uma mesa. Ravel decidiu que a obra teria uma melodia em duas partes, que ele chamou de A e B, e ambas repetem várias vezes. Em um crescendo que começa no pianíssimo e vai até o gran finale em um fortíssimo. E a cada repetição da melodia, um novo instrumento solo (ou vários) apresenta os temas A e B. A parte rítmica não se altera enquanto os instrumentos vão sendo apresentados, o que coloca o público em total catarse com a obra, do começo ao fim.

Então vamos iniciar esta jornada até conhecer todos os instrumentos solistas.

John Singer Sargent: *El Jaleo*

O primeiro instrumento solo é a flauta, seguida pelo clarinete em Si Bemol, fagote que toca pela primeira vez a segunda parte da melodia (a parte B). O que é interessante é que a escolha de Ravel por todos os primeiros 5 instrumentos solistas foi por instrumentos da família das madeiras, mudando somente no sexto instrumento solo (já, já chegamos lá).

O quarto solista é o clarinete em Mi Bemol, que repete a segunda parte da melodia (parte B). Aqui, o leitor atento já deve ter notado as diferenças entre o clarinete em Si Bemol e o em Mi Bemol. É que a orquestra emprega 4 tipos de clarinete (Lá, Si bemol, Dó e Mi bemol), fora o clarone (o com som mais grave de todos da família do clarinete).

O quinto solista é o Oboé D'Amore, que na verdade é um parente do oboé, afinado em Lá. O D'Amore possui um timbre um pouco mais grave do que o oboé tradicional, e é muito utilizado em obras musicais do período Barroco. Nesta obra, Ravel utilizou os três oboés e também o corne inglês, mas não nos solos individuais.

E, finalmente, repetindo pela segunda vez o tema A, ouvimos um instrumento da família dos metais junto com um da família das madeiras: trompete com surdina e flauta.

O sétimo solista, voltando ao tema A, é o saxofone tenor. Ravel utilizou nesta obra três tipos de saxofone: soprano (o menor de

todos dos saxofones), o soprano e o tenor. E ambos (soprano e soprano) solam o tema B na sequência do sax tenor.

O leitor que possua um sistema com excelente equilíbrio tonal, textura e dinâmica, irá se maravilhar com as nuances e diferenças no timbre dos três saxofones, assim como a precisão (se o sistema permitir) no foco e recorte na apresentação do trompete com surdina e da flauta.

A partir da volta ao tema A, na nona entrada do solista, Ravel complica a vida de todos nós, pois aqui não será um solista, mas quatro! Trompa, 2 flautins e celesta (instrumento que está entre o piano e o cravo). Aqui Ravel brinca com os nossos ouvidos e mostra toda sua genialidade em arregimentação e conhecimento dos timbres dos instrumentos. Imaginamos que a trompa fatalmente iria dominar o solo com seu timbre e isto não ocorre, pois Ravel brilhantemente aplica as frequências harmônicas dos quatro instrumentos soando juntos, para não deixar a trompa se sobressair! O segredo foi colocar instrumentos agudos (2 flautins) justamente por cima dos harmônicos da trompa, alterando seu timbre!

A trompa toca a melodia em solo em Dó Maior, a celesta toca as mesmas notas uma oitava acima (1 harmônico) e duas oitavas acima o (3 harmônicos). O primeiro flautim toca as mesmas notas uma oitava e meia, e o segundo flautim duas oitavas e meia, acima da trompa.

O detalhe é que, se os instrumentos mais agudos que a trompa (flautins) não tocarem suavemente, o efeito será catastrófico (aí, o leitor pode ter uma ideia exata de como o maestro é essencial, para fazer soar corretamente essas ‘pontuações’ feitas pelos compositores em suas obras).

Querendo desafiar quem realmente conhece todos os instrumentos de uma orquestra, Ravel vai ainda mais longe. Na décima entrada dos solistas a repetir a melodia A, misturando: oboé, Oboé D’Amore, corne inglês e dois clarinetes.

Quantos sistemas ditos hi-end conseguem reproduzir com precisão, foco, recorte e arejamento esta décima entrada? E quantos de vocês leitores reconhecem esses quatro instrumentos tocando em uníssono e conseguem memorizar esta composição de timbres?

Sabendo que inúmeros ouvintes ficaram desconcertados com suas ‘pegadinhas’, Ravel alivia e coloca um único instrumento solo na décima primeira entrada novamente no tema B. O trombone, produzindo glissandos que enchem a sala de audição (e nas melhores gravações desta obra) permitindo ouvirmos até o rebatimento nas paredes se a gravação captou corretamente este solo.

Aí Ravel muda o crescendo e, na décima segunda entrada, ainda no tema B, coloca grande parte da família de madeiras: duas flautas, dois flautins, dois oboés, um corne inglês dois clarinetes e um saxofone tenor. Neste crescendo, percebemos no final deste décimo segundo solo, a entrada pela primeira vez do timpano, reforçando a parte rítmica.

Voltando ao tema A, eis que surge pela primeira vez os primeiros violinos em conjunto com duas flautas, um flautim, dois oboés e dois clarinetes. Como o seu sistema está se comportando? E sua atenção? Você consegue ouvir o todo do tema A e, ao mesmo tempo, reconhecer cada um dos instrumentos solo?

Na décima quarta entrada, repetindo o tema A, temos: primeiros e segundos violinos (o que faz o corpo sonoro da orquestra crescer vertiginosamente), com os seguintes instrumentos de sopros: duas flautas, dois clarinetes e dois fagotes.

Seu sistema comporta este crescimento da massa sonora?

Ou você já teve que começar a baixar o volume?

Na mudança do tema para B na décima quinta entrada, temos: violinos (primeiros e segundos) e duas flautas, um flautim, dois oboés, um corne inglês e um trompete. Preste bem atenção, amigo leitor: quando o tema B caminha para as notas mais graves, o flautim (por não alcançar essa oitava mais baixo) é substituído pelo clarone, o trompete pela trompa e os segundos violinos pelas violas!

Seu sistema te apresenta com total inteligibilidade estas passagens?

E, finalmente, na repetição do tema B pela décima sexta vez, temos a entrada dos cellos acompanhados dos violinos (primeiros e segundos) e violas mais os sopros: duas flautas, flautim, dois oboés, corne inglês, dois clarinetes, trombone e saxofone soprano. Aqui, pelo o salto na dinâmica, se o seu sistema não tiver folga, você já terá ajustado o volume para baixo uma ou duas vezes (só os que possuem enorme folga, não terão que ser readjustados o volume para baixo).

Na última apresentação da seção A, na décima sétima entrada, temos como solistas os primeiros violinos, duas flautas, um flautim, três trompetes, um trompete pícolo, saxofone soprano e saxofone tenor. Aqui Ravel nos prepara para o gran finale, não repetindo pela última vez o tema completo A e nem o B. No tema B, pela última vez, temos: primeiros violinos, duas flautas, um flautim, três trompetes, um trompete pícolo, um saxofone soprano, um saxofone tenor e um trombone.

E o tema B é interrompido quando chega na parte dos graves, deslocando o tema para um Mi Maior. E quando retorna a Dó Maior, os instrumentos de percussão entram: bumbo, pratos e tam-tam. E chegamos ao apoteótico finale! Claro que falamos da parte melódica A e B do tema, mas não podemos esquecer das cordas em pizzicato e da caixa do começo ao fim marcando o ritmo para a melodia fluir. Toda essa descrição minuciosa, solo a solo, meu amigo, foi para descrever que a nossa capacidade em aprimorar nossa percepção auditiva/musical, depende exclusivamente de nosso interesse.

E aprender a reconhecer todos os instrumentos de uma orquestra, e ouvir como esses instrumentos soam em nosso sistema, não dependem de avaliação de curva de resposta de nossa audição ou descobrirmos se pertencemos ao grupo de Sintéticos ou Analíticos, ou a qualquer teoria que venham a apresentar a vocês.

Nossa capacidade de aprender a ouvir é infinita, acreditem! E se tivermos referências de instrumentos acústicos armazenados em nossa memória auditiva, seremos capazes de reconhecer imediatamente todas as virtudes e limitações de qualquer sistema de áudio. E podemos fazer este reconhecimento solitariamente ou coletivamente (desde que todos estejam aptos a reconhecer o que está se propendo a escutar).

Todas essas teorias só querem confundir você, e geralmente são formuladas por indivíduos que não conseguiram ajustar adequadamente seus sistemas, esta é a verdade nua e crua!

Mas um exemplo, como sentar para ouvir Bolero de Ravel e reconhecer cada um dos instrumentos solos, coloca por água abaixo essas teorias, pois mostra que todos podem saber e reconhecer a diferença de timbre entre violinos e violas, corne inglês e oboé, flauta e flautim.

## OPINIÃO

E que diferença irá fazer se você escuta mais decaimento em uma nota de um determinado instrumento, ou se escuta mais a fundamental do que os harmônicos dos instrumentos, desde que você os conheça? Nenhuma diferença. Mas se você conhece a sonoridade dos instrumentos e percebe que algo soa 'artificial' em uma reprodução eletrônica, você está no caminho certo. Pois você criou um 'norte', você possui uma Referência Segura, e ninguém pode retirar este conhecimento de você.

Uma obra como a Bolero de Ravel, sozinha, é capaz de lhe dar inúmeros parâmetros de qualquer sistema de áudio. Você poderá avaliar dinâmica (micro e macro), transientes (precisão rítmica da reprodução), texturas (no uníssono de vários instrumentos na repetição do tema A e B), corpo harmônico (na entrada das famílias de instrumentos), palco (foco, recorte e arejamento), e essencialmente o equilíbrio tonal (pela inteligibilidade do timbre de cada um dos instrumentos solos).

E, felizmente, a quantidade de boas gravações desta obra é grande. Evite apenas aquelas muito arrastadas (as versões variam de 13 a 19 minutos). Mas indicarei apenas uma: da gravadora Telarc, em SACD, com o maestro Paavo Järvi e Orquestra Sinfônica de Cincinnati. Se o seu sistema não tocar esta versão, seu sistema, meu amigo, não 'chegou lá'. Pois é uma reprodução 'pêra doce', sem nenhuma dificuldade para um sistema com os oito quesitos da metodologia bem corretos. Pode espernear, e criar todas as teorias possíveis para justificar seu sistema não reproduzir corretamente esta gravação, que não vai colar!

Agora, se você realmente deseja dar um salto em seus conhecimentos e em sua percepção auditiva, comece por fazer o certo: reconhecer como os instrumentos soam e ouvir obras que coloquem seu sistema à prova. Se seguir esta regra óbvia, o tempo perdido com teorias e baboseiras terá chegado ao fim. E todo seu esforço terá valido cada suor, tempo e dinheiro colocado neste hobby! ■

**CONHEÇA OS DOIS SITES UTILIZADOS COMO FONTE DE PESQUISA E TENHA A EXPERIÊNCIA DE OUVIR, SEPARADAMENTE, CADA INSTRUMENTO UTILIZADO EM BOLERO DE RAVEL:**

# EUTERPE

BLOG DE MÚSICA CLÁSSICA



**OUÇA A FAIXA DO CD RAVEL: DAPHNIS ET CHLOÉ - SUITE NO. 2 / PAVANE POUR UNE INFANTE DÉFUNTE / LA VALSE / MA MÈRE L'OYE / BOLÉRO, NO SPOTIFY:**



Faixa 11 - Bolero - Cincinnati Symphony Orchestra



**ESPACOARTEMONICA**

UM ÓTIMO SITE WORDPRESS.COM

DYNAUDIO



# EVOKE

é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamento, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994  
contato@impel.com.br

impel.  
com.br

# DOIS CLÁSSICOS ERUDITOS & UM CLÁSSICO DO ROCK

XX Christian Pruks  
christian@clubedoaudio.com.br

Com esta coluna eu não tenho por intuito abordar gravações consideradas audiófilas - apesar de haver aqui claramente um intuito de mostrar gravações de qualidade técnica superior.

Primeiro porque as gravações audiófilas são, praticamente sempre, de qualidade de gravação superior, então não precisariam ser sugeridas aqui por esse quesito. Segundo porque, infelizmente, muitas das gravações audiófilas que eu encontrei no meu trajeto foram de qualidade musical de gosto duvidoso, ou mesmo inferiores.

A ênfase aqui é em discos que sejam de boa música, bem bolada, bem composta e bem tocada, e que tenham também boa qualidade de gravação - ou seja, material para alimentar nossos sistemas de áudio e nossas almas.

Quando fui selecionar quais discos que sugeri mês passado, de uma maneira inconsciente saiu uma seleção com um rock, um clássico e um world-music. Garanto que apenas selecionei os discos e, depois de escrito o artigo, é que percebi a variedade.

Da mesma maneira, este mês selecionei o que eu achei mais interessante - e o resultado foi: um rock e dois clássicos. Bom, como meu gosto é eclético, procuro ouvir música boa não importando de qual século ela venha, achei a seleção plenamente válida.

Desta feita, temos o rock progressivo eterno do grupo inglês Pink Floyd em seu 'canto do cisne', um clássico barroco tardio pouco conhecido, e um clássico do período do Romantismo, tardio também, de um mestre orquestrador austro-germânico. Ou seja, decentemente variado.

Vamos à eles:



*Pink Floyd - The Endless River*  
(Parlophone/Columbia, 2014)

Todo mundo sabe quem é banda de Rock Progressivo Pink Floyd. Até meu pai, que praticamente só ouvia música clássica, apreciava um bom Pink Floyd de vez em quando. Acho que mesmo quem não gosta de Floyd - se é que isso existe - deve ouvir os melhores discos da banda, escondido, como um tipo de prazer secreto.

Bom, este Pink Floyd - *The Endless River* - é um bicho um pouco diferente. É uma homenagem do líder atual da banda, o guitarrista David Gilmour, ao seu tecladista extraordinário Richard Wright, falecido em 2008.

Primeiro, um pouco da história da banda. Para todos os efeitos, o Pink Floyd começou em 1965, em Londres, na Inglaterra, e acabou oficialmente em 2014 com este disco: *The Endless River*. A formação iniciou-se, pois, com o guitarrista (e depois baixista) Roger Waters se juntando à dois colegas seus, estudantes de arquitetura da Politécnica de Londres: o baterista Nick Mason e o guitarrista (e depois tecladista) Richard Wright - pois teclados ainda não eram, nessa época, instrumentos tão difundidos e usados. Junto com outros amigos, eles formaram o sexteto Sigma 6, o qual apenas tocava no salão da própria faculdade.

Após algumas alterações na formação e nome da banda, entra o guitarrista Syd Barrett, amigo de infância de Roger Waters, e este último passa então permanentemente à posição de baixista. Nasce o nome The Pink Floyd Sound - depois encurtado para apenas Pink Floyd - que homenageia dois músicos de blues dos quais Barrett era fã: Pink Anderson e Floyd Council.

O Floyd logo toma Londres como uma de suas principais bandas underground, o que os leva a assinar um contrato com a célebre gravadora EMI, e ao lançamento de seu primeiro disco: *Piper at the Gates of Dawn*, em 1967. Esse mesmo ano ficou marcado pela, digamos, 'incidental' adesão de Syd Barrett ao consumo exacerbado de LSD - sendo que muita gente ainda credita seus problemas mentais ao uso excessivo dessa droga. Até hoje ninguém, nem a banda, nem amigos, nem médicos, conseguiu afirmar com certeza se o surto mental que tirou Syd Barrett da banda (do convívio social e, depois, da vida) foi causado ou apenas apressado pelo uso extensivo de LSD. O fato é que, antes do fim do ano de 1967, David Gilmour - que era amigo de Barrett de seu tempo em Cambridge - entrou no Pink Floyd na função de guitarrista e principal vocalista, ou seja, no lugar de Syd Barrett.

Acredito que a sonoridade do Pink Floyd, a qual se alterou bastante ao longo dos anos, possa ser dividida basicamente em três períodos. O primeiro é o psicodélico da fase inicial, que produziu cinco álbuns seminais até 1971. O segundo período engloba desde o disco mais celebrado da banda até hoje, um dos campeões de venda de todos os tempos, *The Dark Side of the Moon*, até a saída de Roger Waters da banda ao fim do disco *The Final Cut*, de 1982 - após ter sido o líder quase inconteste da banda nesse período, e ter politizado muito sua sonoridade e temática. A terceira fase, com a resurreição da banda com Gilmour como líder, produziu apenas três álbuns de estúdio: *Momentary Lapse of Reason* (1987), *Division Bell* (1994), e o aqui destacado *The Endless River* (2014).

O primeiro período é tido por muitos, fãs e especialistas, como o mais único e criativo, seminal, sendo provavelmente o maior pilar do Rock Psicodélico, o Floyd mais puro. O segundo período traz uma

experimentação de estúdio e uma elaboração de arranjo e composição como poucas vezes foi visto no rock. E o terceiro período mostra uma banda por vezes mais pop, mas igualmente elaborada e grandiosa - sendo que proveu dois discos duplos ao vivo, e um DVD, todos campeões de venda, que mostram a grandiosidade do 'Maior Espetáculo da Terra - versão Pink Floyd'.

Sempre vai haver um fã da banda que irá lhe dizer porque cada um dos três períodos é melhor do que o outro. E porque o outro, ou outros, "não presta(m)". Eu mesmo considero como se cada período fosse literalmente uma banda diferente - e cada qual tem trabalhos que constarão para sempre no Hall da Fama do Rock Progressivo, e do Rock como um todo.

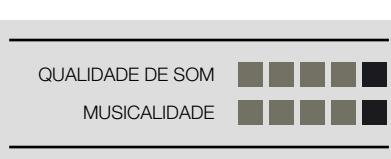
O trabalho do tecladista Richard Wright é, junto com a guitarra de David Gilmour, o que mais identifica a sonoridade geral do Pink Floyd. Tanto que não consigo imaginar, por exemplo, o disco *Division Bell*, de 1994, sem os teclados. Durante a gravação desse disco, Wright começou a trabalhar em um projeto - não concretizado - de gravar um disco só de teclados no estilo Ambient, uma forma de música eletrônica lenta, minimalista e atmosférica. Várias faixas de material desenvolvido para o *Division Bell*, e não usado, têm essa característica e estilo. Algumas até têm participações dos outros membros da banda.

Infelizmente, em 2008, Rick Wright faleceu de câncer, o que levou os membros ativos remanescentes a darem as atividades da banda como encerradas. Interessantemente, Gilmour e o baterista Nick Mason resolveram fazer uma boa triagem do material deixado por Wright na gravação do *Division Bell*, e finalizaram algumas faixas quase prontas, e inseriram sua instrumentação em outras que estavam apenas começadas. Nasceu aí a maior homenagem que seus amigos poderiam dar: um disco praticamente póstumo do Pink Floyd com ênfase no trabalho de teclados de Rick Wright - dando por encerrada, oficialmente, a carreira de uma das maiores bandas do Rock.

*The Endless River* é um disco muito interessante, aliás, e é um pouco diferente do que a banda ofereceu ao público em qualquer um de seus três períodos. É um disco bonito, e muito, muito bem gravado.

Destaque para as faixas *It's What We Do*, *Sum*, e *Talkin' Hawkin'*, dentre várias outras!

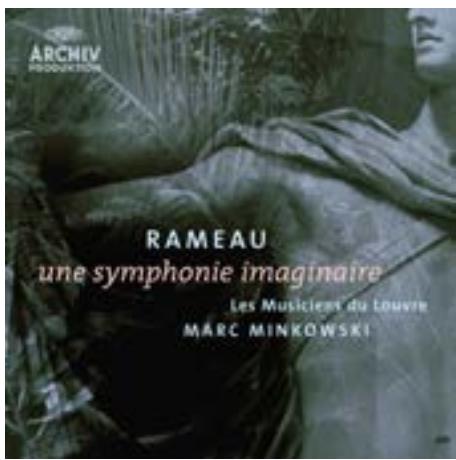
Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Streaming.



## DISCOS DO MÊS



**Rick Wright**



**Rameau - *Une Symphonie Imaginaire***  
(Archiv Produktion, 2005)

Este é um disco interessante, de uma bela música não muito conhecida, e com uma qualidade de som excelente. Ouvi pela primeira vez o SACD, em uma demonstração em um Hi-End Show em São Paulo, anos atrás.

Nascido em Paris, o regente francês Marc Minkowski, juntamente com a orquestra Les Musiciens du Louvre - que ele fundou em 1982 justamente para dedicar-se às execuções com instrumentos de época da música barroca francesa - fez um excelente trabalho arregimentando este disco, que é uma coletânea de peças orquestrais do francês Jean-Philippe Rameau para o teatro de ópera, peças como aberturas, interlúdios e fechamentos de cenas de várias óperas.

Pouco tocado e gravado, o trabalho de Rameau saiu fora de moda no final do século 18, voltando a ser descoberto, apresentado e gravado no século 20. Um orquestrador hábil e consumado, nascido em 1683, só começou a ter seu trabalho reconhecido e mencionado em 1722, quando em Paris publicou um livro de teoria musical chamado *Traité de l'Harmonie Réduite à ses Principes Naturels*, que estabeleceu sua reputação. Logo suas peças para cravo e, subsequentemente, suas composições operísticas - as quais ele começou a compor quando já com meia-idade - passaram ser executadas e difundidas por toda a Europa. ▶

Sua vida anterior ao sucesso do livro, entretanto, permanece sendo bastante misteriosa. Dizia-se que mesmo sua esposa, Marie-Louise Mangot, pouco sabia dos detalhes da vida pregressa do compositor. Filho de um organista, Rameau aprendeu música antes de ler e escrever, tendo trabalhado também como organista em Dijon, onde nasceu, depois Lyon e Clermont-Ferrand. Em 1720 mudou-se definitivamente para Paris onde, efetivamente, começou sua carreira como compositor.

Considero a música de Rameau muito interessante porque, apesar da estrutura e forma antigas para a época - já no final do período barroco - as técnicas de composição são mais modernas, consideradas até inovadoras para a época, parecendo para muitos que o trabalho dele era até revolucionário, com suas harmonias complexas.

A 'Symphonie Imaginaire' compilada por Minkowski é excelente porque, além de ser uma mostra bastante completa, uma visão geral, do trabalho de Rameau, foram peças musicais muito bem escolhidas pois, realmente, acabam juntas parecendo uma obra orquestral só, mostrando a coesão do portfólio do artista.

Quanto à gravação, *Une Symphonie Imaginaire* usa músicos de primeira categoria, com instrumentos de época, e uma captação moderna com grande dinâmica e a excelente ambiência do belíssimo Théâtre de Poissy - mostrando até aqui a capacidade dessas obras serem inovadoras dentro de seu gênero. Excelente Super Audio CD, e excelente masterização para a camada PCM.

Destaque para *Ouverture* (da obra *Zais* - faixa 1 do disco), e *La Poule* (da obra *6 Concerts Transcrits en Sextuor* - faixa 11 do disco), particularmente interessantes.

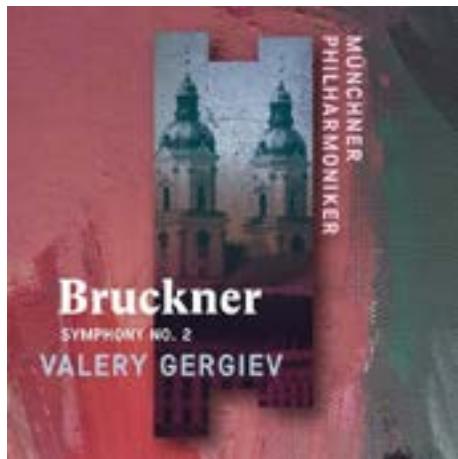
Pode ser encontrado em: CD / SACD / LP / Streaming.

QUALIDADE DE SOM	█ █ █ █ █
MUSICALIDADE	█ █ █ █ █



**Marc Minkowski** ▶

## DISCOS DO MÊS



**Bruckner - Symphony nº 2 - Münchner Philharmoniker - V. Gergiev (2019)**

Em cada regente novo que assume uma orquestra, ou em cada nova orquestra que é montada ou reestruturada, parece fazer parte do *mise-en-scène* ou do 'job description' gravar algumas obras - ou às vezes até ciclos inteiros. Duvido muito da viabilidade comercial dessas empreitadas, e tenho a impressão de que são feitas para mostrar ao mundo da música clássica a capacidade da tal orquestra ou regente, buscando uma espécie de aprovação curricular.

Muitos regentes, ao longo dos anos, claro, fizeram até mais de uma gravação do ciclo completo de sinfonias de, digamos, Beethoven, simplesmente por ego, ou por um tipo de perfeccionismo de achar que 'agora sim, a execução perfeita'. O catálogo das grandes gravadoras está repleto de numerosas gravações da Quinta Sinfonia de Beethoven, ou mesmo da Nona, por exemplo.

O russo Valery Gergiev, certamente um dos grandes regentes da atualidade, não parece ter caído na armadilha de marketing de gravar um ciclo de sinfonias de Beethoven. Principalmente porque Gergiev estudou música e regência, fez a maior parte de sua carreira - solidificou-a aliás - em orquestras e companhias de ópera da União Soviética e, depois, da Rússia. Um exemplo é a Ópera de Mariinsky, de São Petersburgo, da qual é diretor até hoje. A dedicação de seus anos soviéticos - e da maioria dos anos pós-perestroika - parece ser muito mais pela música dos grandes mestres russos, como Rachmaninoff, Stravinsky, Shostakovich e muitos outros. Quando passou a reger orquestras europeias, foi atrás de um repertório bem mais complexo, como é sua excelente regência das sinfonias de Mahler, por exemplo.

Em 2015, Gergiev assumiu como regente titular da Münchner Philharmoniker - a Filarmônica de Munique - uma tradicional e antiga orquestra alemã que já teve em seus quadros grandes nomes como Sergiu Celibidache, Lorin Maazel e James Levine. Um dos trabalhos mais perenes de Gergiev com a orquestra é a gravação do ciclo completo das sinfonias do austríaco Anton Bruckner (1824 - 1896), um dos mestres sinfônicos emblemáticos do período final do Romantismo Alemão - ou, neste caso, Austro-Germânico.

Interessante isso porque, apesar de ser um nome conhecido na música clássica, e parte da discoteca de muitos aficionados e colecionadores, o trabalho e o nome de Bruckner não é tão difundido e procurado como o de Beethoven ou Brahms - só para falar de seus colegas do Romantismo. Ou seja, mérito da orquestra e de Gergiev de se dedicar, então, à um ciclo de um brilhante compositor que não é tão tocado quanto sua obra merece - principalmente seu extenso, complexo e rico ciclo de sinfonias.

Outra bola dentro da Filarmônica de Munique é o fato de terem criado o próprio selo de gravação, publicação e distribuição - fugindo dos grandes selos, barateando seus custos e entrando de cabeça em relações públicas diretas com seus fãs e frequentadores, graças à estrutura provida pela Internet para tal.

De fato, não é a única orquestra a fazê-lo - e estão aí como exemplos a Sinfônica de São Francisco, com o ciclo das sinfonias de Mahler sob a regência de Michael Tilson Thomas, e a London Symphony Orchestra com o prolífico selo LSO Live. Isso para não citar o grande número de orquestras e até pequenos grupos de câmara que estão usando a mesma estratégia. Alguns chamam de boas relações públicas e bom marketing, e outros chamam essas iniciativas das orquestras de 'vaidade'. Eu acho que é excelente material de divulgação, para começar, e um bom método de termos acesso à gravações e execuções interessantes.

Hoje em dia o 'know-how' de como se gravar uma orquestra é um pouco mais difundido, assim como o acesso aos equipamentos de gravação e seus devidos custos. Não que seja fácil gravar uma grande orquestra, mas existe a possibilidade de quase todas as que estão bem estabelecidas poderem facilmente contratar um engenheiro de gravação residente - e, muitas vezes, um que seja não só experiente como também muito bom no que faz.

A Sinfonia nº 2 de Bruckner, também conhecida como a 'Sinfonia das Pausas', estreou em 1873, com a Filarmônica de Viena, na Áustria, sob a regência do próprio compositor, que ali residia. É a ➤

única das sinfonias de Bruckner a não ter uma dedicatória - porque o compositor húngaro Franz Liszt polidamente rejeitou a dedicatória, e o alemão Richard Wagner, quando Bruckner lhe deu a escolha, preferiu que a Sinfonia nº 3 lhe fosse dedicada, em vez da Segunda.

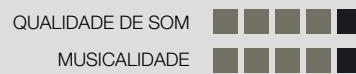
No caso desta gravação da Sinfonia nº 2 de Bruckner, outra coisa interessante ocorreu: foi gravada no Monastério Agostiniano de Sankt Florian, na cidade mesmo nome, na Áustria. Aliás, diz-se que várias das sinfonias de Bruckner deste ciclo da Filarmônica de Munique foram gravados nesse mesmo local. O que torna a gravação mais interessante é a ambência adicional trazida pela acústica do monastério, uma acústica mais viva do que a de uma sala de concertos tradicional.

Um registro moderno, com uma boa orquestra e um regente top extremamente capaz, com uma captação de excelente qualidade

feita em um antigo monastério com uma bela acústica, trazendo uma ambência especial, são o que faz esse disco ser um bocado interessante!

Destaque para o terceiro movimento, *Scherzo*, por sua vivacidade, e para o segundo movimento, *Andante*, pela sua placidez e beleza. ■

Pode ser encontrado em: CD / Download / Streaming.



**Valery Gergiev**



## RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO  
VIDEO  
MAGAZINE

### TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235  
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220  
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229  
Mark Levinson Nº585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221  
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

### TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239  
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198  
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243  
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232  
Mark Levinson Nº526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228

### TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238  
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200  
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed. 251  
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210  
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185

### TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253  
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204  
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170  
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249  
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

### TOP 5 - FONTES DIGITAIS

MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252  
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250  
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183  
Mark Levinson Nº519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230  
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226

### TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196  
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186  
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199  
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189  
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

### TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202  
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196  
Cápsula MC Murasaki Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245  
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212  
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174

### TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200  
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176  
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198  
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193  
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

### TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231  
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205  
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240  
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228  
Nordost TYR 2 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.250

### TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214  
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251  
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244  
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211  
Nordost TYR 2 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.250



## METODOLOGIA DE TESTES



ASSISTA AO VÍDEO DO SISTEMA CAVI, CLICANDO NO LINK ABAIXO:  
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZMBQFU7E-LC](https://www.youtube.com/watch?v=ZMBQFU7E-LC)



### GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a Áudio Vídeo Magazine utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

#### EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

#### PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambientes, entre outros.

#### TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

#### TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

#### DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

#### CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

#### ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

#### MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:  
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RY24HKLKFTS](https://www.youtube.com/watch?v=RY24HKLKFTS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:  
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=K3RV5ROC398](https://www.youtube.com/watch?v=K3RV5ROC398)

# CAIXA ACÚSTICA YVETTE DA WILSON AUDIO



Fernando Andrette  
fernando@clubedoaudio.com.br

Nossa última experiência em nossa sala de testes com uma caixa Wilson Audio ocorreu na edição 191, quando tivemos a honra de realizar o primeiro teste mundial da Alexia. De lá para cá muita coisa ocorreu com um dos mais prestigiados fabricantes de caixas acústicas do mundo, e então tentar fazer um paralelo entre as minhas observações pessoais que ainda tenho guardado da Alexia, para a nova geração de caixas Wilson Audio, acreditem, não irá ajudar muito.

Nem a mim e nem tão pouco a vocês leitores, que estão chegando agora a este universo da audiofilia. As novas caixas Sabrina (agora o novo modelo de entrada), Yvette (que muitos acharam que substituiria a antiga linha Sophia, que por uma década foi a porta de entrada para quem desejava ter uma caixa Wilson Audio) e a nova Sasha DAW (em homenagem ao David Wilson e que também já se encontra em teste em nossa sala) - são todas obras de Daryl, filho de David Wilson, o novo CEO da empresa.

E quando já tinha escrito este teste, me chegou a notícia da mais nova criação de Daryl, a Chronosonic XVX, que se posicionará entre a Alexandria XLF e a WAMM (que foi a última obra prima de David Wilson), e que na próxima edição iremos dar em novidades de mercado.

Daryl, desde muito cedo, acompanhou seu pai e compartilhou da paixão em buscar sempre ir além em cada novo projeto. Dos 57 produtos lançados em quatro décadas, Daryl esteve de alguma forma participando em 37 deles! O que certamente explica tanto o seu DNA de projetista, herdado do pai, como também sua incansável busca por soluções e melhoramentos constantes.

Então quando você ouvir que Daryl está absolutamente preparado para levar a Wilson Audio à vôos ainda maiores, acredite meu amigo, pois ele está preparadíssimo!

A Yvette é uma caixa que, em termos de tamanho, está entre a WATT/Puppy e a Sophia, mas as semelhanças param por aí, pois a



Yvette incorpora muitos conceitos de caixas como a Alexandria XLF (talvez daí tenha surgido a deixa para alguns articulistas chamarem a Yvette de "Mini Alexandria"). Mas já que a Yvette veio a substituir a linha Sophia, é natural que façamos comparativos para dar uma ideia exata de toda a evolução desta nova Wilson Audio. Em termos de design, as duas são muito distintas, já que o defletor frontal com mais ângulos da Yvette confirma que Daryl quis levar ao limite em um único gabinete o conceito desenvolvido por seu pai, do alinhamento de tempo - em que o som de todos os falantes chegam ao mesmo tempo aos nossos ouvidos. Uma coisa é realizar este alinhamento de tempo com caixas como Sasha, Alexia, Alexx e Alexandria, em que os falantes são dispostos em gabinetes separados, com suporte e variação de ângulo, próprios para este preciso alinhamento de tempo. Outra coisa é conseguir este mesmo resultado em um único gabinete, como no caso da Sabrina e da Yvette!

E, acredititem, o resultado alcançado foi primoroso. Como estamos também com a Sasha DAW, pudemos fazer em a×b muito crítico, e a capacidade da Yvette em termos de inteligibilidade e conforto auditivo é absurda. Mas a diferença entre a Yvette e a Sophia não param no gabinete. Os falantes são todos novos, desenvolvidos para também serem usados nas linhas superiores. Novo tweeter da terceira geração Convergent Synergy Tweeter, de 1 polegada, com domo de seda também utilizado nas Sasha 2 e Alexx.

O woofer de cone de alumínio da Sophia 3 foi substituído por um novo woofer de 10 polegadas de polpa de papel, desenvolvido para a Alexia e a Alexx. E o falante de médio de 7 polegadas é o mesmo utilizado na Alexandria XLF. O gabinete, ainda que único, possui internamente três caixas separadas com sua respectiva câmara interna para cada falante e com ventilação também separadas. A preocupação com a eliminação de vibrações no gabinete é a mesma dedicada a todos os seus produtos. E o uso do interferômetro de laser para estudar as ressonâncias de gabinete e sua relação com os falantes, foi utilizado para definir as estruturas internas e a escotilha do material ideal para este projeto. Depois de inúmeros testes, chegou-se à conclusão que a construção seria no material X (material proprietário da Wilson Audio e que já se encontra em sua quarta geração), também utilizado nas linhas superiores. Como toda caixa Wilson Audio, a Yvette não aceita bi-wire, pois o fabricante compartilha a ideia de que é muito mais conveniente e com resultados mais satisfatórios o usuário desembolsar seu suado dinheiro em apenas um bom par de cabos do que em dois pares (o que faz sentido).

Agora, os bornes usinados a cobre possuem um torque melhor, possibilitando o usuário fazer o aperto com os dedos - antes, nos modelos anteriores, este procedimento era impossível, tendo sempre que recorrer a uma chave para apertar os bornes de caixa. Como todas as Wilson Audio que testamos, jamais abro mão das



8 Murasakino

Musique Analogue

Cápsula MC Sumile  
"Um conforto exuberante"



TD 203



3XL

ESTADO  
DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

ACROLINK

FLUX  
HIFI

JELCO  
MADE IN JAPAN

DeVORE  
FIDELITY

QUAD

*the closest approach to the original sound*



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385  
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

[www.kwhifi.com.br](http://www.kwhifi.com.br)



rodinhas que vêm de fábrica com as caixas, para justamente facilitar o manuseio, antes da queima total das mesmas (que nunca foi menos de 200 horas). Claro que depois de totalmente amaciadas, e já colocadas na posição ideal, as rodinhas devem ser substituídas pelos spikes - mas o que facilita ter as rodinhas no período de queima poderia ser estendido a todos os fabricantes de caixas que pesem mais de 30kg! Fazendo um trocadilho infame: "É uma mão na roda!".

Como já testamos a Sophia 2, antes de iniciar as primeiras audições lá fui eu buscar minhas anotações e a lista de discos que usei naquela ocasião. Separada a pilha de discos, fui selecionar os produtos que participaram deste teste. Amplificadores: integrado Hegel 590 e Cambridge Audio Edge. Powers: Hegel H30 e amplificador AL-KT x2-150 do projetista de Lins, André Luiz Lima. Pré-amplificador: Dan D'Agostino. Sistema analógico: toca-discos AVM 5.3 (leia Teste 2 nesta edição). Cápsulas: Transfiguration Protheus, Ortofon Quintet Black e SoundSmith Hyperion Mk2. Pré de Phono: Boulder 508. Cabos de caixa: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão: Nordost Tyr 2 e Frey 2, Sax Soul Ágata 2, Sunrise Lab Quintessence (RCA e XLR), e Transparent Opus G5 (XLR). Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence e Transparent PowerLink MM2.

David Wilson, ao desenvolver a Sophia, disse com todas as letras que era seu projeto mais "amigável" em termos de compatibilidade com amplificadores e salas. E pelos números ele acertou em cheio, pois a Sophia, em suas três séries, foi um sucesso de crítica e público. Mas como escrevi nas primeiras linhas deste teste, comparar a Sophia com a Yvette me pareceu, desde o primeiro momento, impossível. Pois são de tempos distintos em basicamente tudo.

A Yvette possui uma assinatura sonora tão equilibrada que a sensação é que qualquer estilo musical (independente da qualidade técnica) irá sempre soar muito bem. É um convite de casamento à primeira audição. Você custa a acreditar que já saia de um patamar tão alto, assim que soam os primeiros acordes. O que o faz querer, de imediato, buscar a posição ideal da caixa na sala. Esta mágica, arrisco dizer, ser muito de seus médios, que materializam o acontecimento musical mesmo em variações dinâmicas mínimas. Tudo é inteligível, palpável e ali a poucos metros de nós!

A música flui, literalmente, sem perturbação, estranhamento ou qualquer tipo de dureza (isto independente do power que estivesse ligado). Os agudos, ainda que engessados e tímidos, possuem bom corpo de imediato, com velocidade e precisão (lembaram muito os



agudos nas horas iniciais no teste da Alexia). Os graves são bastante controversos nas primeiras 50 horas, pois ao contrário de inúmeras caixas de alto padrão, o que sobressai é o corpo já presente no momento em que se liga pela primeira vez. No entanto, parecem ainda sonolentos e se preparando para sair da hibernação.

Por isso, eu aconselho esperar pelo menos 150 horas antes de trocar as rodinhas pelo spike - a não ser que um profissional gabaritado do distribuidor já venha fazer a instalação e faça todas as medições com o usuário sentado em sua cadeira preferida, aí já é mais conveniente colocar os spikes. Mas, se você gosta de acompanhar a evolução de uma queima de um produto de nível superlativo, e adora perceber que as suas melhores gravações estão soando ainda mais convincentes, então deixe as rodinhas e só faça a troca quando a caixa estiver inteiramente amaciada.

É gratificante tirar da embalagem um produto que tanto desejamos, e este já sair tocando bem. Além de ser motivador, a sensação, é que o amaciamento é mais rápido! Nas primeiras 100 horas a Yvette mudou muito, mas a mudança mais significativa foi no encaixe do woofer com os médios. A fundação dos graves na primeira oitava, quando surge, é arrebatadora! Um amigo que estava presente exclamou: "Santa ignorância"! Pois estávamos justamente a ouvir um órgão de tubo.

Daí para frente, as únicas mudanças nos graves foram em termos de velocidade, nada mais. Os graves não impressionam apenas pelo corpo, peso e velocidade, mas sobretudo pela inteligibilidade de tempo e ritmo. Às vezes pegamos certas passagens de solo de contrabaixo em que parece que o baixista falhou na digitação, ou fez rápido demais, o que dificulta a inteligibilidade. A Yvette entrega absolutamente tudo. Não tem erro ou fez bem feito, ou terá que pagar este mico para a eternidade. O mesmo ocorre com a marcação de tempo em bumbo, quando o baterista passa do pedal simples para o duplo. Aí é que separamos o 'joio do trigo' em termos de técnica e bom gosto do batera. Se for apenas pirotecnia, novamente a Yvette estará lá para apontar o problema.

Os agudos, para ganhar extensão e decaimento correto, levaram quase 180 horas. Mas, quando amaciaram, é um deleite tanto em termos de conforto auditivo, como em apresentação. Você pode escolher qualquer instrumento em que a última oitava é 'encardida', como piano, violino, sax soprano, flautim, pratos. E a Yvette não 'espirra' nunca. E se engana se alguém julgar se tratar de algum corte nas altas para propiciar este conforto auditivo, pois não é este o caso. Este resultado, meu amigo, deve-se ao correto alinhamento de tempo dos três falantes, em que nada chega antes ou atrasado. Quando você finalmente saca a importância deste alinhamento temporal, meu amigo, você não vai querer ouvir de outra maneira - acredite!





O som é holográfico, 3D. Você escuta o silêncio em volta de cada um dos instrumentos solistas, mesmo em complexas variações de música sinfônica, e seu cérebro quer ficar ali, sentindo aquelas emoções tão desejadas e tão raras!

Finalmente, quando tive a certeza que o amaciamento estava completo, substitui as rodinhas pelos spikes e comecei, antes do pessoal da Ferrari vir realizar o ajuste fino, a buscar meu posicionamento ideal (sempre minha escolha e o ajuste orientado pela Wilson Audio não batem, mas gosto desse desafio, pois aprendo cada vez mais com a questão do alinhamento temporal). Do último ajuste feito, com as rodinhas para o spike, foi questão de quase 1 metro para a frente em relação a parede atrás das caixas, e mais 30 cm de abertura entre as caixas.

A angulação, como toda Wilson Audio, é maior com a frente das caixas bem viradas para o ponto ideal de audição. Com este ajuste eu já me daria inteiramente por satisfeito, mas o Fernando da Ferrari conseguiu um ajuste ainda mais preciso (como sempre). Voltou as caixas 50 cm para trás, diminuiu 24 cm entre elas e deixou mais 5 graus para o centro o ângulo das caixas para o centro de audição. Com este ajuste 'matemático' e milimétrico, ganhei ainda mais profundidade, maior largura e uma altura que ainda não tinha conseguido. O que foi perfeito para grandes orquestras (de qualquer gênero musical). As Yvettes gostam de serem testadas com os volumes próximos ao ideal de cada gravação, e não se intimidam com nada. Se o power acompanhar, meu amigo você estará em perigo, rs! Como o grau de fadiga é zero, ela te convida a explorar volumes que você provavelmente jamais ousou colocar em suas caixas. E o legal é que ela mostra com precisão o volume correto de cada gravação, pois quando você passa do ponto a holografia some imediatamente, como se você tivesse deixado o som 'transbordar'. Aí basta voltar ao volume correto e tudo volta ser puro deleite.

Um leitor outro dia me perguntou como fazer para não achar sem graça a audição de uma gravação que passamos do ponto, quando precisamos reduzir o volume. Duas coisas precisam ser observadas: primeiro que um sistema com excelente equilíbrio tonal dificilmente você irá passar do ponto, pois o conforto é tão bom que não há nenhuma necessidade de subir ainda mais o volume. Pelo contrário, você fica surpreso e satisfeito de saber que seu sistema reproduz com total conforto auditivo e energia o disco que você tanto gosta.

Mas, se você se empolgar e tiver que voltar atrás, para não ser decepcionante esta volta, basta pausar, baixar o volume para o ideal, levantar e ir beber uma água, e voltar em 10 minutos. Você irá se surpreender e ainda achará que o volume pode ser um nadinha mais baixo ainda!

Equilíbrio tonal e soundstage são 'pontos fora da curva' nesta caixa, mas suas qualidades não se resumem a estes quesitos. Claro que a soma de todas essas qualidades dos oito quesitos define a pontuação de um produto e em qual esfera ele se enquadra, mas alguns produtos conseguem a artimanha de ainda assim se sobressair em algum quesito com tamanho destaque que entram no hall de produtos realmente especiais e que nos marcam para sempre.

A Yvette para mim se destacou de forma inigualável na apresentação de texturas! Sua capacidade de recriar com fidelidade a paleta de cores e nuances, e sua maneira de nos apresentar as 'intencionalidades' em todas as suas vertentes, a coloca em uma classe totalmente rara e à parte! Ouvi gravações difíceis de conseguir extrair do todas nuances, que parecem triviais ou sem importância, que nas mãos da Yvette se tornaram cruciais para se notar o grau de preciosismo do solista no 'sustain' final de um acorde, ou na delicadeza do ataque de uma nota, ou a técnica de digitação de dois virtuosos como os violonistas Paco de Lucia e Al Di Meola.

Compreender o glissando de um solo do trombonista J.J. Johnson, e sua forma incomparável de manter a sustentação da nota até o pianíssimo, como se o homem e o instrumento fossem uma extensão do outro.

Se você almeja ter um sistema digno em termos de fidelidade e não usufruir dessas qualidades, você simplesmente está jogando dinheiro fora, pois o que separa o produto Estado da Arte superlativo do restante dos bons sistemas hi-end, meu amigo, são os detalhes - que nesta caixa brotam como flores de Ypê na primavera!

E só tenho uma justificativa para tamanho preciosismo na apresentação tão exuberante das texturas: sua translúcida região média. É capaz de nos fazer prender a respiração assim que ouvimos vozes e qualquer instrumento acústico bem captado e bem mixado. Os transientes são de primeira grandeza, assim como a dinâmica, tanto a micro quanto a macro.

E buscando resposta para uma micro-dinâmica tão detalhada, duas veem à mente: a qualidade do gabinete, rígido o suficiente para matar ondas espúrias e colorações indevidas, mas sem ser amorfo ou secar o corpo harmônico e, claro, a escolha dos falantes e do crossover aliados sempre ao alinhamento temporal! Essa soma das partes nos remete ao clímax final: organicidade e musicalidade! Poucas caixas conseguem materializar com tamanha desenvoltura o acontecimento musical à nossa frente. Mas esqueçam uma imagem chapada e bidimensional no meio das caixas. Se os solistas se movimentaram em volta do microfone, você verá este movimento - que eu chamo de 'ver o que ouvimos'. Sim, meu amigo, é isto que realmente ocorre quando estamos diante de um sistema superlativo.

Outro dia recebemos em nossa sala um amigo do engenheiro Ulisses da Sunrise e do nosso colaborador Juan (como não pedi autorização ao visitante, omitirei seu nome). Ele, em determinado momento, virou para o Ulisses e relatou estar vendo o saxofonista se movimentar em frente ao microfone. Fatos assim parecem corriqueiros, mas não são - é preciso que tudo esteja absolutamente ajustado para que este momento mágico ocorra.

E a Yvette necessita de todos esses cuidados e dará em troca, por anos a fios, audições inesquecíveis, acredite! Tão inesquecíveis que fará você querer seguir adiante ajustando mais e mais o seu sistema, a elétrica e a acústica, para ver o teto desta magnífica caixa.

Tudo isto você pode simplificar no último quesito de nossa metodologia: musicalidade! Sim, a Yvette extrapola seu conceito de musicalidade, levando-o a revisitar toda a sua discoteca e a voltar a comprar discos novamente, e até se aventurar em novas mídias como streamer e LPs. Acredite, sua musicalidade é contagiente ou, melhor seria, desafiante.

## ESPECIFICAÇÕES

Tipo	Caixa de três vias, com duto traseiro
Complemento de driver	- 1 tweeter de 1", - 1 midrange de 7", - 1 woofer de 10"
Resposta de frequência	20 Hz a 25 kHz (+/- 3 dB)
Sensibilidade	86 dB
Impedância	4 Ohms
SPL máximo	115 dB
Dimensões (L x A x P)	34 x 104 x 51 cm

Uma caixa que, por muito tempo, irá figurar entre as melhores caixas que este velho articulista com mais de 40 anos nesta estrada escutou. Se sempre desejou ter uma Wilson Audio, não poderia lhe dar melhor sugestão: comece pela Yvette, provavelmente você se dará por satisfeito pelo resto de seus dias! ■

## PONTOS POSITIVOS

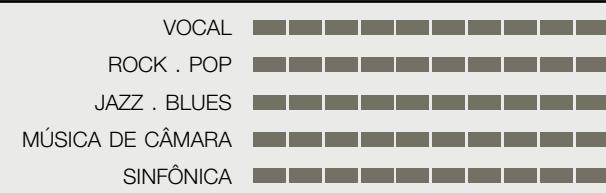
Uma caixa Estado da Arte.

## PONTOS NEGATIVOS

Exigirá um sistemameticulosamente à sua altura.

## CAIXA ACÚSTICA YVETTE DA WILSON AUDIO

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	13,0
<b>Total</b>	<b>97,0</b>



Ferrari Technologies  
(11) 5102.2902  
US\$ 51.900

ESTADO  
DA ARTE





ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:  
[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/AVMAUDIO/VIDEOS/325522361594326/](https://www.facebook.com/avmaudio/videos/325522361594326/)

# TOCA-DISCOS AVM ROTATION R 5.3



Fernando Andrette  
fernando@clubedoaudio.com.br

Dois mercados crescem a olhos nus, com crise ou sem crise: o de caixas acústicas e de toca-discos (alguém vai espernear e gritar: “e o de fones de ouvido?”, mas este na verdade é impulsionado mais pelos fones mid-fi e low-end, então não atendem ao escopo desta matéria).

E em um mercado com imensa demanda, sempre cabe mais um fabricante, seja para sentar na janelinha e na Primeira Classe, ou na fila do meio na Classe Econômica. A AVM é um renomado fabricante de áudio alemão que acaba de dar seu primeiro passo no segmento de toca-discos, com dois lançamentos: o R 2.3, mais simples e para os iniciantes no mundo analógico, e o R 5.3, com aspirações de se tornar um best-buy no mercado intermediário, mais acima do mercado.

O diretor executivo da AVM, Udo Besser, deixou claro que o R 5.3 foi um presente de aniversário para o seu filho, ao completar 18 anos de vida. “Queria dar a ele algo significativo, e daí nasceu

a ideia de um toca-discos, afinal esta nova geração está redescobrindo a magia do vinil”. Udo ressalta que foi um desafio e tanto levar adiante esta ideia, pois era preciso iniciar um projeto do zero sem perder a identidade de todos os produtos da AVM, que primam por um excelente acabamento e um grau de confiabilidade muito alto dos usuários. O desenvolvimento do primeiro protótipo saiu do papel em 2013 e, no final, acabou sendo o projeto mais caro até o momento da empresa. Afinado o projeto, ambos os modelos foram terceirizados para um fabricante europeu especializado somente em toca-discos, mas Udo faz questão de acrescentar que todo o projeto foi desenvolvido internamente. E Udo quis que tudo fosse feito a seu modo. O R 5.3, que recebemos para teste, utiliza um sistema de acionamento por correia conhecido como ‘Elipso Centic Belt Drive’.

A base, de proporções interessantes, tem 470 x 390 mm, e foi toda construída em um painel de fibra de alta densidade e inerte ao toque dos dedos, e bastante sólido. A parte de cima e da frente

do toca disco possuem uma lâmina de alumínio escovado colado no painel, o que dá o 'caráter' de padrão AVM. Os pés de amortecimento são parafusados para manter a ressonância muito baixa e bem próxima de zero. O prato pesando 5 kg é todo de acrílico, apoiado em um prato interno de metal que gira dentro do alojamento principal do rolamento montado no chassi, sendo que a correia que gira sobre dois pinos só tem contato com o prato interno nas laterais dele, para diminuir as vibrações geradas no motor. Realmente, depois da velocidade estabilizada, o silêncio do giro do prato de acrílico é bastante suave e silencioso. A velocidade é selecionada por meio de três pequenos interruptores na frente, do lado direito. O motor servo DC tem a velocidade controlada eletronicamente, não sendo possível ajuste fino (algo que na minha opinião, em um futuro upgrade, deveria ser revisto, pois nos concorrentes em sua faixa de preço, a maioria disponibiliza este recurso). Mas a 'menina dos olhos' deste toca-discos, sem dúvida, é seu braço de 10 polegadas em alumínio cromado. Não tem quem resista a olhar detalhadamente sua construção e seu acabamento.

Udo disse que optar pelo alumínio cromado teve um custo alto, mas valeu apena todo esforço. O braço já vem instalado no toca-discos e aceita cápsulas de 5 a 8 gramas. O braço permite o ajuste de azimute, VTA e bias (este último através de um pequeno ajuste de

polias e pesos) e, claro, o antiskating. Ajustado o braço, o usuário só precisa escolher o cabo RCA que irá usar em seu pré de phono e o AVM Rotation R 5.3 está pronto para mostrar todos os seus atributos.

Me chamou a atenção, nos dois testes que li deste toca-discos, que os articulistas usaram apenas uma cápsula para escrever suas avaliações. Sempre achei que em testes de toca-discos mais sofisticados, o uso de apenas uma cápsula (ainda que seja a de referência do articulista), os resultados podem ser limitados. E quando falamos de um toca-discos e braço absolutamente 'virgem' fazendo sua estreia mundial, o ideal seria usar o maior número possível de cápsulas com gramaturas e materiais distintos, para se ampliar o leque de observações. E como tínhamos à mão no momento três excelentes cápsulas, usamos e abusamos do nosso colaborador André Maltese (ainda tenho esperança que ele arrume um tempinho para compartilhar conosco sua vasta experiência no universo analógico), para instalar três cápsulas neste AVM. Começamos com a Transfiguration Protheus, depois trocamos para a Ortofon Quintet Black e, pôr fim, a SoundSmith Hyperion 2, que se encontra em teste e publicaremos em breve nossas observações. O veredito obviamente será a média das três cápsulas utilizadas, já que o teste foi feito com o mesmo cabo RCA e o mesmo pré de fono (Boulder 500).



## Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



A eletrônica utilizada na maior parte do tempo foi: Hegel H30 e power Edge da Cambridge Audio.

Pré amplificador Dan D'Agostino Momentum. Caixas: Dynaudio Evoke 50, Kharma Exquisite Midi, Yvette (leia Teste 1 de áudio nesta edição) e Sasha DAW, ambas da Wilson Audio.

O R 5.3 possui um 'agrado' às novas gerações, que foi instalar um led azul que ilumina o prato em duas intensidades: mais forte e mais suave. Mas os adeptos de pouca luz sobre o acontecimento musical (como é meu caso), podem desligar este 'efeito especial'. Em tarde de céu de brigadeiro, com um azul tão intenso e sem nuvem alguma, coloquei o primeiro disco para ouvir com a cápsula Proteus: Duke Ellington, *Blues In Orbit*, um disco que cresci ouvindo nos mais distintos setups analógicos que o leitor possa imaginar. Sei até aonde estão os plos inevitáveis com tantas décadas de uso, e ainda me surpreendo, quando em um bom conjunto de braço/cápsula e pré de phono, como este LP soa tão bem. O naipe de metais e os solos de Jimmy Hamilton no sax tenor e no clarinete, Ray Nance no trumpetete e no violino, ainda fazem os pelos dos braços levantarem. E estamos falando de uma gravação feita em uma única noite em 2 de dezembro de 1959! Uma gravação que faz inúmeros sistemas digitais de alguns milhares de dólares corarem de vergonha com um corpo harmônico esquelético e sem energia, enquanto no analógico os solistas enchem a sala e nos colocam ali a 3 metros dos músicos como se tivéssemos o privilégio de sermos teleportados para aquela noite de dezembro de 1959! Esta magia é que faz com que o vinil, apesar de todos os avanços tecnológicos, mantenha seu posto supremo e encante à tantos ainda hoje. E, pelo visto, esta supremacia se manterá por algumas décadas!

O AVM R 5.3, ainda que zerado (é preciso lembrar aos não familiarizados, que dentro do braço temos cabos que conectam a cápsula ao pré de phono e que este cabo, ainda que de alguns centímetros e muito fino, também precisa de pelo menos umas 20 horas de amaciamento). E, ainda assim, a apresentação do *Blues in Orbit* foi muito convincente. Baixo ruído de fundo, graves muito bem recortados e definidos, com excelente energia, ótimo arejamento nas altas, mostrando com enorme precisão a ambiência da sala de gravação e os rebatimentos laterais dos solistas.

E uma região média exuberante, e com recorte e foco corretíssimos. O segundo LP que ouvimos, para anotar nossas primeiras impressões, foi Peter Gabriel, *Shaking the Tree*. Esta uma gravação típica multicanal em que, se o setup não for de alto nível, se torna rapidamente cansativo escutá-la. É preciso um equilíbrio tonal preciso, e que a extensão nos extremos seja a melhor possível em termos de decaimento.

Novamente o resultado foi muito satisfatório, tanto em termos de inteligibilidade como de conforto auditivo. O braço do R 5.3 é, sem dúvida, um acerto e tanto em termos de correção, trilhagem e inércia. Sabemos que, em um braço que não possua essas qualidades, a energia gerada pela cápsula vai se acumulando e voltando em forma de atrito para a própria agulha, fazendo-a tremer e perder a precisão no trilhamento dos sulcos, resultando em um som sujo nas baixas frequências com menor recorte e definição e agudos com uma coloração tonal indesejável.

Ainda ouvimos mais dois LPs antes de fechar o primeiro dia com a cápsula Protheus: *Friday Night In San Francisco* com o trio Al Di Meola, John McLaughlin e Paco de Lucia (nas versões 33 e 45 RPM). Este é um disco que não faz reféns: ou passa no teste ou enfia a viola no saco e volta para fazer novamente o dever de casa. Meu amigo, já escutei cada barbaridade na apresentação da faixa 1 do lado A - *Mediterranean Sundance/Rio Ancho* - tão torta tonalmente que os violões soam como se tivesse com corda de aço e não de nylon, para vocês terem ideia da barbaridade que um sistema sem equilíbrio tonal pode ocasionar. Então este disco é matador para avaliação de praticamente todos os itens de nossa metodologia, mas sobretudo para equilíbrio tonal, transientes, corpo harmônico e micro e macrodinâmicas.

Em um sistema digno desta apresentação magistral, o ouvinte terá a chance de estar ali a frente de dois dos mais virtuosos violonistas de todos os tempos, a 4 metros deles. E não conseguir sequer desviar os olhos, tamanho o impacto auditivo/emocional. Interessante que, dependendo do setup analógico, soa mais contundente a versão 45 RPM e, em outros conjuntos braço/cápsula, a versão 33 RPM. Sinceramente não sei ao que se deve esta diferença, já que ambas as prensagens foram extraídas da mesma master (segundo o fabricante). Mas a compatibilidade com diversos braços/cápsulas é maior com a versão 33 RPM. Então, se você for se aventurar a comprar este disco, minha indicação é a 33 RPM, mais barata e mais fácil de conseguir. Só não indico a prensagem nacional de 90 gramas, simplesmente sofrível! Não vale a pena, aí fique com o CD (também sofrível, mas sem os riscos e má conservação dos LPs vendidos em nossos sebos).

E o último LP que escutei neste primeiro contato com o R 5.3 foi o *Jeff Beck's Guitar Shop*. Adoro este disco. Quando meu filho, na sua adolescência, trazia algum amigo de escola em casa, e estes jamais tinha escutado LP em sua vida, este era o meu favorito para apresentar o mundo analógico a eles. Suas expressões valeriam um curta metragem, com palavrões típicos de adolescentes explodindo em suas bocas com um misto de riso e completo êxtase! Este disco

é um primor para avaliação de todos os quesitos da metodologia. Gostaria, se tivesse a oportunidade de dar um pitaco na mixagem, de um pouco mais de respiro entre os instrumentos, com isso o disco ganharia mais profundidade. Mas em termos de captação é um desbunde. A bateria do Terry Bozzio, como diriam os jovens; “É animal!”. O bumbo é um coice no nosso peito e a massa sonora na amplificação da guitarra do Jeff é um ‘muro de Berlim’!

O R 5.3 passou com méritos neste primeiro encontro, mostrando ser um toca-discos com qualidades suficientes para ganhar um ‘lugar ao sol’ neste competitivo universo de toca-discos hi-end.

Deixamos o cabo do braço amaciando por 20 horas, e as mudanças da primeira audição para a queima foram muito pontuais. Mudanças apenas na extensão dos agudos e uma melhora na média-alta, que encaixou melhor com os agudos. Claro que, para fazer essas observações, ouvimos sempre os mesmos 4 LPs, com o

mesmo setup, mesmo volume, etc. E o mesmo procedimento na troca das cápsulas.

Aqui faço um parêntese. Se tivéssemos testado o R 5.3 com apenas uma cápsula, certamente teríamos um teste incompleto. Pois minha experiência diz que um bom braço escolhe a dedo as cápsulas que irão casar bem com ele. Um ótimo braço abre esse leque, e permite que as cápsulas se sintam à vontade para apresentar sua assinatura sônica.

E o braço do R 5.3 me pareceu um excelente braço, pois permitiu que as três cápsulas utilizadas tivessem as condições ideais para mostrar suas virtudes e limitações. Se eu tivesse escolhido apenas uma cápsula para este teste, certamente minhas impressões seriam do conjunto cápsula/braço (pendendo muito mais para a assinatura sônica da cápsula). Dou ênfase a este fato, pois características descritas pelos articulistas dos dois testes que li não bateram com as características que ouvi em duas das três cápsulas utilizadas.

Por coincidência, um dos testes em que o articulista descreve um grave com pouca definição, ele utilizou também uma Ortofon, só que de uma série superior à que utilizei. E mesmo assim, quando instalada a Quintet Black (por ser um modelo inferior à Cadenza que ele usou) não senti os graves embolados ou sujos (*Jeff Beck's Guitar Shop* é matador para avaliar os graves).

Voltando às nossas observações, depois da queima de 20 horas ampliamos o leque de LPs para cantores e cantoras, música clássica, étnica, trios de jazz e quartetos de cordas. Vou citar apenas os que mais se destacaram, por abranger vários quesitos de nossa metodologia: *Shakti A Handful Of Beauty*, o LP *Dizrhymnia Too* de um quarteto de jazz de músicos de estúdio de Nova York, *Patricia Barber Companion*, *Bill Evans Trio Exploration*, e *Frank Sinatra September Of My Years* - todos discos ‘de cabeceira’, que conheço como a palma das minhas mãos.

Todos, independente da cápsula utilizada, soaram corretamente, e com enorme fidelidade na captação, mixagem, masterização e prensagem (no caso do analógico a prensagem simplesmente pode destruir todo um trabalho bem feito). Mostrando o alto grau de precisão e compatibilidade do braço.

Acostumado há tantos anos com a minha referência, o SME Series V, que tem uma pegada e peso maior, estranhei um pouco, mas não pensem que este braço do R 5.3 de alumínio cromado seja tão delicado como um braço unipivot, pois não é isso. Apenas por ser mais leve que minha referência, levei alguns dias para acostumar. Depois nem pensei mais nesta questão. Uma coisa que gostei muito e achei muito bem sacada, é a colocação de um pequeno imã no apoio do braço, que toda vez em descanso, fica bem apoiado e preso pelo magnetismo. Gostei muito deste recurso - isto certamente ➤







foi pensado para evitar que o braço, que já vem preso a base do toca-discos, fique balançando e possa ser danificado nos transportes marítimos, aéreos e terrestres.

Com a troca da Protheus para a Quintet, passamos para um patamar abaixo em termos de performance geral, mas me surpreenderam positivamente todas as qualidades da Quintet. Muito musical, transparente na medida certa, ótimo equilíbrio tonal, texturas e transientes. Em relação à Protheus, perde em termos de macrodinâmica, corpo harmônico e soundstage, mas estamos falando de mais que três vezes o preço. É uma cápsula que entrou no meu radar de cápsulas com uma relação custo/performance muito alta. E pode ser uma opção definitiva para a grande maioria dos nossos leitores que querem uma cápsula hi-end para toca-discos de nível intermediário (Diamante Referência, início do Estado da Arte).

Faltava ouvirmos a Hyperion 2, que acabara de chegar zerada, sem nenhum uso. O fabricante pede no mínimo 50 horas. Então ela foi utilizada no teste muito mais para termos uma ideia do patamar em que ela já sai antes de todo o amaciamento, e para saber do grau de compatibilidade com o AVM.

Bem meu amigo, o teste será publicado em outubro ou novembro (pois recebemos uma dezena de produtos tops para serem avaliados nas próximas três edições), então não quero adiantar muita coisa a respeito da Hyperion 2, apenas que se trata de uma cápsula 'ponto fora da curva', literalmente. Capaz de brigar no topo do podium, ou então como diria um grande amigo: "Muita calma nessa hora". Sua passagem pelo braço do AVM por 14 horas, consolidou o que esse toca-discos tem de melhor: o braço.

A Hyperion 2 tem como conceito de marketing o seguinte slogan: "Detalhes, detalhes e mais detalhes". E foi exatamente isto que ocorreu. Nos mesmos LPs 'brotou' do silêncio uma quantidade de detalhes que jamais ouvi em nenhum setup meu de referência! Uma capacidade e controle de energia que levou duas vezes a baixar o nível de volume de todos os LPs utilizados no teste, até encontrar o volume ideal, com um conforto auditivo maravilhoso.

Ora, senhores, se o braço do R 5.3 fosse o elo mais fraco, essas virtudes não seriam ouvidas com tanta clareza e redundância. Não imagino o quanto mais de surpresas surgirão com braços mais sofisticados (contarei no teste da Hyperion 2), mas que não fez feio o braço de alumínio cromado, não fez.

## CONCLUSÃO

Para um primeiro produto, e com base em um impulso emocional (de presentear o filho), diria que Udo e a AVM estão de parabéns! O produto possui um excelente acabamento, foi meticulosamente pensado no sentido de atingir um público que deseja um bom toca-discos, que seja fácil de instalar e manter e não tenha pretensões de upgrades futuros.

Faz um 'mimo' aos mais jovens com a iluminação no prato, e possui a confiabilidade que os usuários da marca estão acostumados a receber. Tem melhoria que podem ser feitas? Sim, mas podem vir em futuros pacotes ou em novas versões. Mas se também não forem feitas, não impedem o produto como está de ter uma trajetória de sucesso. Eu reveria o cabo RCA que vem nele (ele atende, em um primeiro momento, mas não é a melhor opção para quem tem uma boa cápsula e um bom pré de phono), mudaria o fornecedor da correia (concordo com o articulista de um dos testes que a achou abaixo do produto), e veria a possibilidade do ajuste fino de rotação para uma versão futura. Pois com a variação de voltagem nas grandes cidades, por mais que o motor DC seja de alto padrão, as variações ainda que imperceptíveis podem estar presentes.



Para mim o ponto alto do R 5.3 é, sem dúvida, o braço, com sua construção linda aos olhos e de muito boa compatibilidade com cartuchos tão distintos como os três utilizados no teste. Ele realmente nos pareceu bem neutro (o mais difícil e importante do desafio de se construir um bom braço), permitindo que as cápsulas tenham 'liberdade' para mostrarem suas habilidades sonoras.

Se você busca um toca-discos bem acabado, bonito e prático em termos de instalação e compatibilidade, conheça o AVM R 5.3 - ele merece uma audição. ■

ESPECIFICAÇÕES	Saídas analógicas	1 x RCA
	Velocidade nominal	33/45 rpm (chaveamento eletrônico - velocidade controlada por microprocessador)
	Variação de velocidade	33rpm ( $\pm$ 0,12%), 45rpm ( $\pm$ 0,10%)
	Wow & flutter	33rpm ( $\pm$ 0,10%), 45rpm ( $\pm$ 0,09%)
	Sinal / Ruído	-72 dB
	Peso de trilhagem	0 – 3,5 g
	Contrapeso	Para cápsulas de 6 a 16g
	Massa efetiva do braço	15g
	Headshell	0,5" padrão
	Distância de montagem	238mm (Linn Standard Mount)
	Comprimento efetivo do braço	254mm
	Overhang	16mm
	Alimentação	(100-240 V AC, 47 – 63Hz)
	Linha	ROTATION
	Dimensões (L x A x P)	470 x 175 x 390 mm
	Peso	17 kg (Chassis: 12 kg, Prato: 5 kg)
	Acabamento	Aluminium Silver, Aluminium Black, Cellini Chrome Silver

### PONTOS POSITIVOS

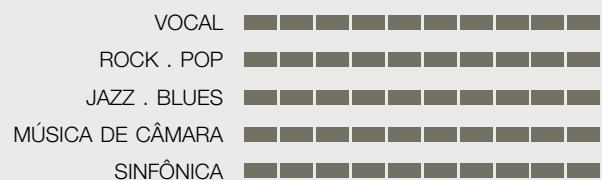
Construção, acabamento e praticidade.

### PONTOS NEGATIVOS

Para os que adoram realizar upgrades em braços, fontes e motores, não será o TD adequado.

### TOCA-DISCOS AVM ROTATION R 5.3

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	11,0
Textura	11,0
Transientes	11,0
Dinâmica	10,5
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	11,5
<b>Total</b>	<b>88,0</b>



Ferrari Technologies  
(11) 5102.2902  
US\$ 15.900

ESTADO  
DA ARTE





(31) 2555 1223 ☎

comercial@hificlub.com.br @

www.hificlub.com.br ↗

R. Padre José de Menezes 11 · Luxemburgo · BH · MG ☎

Empresa do Grupo Foco BH ☎

# CASA INTELIGENTE

SOLUÇÕES INOVADORAS DESDE O PROJETO DE INFRAESTRUTURA, AOS EQUIPAMENTOS HI-END DE ALTA PERFORMANCE E DESIGN!

**UP GRADE**

FAÇA UPGRADE NO SEU SISTEMA COM A HIFICLUB



TESTE  
3  
AUDIO



# CÁPSULA GRADO PRESTIGE GOLD2



Juan Lourenço  
revista@clubedoaudio.com.br

A Grado Labs recentemente atualizou sua linha de cápsulas Prestige, que agora passa a se chamar Prestige Series 2, introduzindo avanços significativos adquiridos no desenvolvimento da Lineage Series. Com esta nova atualização, feita em 2017, a Grado Labs mantém as concorrentes na alça de mira.

Todos os seis modelos da linha Prestige continuam intocados, inclusive no nome e acabamento externo que continua igual ao da geração anterior. São elas: Black2, Green2, Blue2 e Red2, depois vem a Silver2 e, por fim, a Gold2, topo da linha Prestige. Todas possuem o mesmo corpo, mudando apenas o acabamento em latão anodizado em prata, para as quatro primeiras, e em latão anodizado dourado para as duas últimas. Visualmente o que diferencia cada modelo é um pino postiço localizado em cada lateral do corpo da cápsula com a cor correspondente a cada uma das seis opções.

Da mais básica e barata, até a cápsula topo de linha da série – mais barata que sua concorrente mais próxima - a linha Prestige

atende perfeitamente aos desejos do melômano iniciante até o experiente, que já rodou bastante e agora quer apenas sentar e ouvir seus discos com qualidade, sem preocupações, possibilitando upgrades seguros e consistentes dentro da própria linha.

Nesta edição queremos passar ao amigo leitor nossas impressões sobre a Prestige Gold2, uma cápsula recheada de qualidades, que nos surpreendeu por demais.

A Prestige Gold2 é uma cápsula MI (Moving Iron), possui resposta de freqüência de 10 Hz a 60 kHz, Separação de canais (em 1 KHz) 35 dB, carga de entrada de 47 kOhms, saída de 5 mV (a 1 KHz), indutância de 45 mH, resistência de 475 Ohms, peso de 5,5 gramas, e tracking force recomendado de 1,5 gramas.

Em seu site a Grado nos dá algumas informações sobre os processos de fabricação. Todas as suas cápsulas são montadas manualmente por sua equipe no Brooklyn, em Nova York, com alguns construtores com mais de 25 anos de experiência. Com o recente ➤

desenvolvimento da série Lineage, a empresa foi capaz de reduzir a tecnologia e trazer uma nova técnica para a Silver2 e Gold2. Esta série atualizada oferece excelente equilíbrio tonal, dinâmica e realismo, para uma reprodução mais gratificante de vocais e instrumentos. As técnicas de enrolamento de bobina, usando fio de cobre de altíssima pureza, que foram afiadas durante o desenvolvimento da série Lineage, permitiram que os circuitos elétricos alcançassem nível uníssono entre as quatro bobinas em cada cartucho fonográfico. Isso permite um equilíbrio preciso entre canais, formando uma imagem estéreo precisa.

Como em todas as cápsulas fonográficas da Grado, a Gold2 é alimentada por um sistema de ímã duplo que optimiza o equilíbrio entre os canais estéreo. Todas as partes do circuito magnético interno são mantidas com tolerâncias extremamente altas, criando a imagem estéreo desejada. O design patenteado Flux-Bridger da Grado permite que a Silver2 e a Gold2 tenham um dos sistemas de geração de massa móvel mais eficientes, criando um excelente equilíbrio em toda a faixa de frequência.

O desenvolvimento da Epoch, da série Lineage, proporcionou uma experiência profunda com o uso de um alojamento externo como dispositivo de amortecimento. Isso levou à criação de um processo que desestressa o chassi e dissipava energia indesejada além de atenuar frequências ressonantes, permitindo que o sinal desejado viaje livremente até o pré de phono.

Tanto a Silver2 quanto a Gold2 usam um cantilever OTL de quatro peças, com um diamante elíptico feito pela Grado. Um gerador polar usinado é acrescentado para obter menor distorção e maior transparência possível. Os componentes da cápsula Gold2 são selecionados manualmente a partir da produção da Silver2, que atendem às especificações de teste mais exigentes. Aproximadamente 5% da produção geralmente exibem essas especificações e se tornam algumas Gold2.

A tecnologia OTL, ou Linha de Transmissão Otimizada, fornece uma transferência ideal de sinal da superfície do LP para a bobina do sistema. Essa tecnologia rejeita ressonâncias indesejadas e reduz a distorção, preservando as frequências fundamentais e harmônicas de cada nota musical contidas na música. Isso também ajuda a reduzir ao mínimo o ruído gerado pela bobina. Além disto a agulha pode ser repostada quando assim terminar sua vida útil, e por menos da metade do valor total da cápsula.

O design da agulha OTL da Grado torna os registros contidos nos sulcos dos discos mais silenciosos. Trocando em miúdos, este sistema copia melhor as ranhuras do disco com pouco ruído, causado por discos levemente empenados, ou toca-discos sem clamp, melhorando a altura, largura e profundidade do palco sonoro e

apresentando mais detalhes do que os obtidos anteriormente. Tudo isto aliado ao formato elíptico do diamante, se traduz em um nível de conforto auditivo e precisão percebida apenas em cápsulas MC ou MM de categoria Estado da Arte em diante.

### COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV Special Signature com pré de phono interno. Fonte: Toca-discos de vinil Technics SP-10 MkII Broadcast com braço Linn Basik LVX. Caixas acústicas: Emotiva Airmotiv T1 e Neat Utimatum XL6. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence Magic Scope, Sunrise Lab Premium Magic Scope, Transparent Reference MM2. Cabos de Interconexão: Sunrise Lab Premium RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA. Cabo de Caixa: Sunrise Lab Reference Magic Scope e Quintessense Magic Scope.

Antes de iniciar os testes, demos uma boa ouvida na nossa cápsula de referência naquele momento. Após a audição, colocamos a Grado Gold2, ajustamos o tracking force para o peso recomendado de 1.5g - o que se mostrou bastante eficaz. Assim que a mesma baixou no disco ficamos perplexos com o nível de silêncio da cápsula ao trilhar o disco: é tão ausente de ruídos e fadiga auditiva que já passei a olhar a nossa cápsula de referência como se observa uma ex-namorada, enxergando apenas os defeitos (risos).

Passado o susto, no bom sentido, nos concentramos na audição das primeiras horas da Gold2 ao som do disco Black Light Syndrome do trio Bozzio Levin Stevens, e como era de se esperar nestes primeiros minutos de audição a cápsula mostrou uma textura muito rica na região média e média-grave, porém os extremos bastante abafados. Aqui vai um conselho ao amigo(a) leitor(a) que se interessar pela linha Prestige: nas primeiras horas de uso as altas freqüências praticamente não existem! Eu sei que isto pode pegar alguém de surpresa e levar a tirar conclusões precipitadas quanto a qualidade do produto, mas fiquem tranqüilos, isto é bastante comum em quase todas as cápsulas do mundo. O que agrava esta questão na Gold2 e Silver2, também, é que nesta nova atualização ficou claro que a cápsula possui um dispositivo dissipador que atenua as freqüências ruins, por conta disto este dielétrico maciço precisa se acomodar e isto leva mais tempo que o normal, fazendo com que os agudos sofram menos alterações em decorrência do amaciamento por um período de tempo maior. Ou seja, ela vai soar abafada por muito mais tempo em comparação com outras cápsulas de outros fabricantes. O que não significa que as altas não irão desabrochar, basta ter um pouco mais de paciência. Em compensação, por causa deste sistema de dissipação, a cápsula produz uma inteligibilidade do acontecimento musical jamais percebida por nossa referência já muito amaciada.

Cápsulas modernas de qualidade demoram mais tempo para amaciar, pois seus componentes internos possuem tolerâncias mais altas, e com a Gold2 é a mesma coisa - seu período de amaciamento durou 35 horas. Os extremos só assentaram após 30 horas, e antes disto é um verdadeiro estica e puxa. Os graves ganharam uma ótima extensão com velocidade e deslocamento de ar impressionantes. Parecia que estava ouvindo uma cápsula de mais de mil e quinhentos dólares! Graças ao seu equilíbrio superior entre fases, as passagens complexas do solo de bateria se mostraram limpas, sem embolamentos ou atropelos entre as freqüências. A naturalidade da bateria e a posição de cada parte dela era facilmente acompanhada sem que com isto nosso cérebro precisasse colocar toda atenção no acontecimento uma coisa por vez, um pouco no solo, um pouco na guitarra e mais um pouco nos planos. Não! Com a Grado Gold2 passamos a ouvir tudo em uma só porção. Tudo muito bem encaixado, recortado, com uma profundidade e organicidade maravilhosa.

Depois passamos a ouvir Jeff Beck, álbum Truth, todas as faixas, pois com a Gold2 é impossível ouvir apenas uma faixa, ela traz uma energia aliada ao conforto auditivo que, para ouvir rock em geral, é uma verdadeira delícia! Nada vem pra frente, ou endurece nos solos, cada músico fica em seu lugar, colocando entre eles bastante ar e silêncio.

A única coisa nela que desagrada é que os agudos não possuem o mesmo nível na extensão do que das outras partes que compõem o espectro audível. Eles não são deficientes, não falta extensão, pois se fosse este o caso não teriam o corpo bem delineado e arrojado que tem nos pratos e nem nos mostraria um riz corpulento cheio de componentes harmônicos, mas falta um pouco de extensão sim, e neste quesito a nossa referência se sai um tantinho melhor.



## ARTE ACÚSTICA

TRATAMENTO ACÚSTICO  
PARA SALAS DE  
AUDIÇÃO MUSICAL

Material de baixo custo •  
Acabamento personalizado •  
Rápida instalação •

FREDERICO  
RIBEIRO

(81) 99987.1809

fredericoc.ribeiro@uol.com.br

Foi aí que resolvi colocar Mahler, Symphony No.1, com Georg Solti conduzindo a London Symphony Orchestra, selo Decca. Neste disco pude experimentar graves cavernosos com a Gold2, um descongestionamento de todo o acontecimento e variações dinâmicas simplesmente impressionantes. A cápsula tira tudo dos sulcos, nada passa despercebido e, mesmo nas passagens cheias de variações complexas de dinâmica, e uma infinidade de instrumentos a tocar ao mesmo tempo, sentimos uma folga no acontecimento que podemos procurar pelos diferentes timbres e nuances de boa parte dos instrumentos, como os trombones, trompas e trompetes, até as flautas ficam audíveis no meio daquele turbilhão sonoro.

### CONCLUSÃO

Para cápsulas MM de baixo custo (neste caso esta é MI, Moving Iron, o que dá praticamente no mesmo) tocarem jazz, blues, rock progressivo e pequenos conjuntos já se tornou 'mamão com açúcar'. Agora, conseguir tocar uma pedreira como esse Mahler, e como são quase todas as gravações de música clássica, isto é novidade para mim. Pelo preço que ela custa, pelo menos 200 reais mais barato que sua maior concorrente, que não entrega tamanho conforto auditivo, não consigo pensar em uma cápsula que tenha este nível de compromisso. ■

### ESPECIFICAÇÕES

Resposta de freqüência	10 Hz a 60 kHz
Tipo de cápsula	MI (Moving Iron)
Separação de canais em 1 kHz	35 dB
Carga de entrada	47 kOhms
Saída a 1 KHz	5 mV
Tracking force recomendado	1,5 gramas
Indutância	45 mH
Resistência	475 Ohms
Substituição da agulha	sim
Peso	5,5 gramas

### PONTOS POSITIVOS

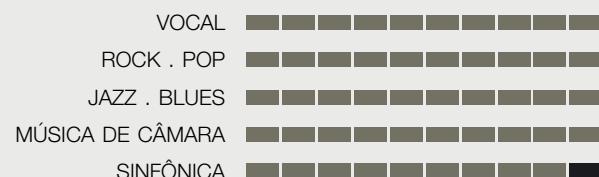
Ótima construção com materiais nobres. Ótimo acabamento do corpo da cápsula. Muito silenciosa ao trilhar discos que nunca foram lavados.

### PONTOS NEGATIVOS

A colocação do protetor da agulha chega a ser um processo mais complexo e temerário que o da Ortofon 2M Bronze. Os parafusos de fixação exigem porca externa e ficam muito próximos do corpo de metal da cápsula.

### CÁPSULA GRADO PRESTIGE GOLD2

Equilíbrio Tonal	9,75
Soundstage	10,5
Textura	9,5
Transientes	9,25
Dinâmica	10,25
Corpo Harmônico	10,25
Organicidade	10,25
Musicalidade	10,0
<b>Total</b>	<b>79,75</b>



KW Hi-Fi  
(48) 3236.3385  
R\$ 1.620

**DIAMANTE**  
REFERÊNCIA



ÁUDIO CLASSIC em novo endereço. Venha nos visitar!



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



**REVENDEDOR AUTORIZADO:**

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Praça Alpha de Centauro, 54 - conj. 113 - 1º andar - Alphaville/SP

Centro de Apoio 2, em frente ao Alphaville Residencial 6

Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200 / 11 99341.5851



[WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR](http://WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR)

AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR



# DISPOSITIVO ELETRÔNICO DE ATERRAMENTO SUNRISE LAB MAGICSCOPE GROUND LINK - SÉRIE REFERENCE E QUINTESSENCE



Fernando Andrette  
fernando@clubedoaudio.com.br

Testar acessórios para dispositivos de rede elétrica é tão trabalhoso quanto testar cabos e acessórios anti-vibração. Demandam paciência, tempo e muita disposição em seguir à risca um padrão para não se ter falsas impressões. Desde o primeiro protótipo dos Ground Links das duas séries, até o produto acabado final, foram 8 meses. Cheio de idas e vindas, e para quem conhece o engenheiro Ulisses da Sunrise, sabe bem o seu grau de perfeccionismo em sempre, antes de lançar um novo produto, trabalhar em todas as frentes possíveis e imagináveis.

Então esperar que ele lhe envie um produto finalizado e pronto para ir para teste, é basicamente impossível. Gosto de sua maneira de explorar desafios e seu vasto conhecimento, que o permite olhar além do horizonte dos métodos e conceitos estabelecidos pela engenharia.

Sua ausência de 'pré-conceitos' o leva a sempre buscar soluções muitas vezes esquecidas por outros projetistas, por acharem que

aquela abordagem é perda de tempo. E os resultados começam a surgir em uma leva de novos produtos, eletrônicos e de acessórios.

Como acompanho bem de perto seu dia a dia, posso garantir que nos próximos meses haverão inúmeras novidades em eletrônicos, cabos e acessórios. Como diria meu pai: "O homem está inspirado", deixe-o produzir!

Nossa Sala de Referência sempre esteve aberta a todos os interessados em nos mostrar seus produtos, ideias e realizar comparativos entre protótipos ou futuros upgrades. Quando planejei a sala, já levei em consideração que a mesma tivesse conduítes sobressalentes para testes de cabos para elétrica, fusíveis de seccionadoras, tomadas, materiais acústicos modulares e, claro, condições de teste de qualquer produto eletrônico.

Costumo brincar que temos um 'Hubble' para a avaliação de qualquer componente que entre nesta sala. Para tanto, preciso que o



interessado em saber nossa opinião tenha paciência e disponha de boa vontade de fazer modificações se assim acharmos interessante.

O Ulisses gosta de trabalhar sendo desafiado, então ele confia em nossas observações e aceita que o levemos a tentar extraír sempre mais de todos os protótipos que por aqui passaram. Não foi diferente quando ele nos apresentou o primeiro protótipo do seu dispositivo eletrônico, o Ground Link, para melhora no aterramento.

Claro que você deve estar imaginando: “não basta um bom aterramento, é preciso usar dispositivos eletrônicos nele?”. Eu falo, desde o tempo em que a Magis nos enviou para testes seus acessórios para aterramento, que as melhorias são significativas. Principalmente a melhora do silêncio de fundo.

Parece que esses dispositivos possuem a capacidade de melhorar esta essencial qualidade em qualquer sistema hi-end. E muitos que sequer acreditam que cabos fazem diferença, certamente desdenharão da necessidade de você melhorar, com dispositivos eletrônicos, seu aterramento. Mas, para os que não possuem resistência a experimentação, proponho que façam em seus sistemas

esta experiência. É muito simples, e se o aterramento for decente, as melhorias são todas audíveis.

Então vamos lá: o que é o Ground Link? É um dispositivo eletrônico para uso em aterramentos dedicados para sistemas de áudio e vídeo. Seu princípio de funcionamento segue a linha de amortecimento controlado do fluxo do sinal elétrico, que trafega do sistema de áudio e vídeo ao ponto de aterramento.

Através do uso de componentes eletrônicos em associação complexa, o Ground Link cria uma barreira eficiente contra as frequências espúrias contidas no sinal elétrico, mesmo em aterramentos sujos ou pouco eficientes (explicação do fabricante).

Ao adicionar o Ground Link na linha de aterramento do sistema, os ganhos tanto na imagem como no áudio são todos perceptíveis (observações minhas após 8 meses de testes). Os céticos deveriam começar o teste pelo vídeo, que é muito mais fácil de observar. A sensação de profundidade na imagem, a qualidade dos tons de preto e a granulação na imagem, melhoram incrivelmente! As cores ficam mais bem definidas e naturais, principalmente o tom de pele ➔

ou o branco (claro que estamos falando de sistemas com o mínimo de ajuste no padrão de imagem, e não o que vem de fábrica. Estou pedindo para o nosso colaborador de vídeo Jean Roitman testar o produto e dar sua opinião, que publicaremos na edição de Outubro ou Novembro.

Voltando à minha área, no áudio melhora-se a definição do grave, ganha-se corpo em todo o espectro audível, profundidade na imagem, e uma maior inteligibilidade, graças ao silêncio de fundo, e um conforto auditivo maior. O fabricante alerta que os terminais de aterramento em que for colocado não excedam 4,5 Volts (RMS ou DC) por um período superior a 2 minutos. E não deve ser colocado no aterramento da casa e sim no aterramento dedicado ao sistema de áudio e vídeo.

Seu encapsulamento é feito em resina resistente à chama, envolto em um gabinete de dimensões reduzidas, podendo ser colocado em pequenos espaços. Ligar é muito fácil, pois ele já vem com terminais para bananas 4 mm, forquilha ou fio desencapado. O preço do Reference é de R\$650.

Já a versão Quintessence eu indicaria para sistemas Estado da Arte, tanto de áudio como de vídeo. Funciona seguindo os mesmos princípios da versão Reference, porém utiliza componentes e alinhamentos mais complexos e sofisticados. A imagem bem ajustada de sistemas com projetores ou televisores 4K ou 8K ganham uma naturalidade e profundidade na imagem que eliminam a fadiga visual, mesmo após longas horas. Os movimentos ganham maior uniformidade e nitidez, mesmo em imagens muito escuras (queria estar com um desses na batalha entre os mortos e os vivos no episódio do Game Of Thrones, rs). No áudio o que ele tem de diferencial em relação ao Reference a profundidade e a sensação de tridimensionalidade do acontecimento musical.

O silêncio entre os instrumentos também é maior, e a microdinâmica muito mais detalhada que o Ground Link Reference. Para sistemas Estado da Arte, é certamente um investimento obrigatório! Pois os benefícios são muitos.

O fabricante recomenda que a diferença de potencial aplicada em seus terminais não exceda 5,5 Volts (RMS ou DC) por um período superior a 5 minutos. Também só pode ser colocado no aterramento dedicado ao sistema, e não no aterramento de toda a casa. Seu gabinete de alumínio tem as seguintes dimensões: 25 x 25 x 80mm (incluindo terminais banhados a ouro que permitem conexão com bananas 4 mm, forquilha e fio desencapado. O preço do Ground Link Quintessence é de R\$ 1.600.

O número de equipamentos eletrônicos que se beneficiaram com os Ground Links foi enorme. Mas o equipamento que mais se beneficiou com a utilização deste acessório foi o aterramento do braço do



toca-discos para o aterramento do pré de phono. Parece que você está literalmente trocando o cabo entre o toca-discos e o pré de phono ou de cápsula, principalmente com o modelo Quintessence.

O analógico necessita de menor ruído de fundo - é uma melhora da água para o vinho!

No nosso sistema de referência, quando ligado no aterramento dedicado que vai até a régua de tomadas, o Reference ainda que tenha feito sua parte, aumentando o silêncio de fundo, não causou o mesmo impacto de quando ligamos o Quintessence. Brinquei com o Ulisses e o Juan que estavam presentes ao término do teste, que parecia que tínhamos pintado várias bolinhas em uma bexiga semi cheia, e depois enchemos a bexiga ao limite, fazendo com que os pontos se distanciassem sem perder a uniformidade.

Tudo se amplia, aumentando o silêncio entre os instrumentos, ganhando melhor foco, recorte, arejamento e planos e mais planos. O invólucro harmônico de cada instrumento ganha naturalidade, aumentando o conforto auditivo, e a holografia e materialização física (organicidade) ficam absolutamente palpáveis.

Segundo relato do Ulisses, todos os clientes que testaram o dispositivo ficaram (nenhuma devolução). Melhor resposta a um lançamento impossível! Acredito que este acessório será um sucesso retumbante!

Se você deseja esta 'lapidação' no seu sistema de áudio e vídeo, não deixe de conhecer o Ground Link. E depois nos conte suas observações.

Altamente recomendado para produtos Ouro e Diamante (Ground Link Reference), e sistemas Estado da Arte (Ground Link Quintessence). ■

**Sunrise Lab**  
(11) 5594.8172  
Ground Link Reference - R\$ 650  
Ground Link Quintessence - R\$ 1.600



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:  
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=A-0UHHXN7RK](https://www.youtube.com/watch?v=A-0UHHXN7RK)

# TV SAMSUNG 55Q70



Jean Rothman  
revista@clubedoaudio.com.br

A Samsung Q70 é uma TV que utiliza pontos quânticos oferecendo excelente reposta de cores. Faz parte da linha QLED do fabricante coreano, ao lado dos modelos Q60, Q80 e Q90. A Q70 está disponível em 55 (modelo testado) e 65 polegadas.

Graças ao novo painel com iluminação direta (full array) e dimerização local por zonas, apresenta excelente taxa de contraste e pretos bastante profundos, além de altos níveis de brilho, ótima opção para ambientes muito iluminados. A grande novidade deste ano é a parceria da Samsung com a Apple, disponibilizando um aplicativo Apple TV que permite alugar filmes sem necessidade de adquirir um hardware separado. Além de oferecer suporte ao protocolo Airplay 2, permitindo enviar músicas e conteúdo diretamente de celulares Apple para a TV

## DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

O design da Q70 segue a tendência atual, com bordas pretas bem finas e discretas que praticamente não são notadas. A parte traseira segue o Design 360 graus da Samsung com acabamento texturizado.

A Q70 possui um painel com iluminação direta (Full Array Local Dimming ou FALD), aproximadamente 50 zonas de dimerização local e 1.000 nits de pico de brilho máximo em HDR, segundo o fabricante.

A TV fica apoiada sobre um par de pés metálicos que são fixados sem a necessidade de parafusos. Os pés estão posicionados próximos às extremidades do painel, o que exige um móvel ou ➤



bancada de dimensões consideráveis para acomodá-la. Logicamente a Q70 possui furações em sua parte posterior, permitindo fixação em paredes.

Em sua parte traseira há um painel com todas as conexões disponíveis: 4 entradas HDMI, sendo uma com ARC (Audio Return Channel); 2 portas USB; 1 entrada Video Componente; 1 entrada Video RCA; porta Ethernet RJ45; 1 saída de áudio óptica digital; 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi.

O controle remoto único possui 3 teclas para acesso direto ao Netflix, Amazon Prime e Navegador Web. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decodifier, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz através do Bixby, assistente de voz da Samsung. A novidade deste ano é que o Bixby já reconhece comandos falados em português e também pode ser acionado sem a necessidade de pressionar o botão de microfone no controle remoto. Achei muito prático ligar a TV usando comandos de voz sem a necessidade de estar com o controle na mão.

## RECURSOS

O cérebro da Q70 é o processador Quantum 4K com Inteligência Artificial (IA) que faz o upscale de conteúdo, analiza e processa

dinamicamente a imagem, corrigindo cores e detalhes para uma apresentação mais viva e realista, graças também à utilização de pontos quânticos.

Outra novidade interessante é o Modo Ambiente. Ao desligar a TV, ao invés da tela preta, a TV apresenta obras de arte, texturas e até mesmo fotos familiares, simulando um quadro na parede.

O sistema operacional continua muito rápido e eficiente, tornando a navegação dentro do conteúdo Smart muito prazerosa. A abertura dos aplicativos e troca de fontes de sinal é sempre muito rápida. A lista de aplicativos disponíveis é bem grande, incluindo Netflix, Youtube, Amazon Prime, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, entre tantos outros.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Outra grande novidade é a parceria da Samsung com a Apple disponibiliza um aplicativo iTunes dentro das TVs, permitindo aluguel de filmes diretamente na plataforma Apple sem necessidade de instalar um Apple TV. Também será possível enviar vídeos e

músicas do iPhone para a TV Samsung diretamente através da função Airplay.

A Samsung Q70 é capaz de exibir conteúdo HDR com 1.000 nits de intensidade de brilho, além de da gama de cores expandida e aumento do contraste que o conteúdo HDR proporciona.

Uma boa notícia para quem utiliza a TV para videogames é o modo Game com baixíssimo tempo de resposta, 6,8 milissegundos.

#### AUDIO

A Q70 possui falantes na parte inferior e o áudio possui boa inteligibilidade. É sempre recomendável um bom sistema de áudio ou no mínimo um soundbar para ter a melhor experiência com sua TV.

#### QUALIDADE DE IMAGEM

A Q70 exibem imagens com ótimos níveis de preto e muito bom detalhamento. A dimerização local contribui muito para minimizar os halos nas transições entre partes claras e escuras da imagem.





Os níveis de preto são bastante profundos e após a calibração os detalhes nas sombras e altas luzes ficam bem aparentes.

O seriado Jack Ryan, exibido na Amazon Prime em 4K HDR ficou excelente na Q70, graças também ao HDR10+ que possui metadados dinâmicos. O processador Quantum analiza cada quadro da imagem e faz um mapeamento dinâmico de tom, afinando os limites máximos e mínimos de sombras e luzes.

A Samsung Q70 é uma TV com altíssima tecnologia, pontos quânticos, repleta de recursos e bom custo-benefício. ■

#### MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas – 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

#### EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



#### ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Design	10
Acabamento	10
Características de Instalação	10
Controle Remoto	09
Recursos	10
Automação e Conectividade	10
Qualidade de Imagem em SD	10
Qualidade de Imagem em HD e UHD	12
Qualidade de Áudio	07
Consumo e Aquecimento	10
<b>Total</b>	<b>98</b>

**Samsung**  
www.samsung.com.br  
Preços sugeridos:  
QLED Q70 55": R\$ 5.599  
QLED Q70 65": R\$ 8.719

**ESTADO  
DA ARTE**



## TESTE OBJETIVO DE CALIBRAÇÃO DE IMAGEM

Jean Rothman

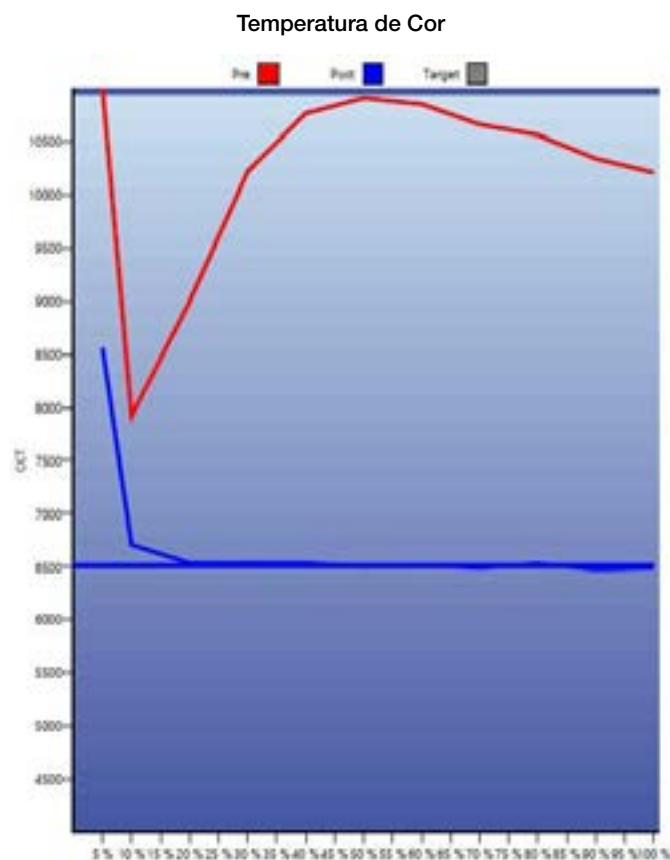
A TV Samsung Q70 possui 4 padrões de imagem pré-definidos, para os quais obtivemos as seguintes temperaturas de cor em nossas medições iniciais:

- Modo “Dinâmico”: 11.097K
- Modo “Padrão”: 10.652K
- Modo “Natural”: 11.144K
- Modo “Filme”: 6.435K

O modo “Dinâmico” tem um brilho excessivo e tonalidade extremamente azulada. É um padrão utilizado nas lojas para demonstração de TVs e não deve ser utilizado em ambiente doméstico, pois causa enorme fadiga visual e suprime os detalhes das altas luzes. Tonalidade semelhante foi obtida nos modos “Standard” e “Natural”.

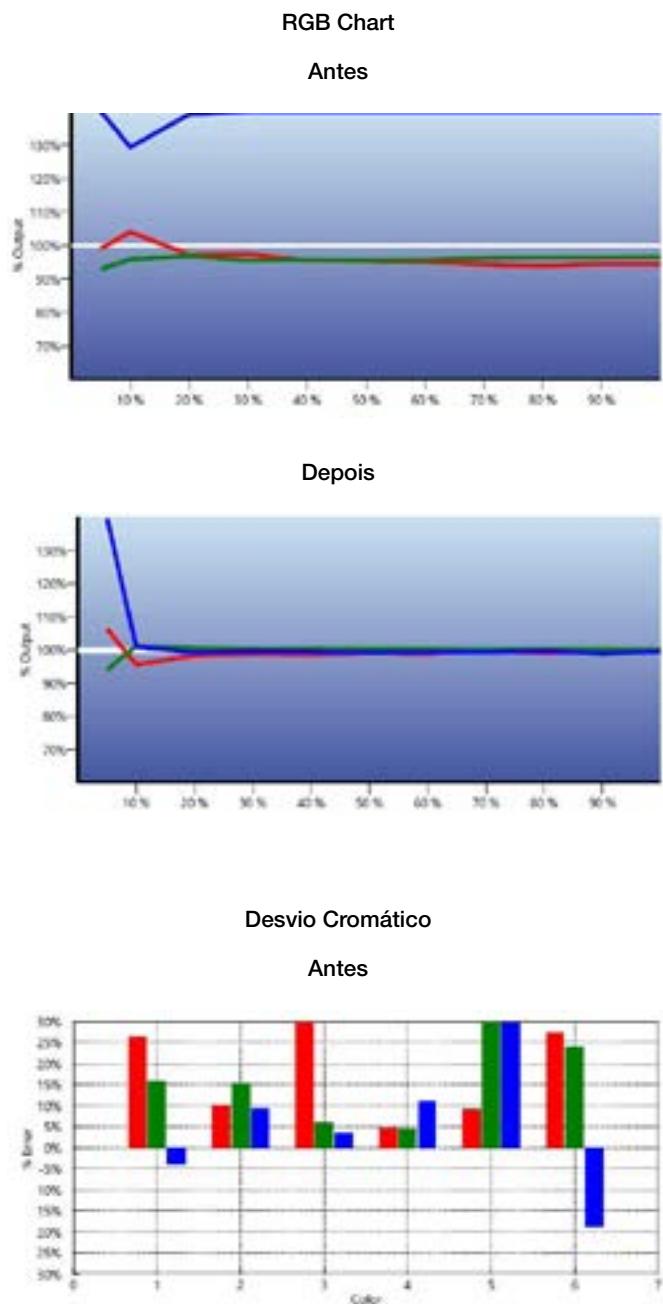
O modo “Movie” esteve bem próximo de D65 (6.500 Kelvin), temperatura de cor adotada como padrão em reprodução de vídeo. Foi o modo adotado em nossas medições fazendo a calibração para 6.500K.

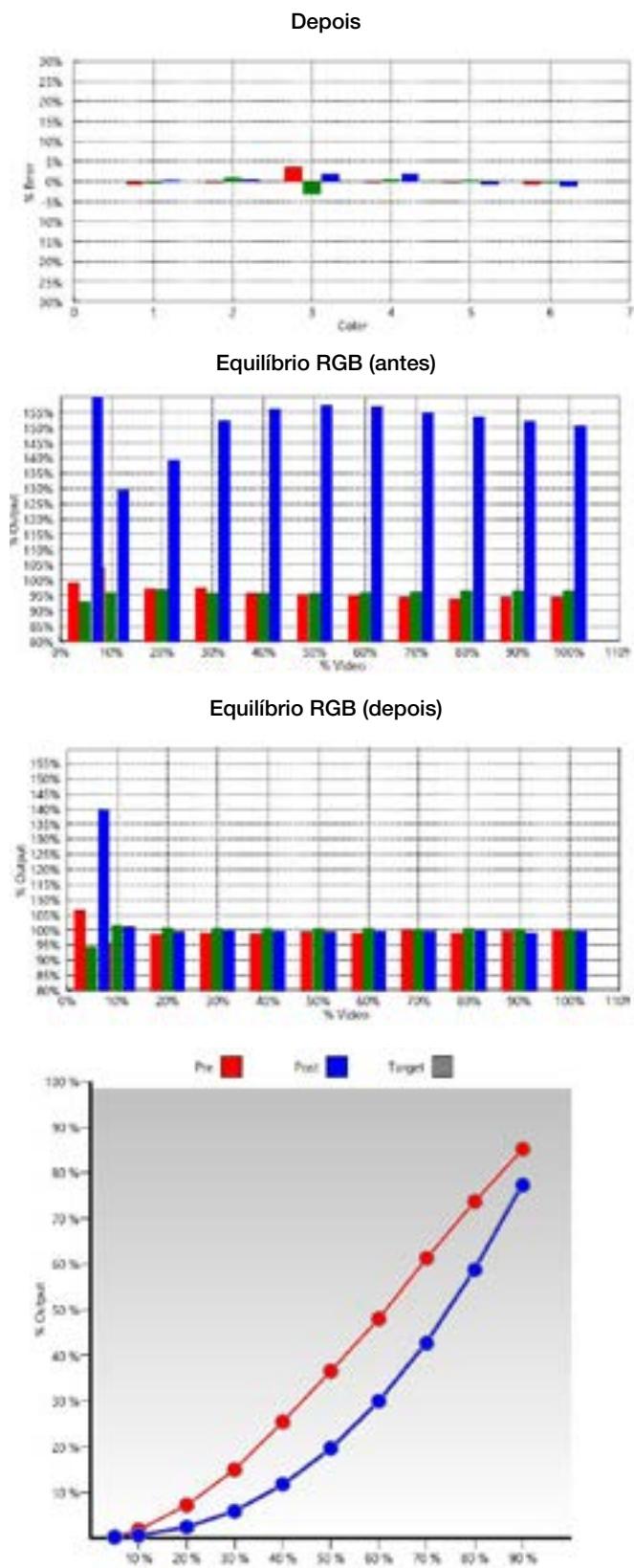
O controle “backlight” foi ajustado para uma luminosidade de 35fL (Foot Lambert, unidade de luminância) em ambiente escuro.



Nas medições pré-calibração, o dE médio foi 28,5 e o maior dE individual de 39,4 (Delta E é uma expressão que indica quão próximo do branco ideal D65 o resultado se encontra. Abaixo de 3 é considerado visualmente indistinguível do resultado ideal). Após a calibração obtivemos um dE médio de 2,6, ótimo resultado demonstrando boa linearidade na escala de tons de cinza.

As cores apresentaram extrema saturação de azul (B). Esta diferença foi corrigida na calibração utilizando os controles avançados de cores da TV. O dE médio inicial foi de 17,2 e após a calibração obtivemos dE 0,5, excelente resultado cromático.



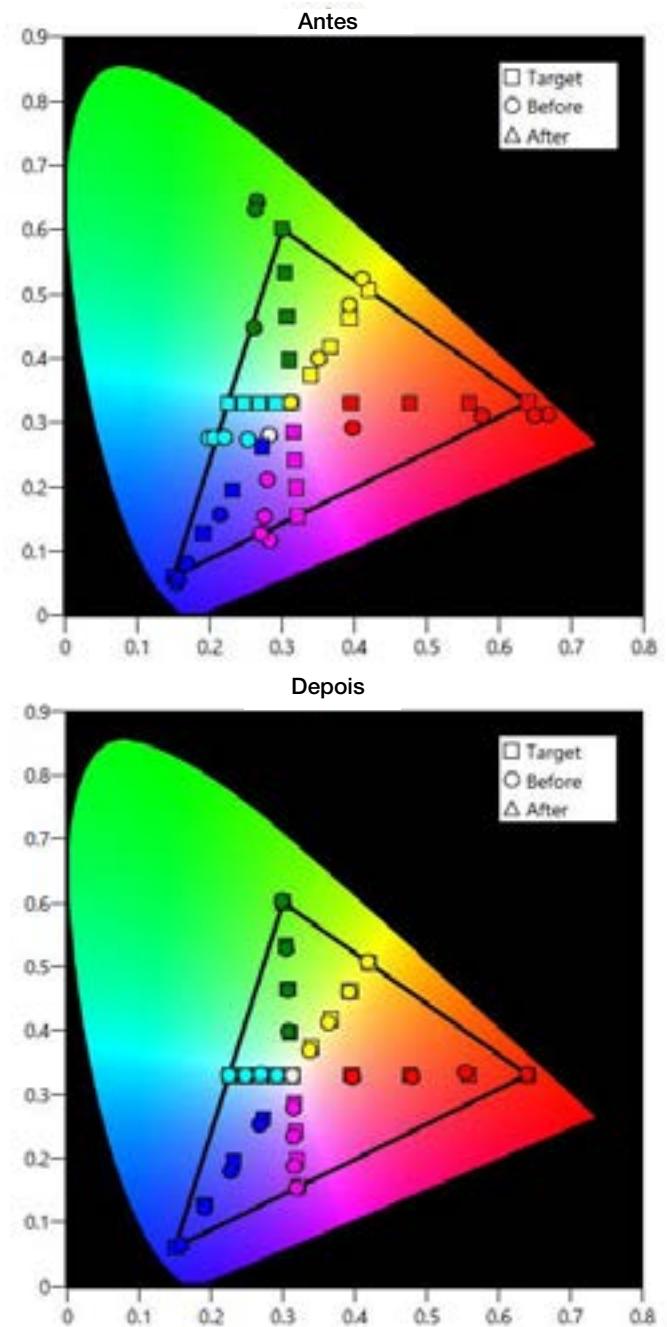


A curva de Gamma inicial estava muito ruim, com valor médio de 1,56. Fizemos alguns ajustes utilizando o menu com ajuste em 20 etapas buscando seguir o padrão BT1886. As medições

pós-calibração apresentaram Gamma médio de 2,34 com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%) e boa linearidade.

A taxa de contraste medida foi de 13.641:1, ótimo valor para aparelhos LCD LED.

#### Saturação de Cores



O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando excelente linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações.

A Samsung Q70 após calibração recebeu elogios de todos, apresentando uma imagem excelente com cores vivas e grande sensação de imersão. ■



Astor Piazzolla - Foto: Juan Sandoval

# ASTOR PIAZZOLLA: ARGENTINO, 'TANGUERO' E, SOBRETUDO, MÚSICO

 **Omar Castellan**  
omarcastellan@clubedoaudio.com.br

O tango, ainda hoje, apresenta alguma verdadeira relevância? Seguramente, sim. No que há de melhor em sua criatividade e emoção, o tango é mais do que seus próprios clichês perpetuados em arranjos 'melosos'. Em um grau considerável, foi Astor Piazzolla o responsável por garantir o crescimento contínuo e também a atualização do tango. Para ele, o tango foi mais que puras notas musicais e a projeção de qualidades específicas do gênero, tais como a liberdade, a paixão e o êxtase. Para um portenho como Piazzolla, o tango representou o 'telão de fundo' de Buenos Aires: o baile, a música, a

poesia, a canção e o gestual, como também 'ethos' e a filosofia de vida. É como disse o famoso violoncelista Yo Yo Ma: 'O tango não se reduz ao baile. É uma música de profundas implicações; ele reflete a história cultural e social de um País, o tango é a alma da Argentina. E os tangos de Piazzolla apresentam a força vital da voz verdadeira. Diferente dos tangos tradicionais, os dele são para escutar e não para dançar. Evocam imagens de Buenos Aires: uma pista de baile à meia luz, a fumaça de um cigarro fazendo piruetas no ar, uma bela mulher nos braços de um homem entregando-se ao ritmo do amor e ►

sonho, da dor e realidade'. A maior herança de Piazzolla foi mostrar que a música urbana contemporânea de uma cidade é e pode ser a base permanente de uma música revolucionária, e que por isso mesmo não deve e nem precisa ser imutável.

O tango argentino foi o primeiro e o mais marcante de uma série de estilos de danças exóticas que se originaram na América do Sul e nas ilhas caribenhas e que, depois, varreram a Europa, América do Norte e outras partes do mundo. A rumba, o samba, a conga, o merengue, a charanga e o chá-chá-chá apresentaram modas passageiras, mas nenhuma dessas danças competiu com o tango em sua permanência e influência sobre a imaginação popular. A data exata de seu nascimento é desconhecida, mas ele surgiu na Argentina no fim do século XIX, atingindo os 100 anos em torno da década de 1990. Os dois mais proeminentes artistas do tango foram o compositor e cantor Carlos Gardel (1887-1935) e o compositor e condutor Astor Piazzolla (1921-1992). O seu ritmo dançante inconfundível - lento, lento, rápido, rápido, lento - em compasso 2/4 é, provavelmente, de origem africana: escravos negros o levaram da África Central, via Cuba e México, para a Argentina; ele está mais relacionado à habanera cubana, música de compasso binário, com o primeiro tempo fortemente acentuado, e com uma curta introdução, seguida de duas partes de oito compassos cada uma, com modulação de tom crescente. O tango desenvolveu-se nos bairros operários de Buenos Aires e subúrbios em torno de seu porto. Ele era a música dos oprimidos das baixas classes sociais urbanas e, desde o começo, foi associado ao crime, drogas e prostituição em bares e bordéis sórdidos. Os marinheiros franceses que trabalhavam com tráfico de escravas brancas aprenderam o tango nos bordéis argentinos e o introduziram na França. Um pouco antes da Primeira Guerra Mundial, o tango tornou-se rapidamente moda em Paris, Londres e outras capitais europeias, onde foi aceito como música romântica, sensual ou erótica, mas não sórdida. O sucesso no exterior deu ao tango respeitabilidade em seu País de origem, a Argentina, e na década de 1920 mudou-se dos bares baratos e casas de prostituição para os cabarés e teatros. Nesse momento, Carlos Gardel surgiu como expoente do mundo do tango. Nascido em Toulouse, na França, mas criado na Argentina, ele apresentava uma voz de barítono instantaneamente reconhecível e o aspecto do amante latino clássico. Gardel gravou cerca de mil músicas, muitas vezes acompanhadas por ele próprio no violão. Através de gravações, concertos e filmes, se tornou um mito, tal como o foram, na época, Rudolph Valentino e Greta Garbo. A morte de Gardel em um acidente de avião, em 1935, foi considerada como uma tragédia cultural, especialmente nos Países de cultura espanhola. Com suas composições e performances, levou o tango clássico ao seu pico

mais elevado. Muitas de suas canções tematizavam a amargura na vida das favelas, impregnada pela pobreza e decepção causada por falsos valores e desilusões amorosas. Ele conseguiu expressar esse tipo de melancolia, bem característico da nação argentina, dentro da estrutura rígida e ritmo do chamado tango da 'Velha Guarda'. Esse cenário mudaria em meados dos anos 1950, quando uma revolução ocorreu na música popular argentina, lançada por Astor Piazzolla, que chamou sua obra de 'Tango Novo'. Porém, os tradicionalistas nunca o perdoaram. A guerra absurda travada na Argentina entre os piazzollistas e os antipiazzollistas durou décadas. Piazzolla promoveu uma profunda renovação da música de tango, evoluindo constantemente, e sua obra foi um reflexo de Buenos Aires; ele foi o melhor intérprete da alma de uma cidade vital, enérgica e melancólica, que recusava qualquer imagem sonora diferente da corriqueira, congelada. Sua música foi capaz de cativar o mundo e de transformá-lo em um dos dois ou três compositores mais venerados do continente latino-americano do século XX. Músicos de todo o mundo colocaram-no naquele nicho destinado aos pouquíssimos mercedores de idolatria, mas em Buenos Aires nem sempre foi assim. As resistências continuam até hoje, e só as novas gerações souberam romper barreiras e, enfim, entendê-lo. Isso foi o que Piazzolla buscava a vida inteira, mas pouco conseguiu.

Duas declarações à imprensa, uma do próprio Piazzolla, e outra, de sua segunda esposa, Laura Escalada, mostram precisamente como era o seu caráter e personalidade: 'Quem você gostaria de ter sido? Bach ou Mozart. No entanto, sofreram tanto! Qual o principal traço de sua personalidade? O nervosismo. Sempre estou mexendo os dedos. Seu defeito principal? Jamais penso no que falo. Por isso, faço muitas bobagens e cometo fiascos. Qual seria a sua maior desgraça? Perder a minha mulher. O que mais lhe aborrece? Que me ofereçam uma péssima comida. Nome favorito? Windy, Sonny, Zum. São os meus três cães. O que sente em relação a um policial? Antipatia. Sinto repulsa por todo aquele que é portador de armas. Que dom natural gostaria de possuir? Voar, como os pássaros. Como você gostaria de morrer? Violentamente. Sua ideologia? Creio na vanguarda, na liberdade, na revolução'. (Astor Piazzolla em *La Semana*, 1983). "Astor é um homem muito complexo e, também, muito sensível. Diria que é uma síntese entre a simplicidade e a controvérsia. Possui uma vida interior absolutamente sua e na qual ninguém penetra. Tampouco eu. Somente ele vive, desfruta e resolve esse mundo interior, e o transmite através de sua música. Ao mesmo tempo, é um ser extremamente vulnerável, de uma ingenuidade infantil. Sempre foi muito tímido, desde a sua infância. Somente na intimidade e em momentos muito especiais, ele se expõe, o que tem muito a ver com o que sempre foram as famílias italianas e espanholas, algo

## BIBLIOGRAFIA

atávico. Não é muito afável, ao contrário, bem seco. Fazer uma carícia espontânea é um pouco estranho para ele. Dizer 'te amo' ou 'abraça-me' não é usual. O curioso em tudo isso é que Astor é imensamente afetuoso. No cotidiano é singelo, simples e nada pretensioso. No princípio, seus silêncios me incomodavam, porém logo descobri o porquê: são os momentos que tem para pensar. É uma máquina de pensar" (Laura Escalada Piazzolla em *La Semana*, 1983).

Piazzolla tinha paixão por seu instrumento: o bandoneón. As qualidades desse instrumento têm sido reconhecidas bem antes da tradição do tango. 'No bandoneón pode-se tocar qualquer coisa', disse uma vez Pablo Casals. É um instrumento formidavelmente difícil. A variedade diatônica de 71 botões, preferida por todos os bandoneonistas de tango, apresenta 38 botões para a mão direita e 33 para a esquerda, e cada um produz duas notas distintas conforme o instrumento estiver com o fole aberto ou fechado. A disposição dos botões parece incompreensível à primeira vista. Na Europa se adotou, em meados da década de 20, um sistema mais racional (o cromático), porém os músicos argentinos se aferraram tenazmente à disposição diatônica, muito mais difícil de tocar. Piazzolla não deixou nenhum tratado teórico sobre a execução do instrumento, e não conseguiu concretizar o seu projeto de fazer para o bandoneón o que Béla Bartók havia realizado para o piano com seu *Mikrokosmos*. Em várias ocasiões fez declarações sobre as características essenciais do instrumento, geralmente para a imprensa estrangeira, comparando-o com o acordeão: 'O acordeão apresenta um som ácido, cortante. É um instrumento muito zombeteiro. O bandoneón possui uma sonoridade aveludada, religiosa. Foi feito para tocar música triste'. Isso o tornou ideal para o tango, com seus fortes elementos de nostalgia e melancolia. Em outras palavras, o acordeão é extrovertido, o bandoneón, introvertido.

Natural de Mar del Plata, Piazzolla nasceu em março de 1921, mas amava Buenos Aires. Quando ele tinha três anos de idade, seus pais se mudaram com a família para os Estados Unidos, onde viveu em um bairro da classe operária de Nova York, no Bronx, então chamado de Lower East Side (atualmente o valorizado East Village), que, naquele tempo, era o local menos recomendável para se viver nessa cidade. O primeiro bandoneón chegou à sua vida pelas mãos do pai, Vicente - filho de imigrantes italianos, barbeiro, violonista e amante do tango; sua mãe, Asunta, trabalhava como costureira e cabeleireira. Astor tinha seis anos. Daí em diante, ele e o bandoneón jamais se largariam. Preferia compor ao piano, mas através do bandoneón se dirigiu ao seu tempo, a Buenos Aires e ao mundo. Mais tarde, ele comentaria que as brigas com os garotos em gangues de bairro, em Nova York, o prepararam para as suas lutas posteriores no mundo musical. Embora alguns de seus companheiros dessa

época tenham ficado famosos quando adultos (como o campeão mundial de boxe de peso pesado, Rocky Marciano), Piazzolla expressou, posteriormente, que metade deles acabou na prisão de Alcatraz, na Califórnia, e a outra metade na prisão de Sing Sing, em Nova York. Apesar de suas finanças limitadas, os pais de Piazzolla investiram em sua educação musical. Na década de 1930, começou a estudar bandoneón com um músico argentino que morava na cidade, Andrés D'Acquila, e piano com o húngaro Bela Wilda, que tinha sido um dos alunos de Rachmaninov. Logo após, teve alguns poucos momentos de fama quando foi convidado para tocar bandoneón no filme *El Dia Que Me Quieras*, estrelado pelo maior ícone da cultura argentina do século XX, Carlos Gardel; Piazzolla, também, protagonizou uma pequena cena no filme como vendedor de jornais.

Em 1937, a família de Piazzolla retornou à Argentina, e o jovem Astor, com 16 anos, conseguiu aquilo que, para a carreira de um jovem músico, era o emprego dos sonhos: tocar na famosa orquestra do regente e compositor Aníbal Troilo como solista de bandoneón; junto com esse gigante da música argentina, passou a fazer arranjos, em parte graças ao que aprendera nas aulas com Alberto Ginastera, um dos maiores compositores eruditos da primeira metade do século XX na América Latina. Nessa época, o tango ainda ensaiava tímidos passos de inovação, e a chegada de Piazzolla como o jovem arranjador da orquestra de Troilo começou a abalar os alicerces, não sendo muito bem recebido. Era apenas o sinal do que viria depois. Ficou nessa orquestra até 1942. Depois de ter passado por outras orquestras e de ter formado o seu primeiro grupo, Piazzolla resolveu dedicar-se essencialmente a compor música de câmara, mergulhando no mundo da música erudita. Logo após, em 1953, ganhou uma bolsa do governo francês para estudar em Paris, com a famosa pedagoga Nadia Boulanger que, impressionada com a sua música, encorajou-o a concentrar-se sobre o que ele fazia melhor, o tango. 'Um dia, Nadia me pediu que tocassem um tango no piano', contou Piazzolla, 20 anos depois. "Sentei-me, toquei um tango qualquer e, depois, um que eu mesmo havia escrito. Quando acabei, ela sentenciou: 'Enfim ouvi Piazzolla, depois de um ano. Chega de aulas, você já tem o seu caminho. Vá compor, crie um grupo, faça seus arranjos e nunca mais deixe de ser esse Piazzolla'. Acho que ali começou tudo." Permaneceu em Paris durante um ano e, aí, gravou dois discos com outro músico argentino, o pianista Lallo Schifrin, amigo íntimo até o fim de sua vida, que faria carreira nos EUA.

De volta a Buenos Aires, em 1955, Piazzolla trouxe uma série de composições na bagagem, ideias atrevidas na cabeça e a lição de Boulanger na alma. Criou dois conjuntos revolucionários, a Orquestra de Cordas e, logo depois, o Octeto Buenos Aires, reunindo os melhores instrumentistas da época. Compôs e interpretou música ►

que combinava alguns elementos do tango da 'Velha Guarda', com influências do jazz e música clássica. Estas novidades atraíram novos ouvintes, mas enfureceram os puristas do tango, abandonando o ritmo do tango tradicional. Na década de 1960, o governo militar argentino condenou o seu trabalho por ser de vanguarda. No entanto, os críticos que o vilipendiaram, chamando-o de palhaço ou paranóico, trouxeram-lhe publicidade e novos públicos, e o tiro saiu pela culatra. Em 1974, ele deixou a Argentina e se mudou para a Europa, onde trabalhou até a década seguinte, introduzindo sua música a uma vasta audiência internacional. A partir daí, e até o fim, sua vida girou entre Roma e Paris, tendo sempre Buenos Aires como eixo, tocando e gravando em cidades como Viena, Amsterdã, Nova York e Tóquio. Essas cidades se deixaram cativar pela sua música, e souberam amá-lo de um jeito que Buenos Aires jamais conseguiu. É claro que Piazzolla carregava essa mágoa com ele, mas evitava demonstrá-la. Contra a sua força e talento, nada podiam os ventos e as marés. Era altivo, e conseguiu permanecer em evidência por muito tempo, e, para isso, possuía a mais sólida das saídas: a música. Na realidade, desde meados da década de 1970, ele nunca mais deixou de ocupar um espaço fixo no Olimpo dedicado aos mestres. Conseguia aquilo que seus amigos achavam que ele havia procurado a vida inteira: sua estabilidade financeira e consagração. A partir de 1980, dedicou seus melhores esforços à composição de temas cada vez mais inovadores e elaborados do que nunca. Passou a receber enxurradas de encomendas de trilhas sonoras, de peças sinfônicas e de câmara. Parecia possuir uma mina própria de acordes e linhas melódicas, conseguindo manter uma identidade inalterada sem se repetir um só instante. Essa 'máquina' só pararia em julho de 1992, quando em um quarto, em Paris, Piazzolla sofreu um agudo derrame cerebral. Durante dois anos lutou contra a morte. Em uma entrevista, disse: 'Nunca tirem a música de mim. Enquanto estiver vivo, estarei fazendo música, e viverei sempre para ela'. Ele tentou. Na noite de 4 de agosto de 1992, Piazzolla morreu em um hospital de Buenos Aires, a cidade que tanto amava e lhe inspirava, apesar dos contratempos.

A intenção artística fundamental de Piazzolla foi combinar a sua determinação em renovar o tango com o prazer da experimentação, cruzando fronteiras e explorando diversas culturas e gêneros musicais. Representou a encarnação viva da integração e o 'crossover'. Isso não significa que tenha negado alguma vez suas raízes argentinas; no entanto, ele foi, também, um transgressor no verdadeiro sentido do termo, sempre aberto a novas influências. Sem deixar de ser 'tanguero', resolveu criar algo mais universal. Tolstói o inspirou com o seu lema: 'Pinta tua aldeia e pintarás o mundo'. Piazzolla pintou sua grande aldeia com um talento tão consumado que tanto

os músicos quanto o público logo afluíram a ele nos quatro continentes, foi um músico universal que necessitava concentrar-se na linguagem de Buenos Aires. Quanto mais local era, mais universal se tornava. Foi um compositor completo. Não somente o conteúdo era importante para ele, mas também a estrutura e a forma. O estilo de sua música pôde ser reconhecido rapidamente. Suas características principais encontram-se na forma como realizou a fusão da música clássica (com influências marcantes de Stravinsky e Bartók, seus heróis) e do jazz norte-americano com a música de tango que escrevia e tocava. A partir dessas influências primordiais, e da formação que recebeu de Ginastera e Boulanger, destilou algo completamente único e diferente. Nas décadas de 1940 e 1950, estudou detalhadamente partituras como as *Quatro Estações*, de Vivaldi, *O Amor das Três Laranjas*, de Prokofiev, *Primavera nos Apalaches*, de Copland, e *Scheherazade*, de Rimsky-Korsakov. Nesse período, lhe interessava muito Debussy. Em 1964, expressou que seus compositores favoritos eram Bach, Brahms, Ravel, Stravinsky e Alban Berg, e, em outras ocasiões, agregou ao seu panteão de grandes mestres, Hindemith. Bartók sempre foi um de seus favoritos, em especial, o Bartók de *Mikrokosmos*. Também lhe atraíram os músicos ocidentais nacionalistas, como Copland, Gershwin e Villa-Lobos. Não mostrou muito entusiasmo pela música dodecafônica ou dos compositores experimentais posteriores à Segunda Guerra Mundial. Respeitava figuras como Pierre Boulez, Stockhausen, Luigi Nono ou Iannis Xenakis, porém não o inspiravam. Em 1989, comparou a música contemporânea com a busca da vacina para a Aids: 'Está aí, mas ainda não está aí... não saiu à venda'.

Como todo artista, Piazzolla possuía particularidades e recursos favoritos semelhantes a qualquer outro compositor que encontra a sua voz. A repetição de motivos e a recorrente apelação a técnicas de fuga se encontram entre as suas características mais conhecidas. Tomou isso emprestado de outras tradições musicais diferentes do tango: as progressões harmônicas do jazz ou da técnica do baixo-contínuo, que aprendeu de seu ídolo Bach (seu uso mais célebre se encontra na 'falsa passacaglia' do adágio de *Adiós Nonino*). A habilidade contrapontística de Piazzolla e a confiança em empregá-la em texturas musicais mostram a sua plena formação acadêmica. Seu toque pessoal está, também, presente na orquestração, impulso rítmico e exploração dos timbres instrumentais. Ele manteve os timbres básicos do tango clássico (bandoneón, piano, cordas), mas experimentou constantemente novas modalidades instrumentais: orquestra de cordas com bandoneón solista, quintetos, sextetos, octetos, um noneto e orquestras mais numerosas. Com os anos, em sua ansiedade para expandir a gama instrumental, incluiu a guitarra elétrica, percussão, harpa, flauta transversa, vibrafono, *piccolo*, ▶

## BIBLIOGRAFIA

celestes e sintetizadores, sem esquecer, de vez em quando, dos cantores e coros. No entanto, ele se sentia mais cômodo com seus conjuntos menores, sobretudo os quintetos (1960-1974 e 1978-1988) e seu noneto, em que se pode apreciar melhor a sua genialidade para evidenciar os instrumentos (na partitura).

Em sua evolução musical, Piazzolla utilizou um vasto repertório de técnicas de composição: cânones, polirritmia, politonalidade, fugas, dissonâncias e, ocasionalmente, efeitos atonais e impressionistas que lembram Ravel. Também, apanhou elementos do jazz 'progressivo' e o *cool* das décadas de 1940 e 1950, que tanto admirava. Na década de 1950, artistas como Stan Getz, Chet Baker, Gil Evans, Gerry Mulligan, Lennie Tristano e George Shearing, e grupos como o Modern Jazz Quartet, deixaram a sua marca nele e em sua obra, em especial em sua obra para o Octeto, que foi, talvez, de todos os seus conjuntos, o mais influenciado pelo jazz. O mais importante que Piazzolla extraiu do jazz foi, provavelmente, o *swing*. Na realidade, Piazzolla criou um conceito próprio do *swing*: 'um *swing* de quatro compassos baseado na unidade rítmica estabelecida nos graves do piano pela mão esquerda', e que era compensado mediante diversas figuras rítmicas fora do tempo, sendo muitas delas de sua criação. Quanto à livre improvisação, deixou bem claro que o tango apresentava uma forma demasiado estreita em relação ao jazz; assim, em troca, deu uma considerável liberdade expressiva aos instrumentistas dos diversos grupos. Em grande parte, o estilo de composição de Piazzolla derivava da sua necessidade de escrever para seus músicos, aos quais concebeu, desde a época do Octeto em diante, como solistas dentro do marco do conjunto, estimulando-os para que improvisassem frases de tango (não de jazz) e adornassem as partes escritas por ele. Piazzolla sempre necessitou estar rodeado de músicos que o estimulasse a escrever para eles e que fossem capazes de exibir o seu talento. Tanto o pianista Osvaldo Tarantino quanto os violinistas Antonio Agri e Fernando Suárez, e o percussionista Enrique Roizner eram mestres na improvisação 'tanguera'.

Os acentos característicos da estrutura rítmica de grande parte da música piazzollana correspondem ao 3-3-2, isto é, ocorre a ênfase na 1ª, 4ª e 7ª notas dos octetos em um compasso 4/4. Deriva, em última instância, da habanera cubana que influenciou a milonga argentina. Esse ritmo, posteriormente, foi incorporado ao acompanhamento do violão nas milongas e orquestras de tango das décadas de 1930 e 1940. Outra influência foi a música Klezmer que Piazzolla escutava nos casamentos dos judeus de Manhattan em sua infância, e cujo ritmo ficou impregnado em sua memória para sempre. O ritmo dessa música (proveniente das regiões da Europa Central, principalmente na Bulgária) havia sido, também, incorporado por Bartók; quando Astor estudou com Ginastera, este lhe mostrou muitas

partituras do grande compositor húngaro, e esses ensinamentos o influenciaram de uma maneira marcante. Entretanto, seja qual for a origem do ritmo 3-3-2, é certo que Astor o tornou seu de um modo particular. Sua sensibilidade rítmica era extraordinária. Considerado por seus companheiros como uma verdadeira 'enciclopédia ambulante' de ritmos, ele possuía um ouvido particularmente agudo para as raízes africanas das formas de dança no Rio de la Plata, as quais confluíram historicamente no tango.

As obras de Piazzolla mostram-se muito bem estruturadas na forma, nas seções, repetições, orquestração, variedade, intensidade e pontos culminantes dos temas. Esse excelente sentido estrutural iniciou-se no fim dos anos 50 e começo dos 60, em obras como *Tres Minutos con la Realidad e Buenos Aires Hora Cero*. A partir de então, muitas de suas obras breves apresentam como traço característico comum uma divisão bipartida: uma parte que expressa grande ênfase rítmica ou impetuosa, e outra em que predomina a linha melódica. Nas seções rítmicas, a melodia soa fragmentada, irregular, entrecortada, enquanto que nas seções melódicas encontram-se meditativas, românticas ou apaixonadas. Em sua peça *Cité Tango* (1977), essa dualidade se apresenta bem evidente, e nela há, na linha melódica, uma das passagens de bandoneón mais elegâncias de Piazzolla. Em outras obras, o ritmo predomina totalmente, do começo ao fim, como em *Escualo* (1979), ou, ao contrário, a melodia é predominante, como em *Llueve sobre Santiago* (1975), dando apenas um pequeno espaço à parte rítmica como contraponto. Piazzolla cresceu junto com a cidade portenha em um momento em que nela estavam ocorrendo grandes mudanças. Sua música representa para Buenos Aires o que Gershwin significa para Nova York. Escutar uma partitura dele com seu bandoneón é ter um postal musical de Buenos Aires, que pinta a paisagem sonora da cidade de dia e de noite. A sonoridade do bandoneón é indispensável e singular; é o som da Argentina, o som de Piazzolla. Vários artistas argentinos expressaram muito bem o que é a música dele. A pianista Mónica Cosachov assinala: 'Sua música é muito passional, cambiante, com partes muito sentimentais... de repente, toda a força rítmica, todo esmagamento, todas as rusgas do temperamento expostas, e, depois, a melodia que comove a alma, que o leva a outro lugar, a locais melancólicos de Buenos Aires, ao rio. Em sua música tudo se mescla'. Segundo Rodolfo Achourron, destacado músico compositor argentino, o som de Piazzolla abarca 'toda a gama de *pathos*, muito alegre, histriônico, sarcástico... dramático, sentimental, romântico, muito romântico'. O grande bailarino Maxiliano Guerra afirma: 'A música de Piazzolla possui duas características: por um lado, a celestialidade e o angelical, e, por outro, a sensualidade e o mundano... Possui tudo... É uma magia'.

**Adiós Nonino** é a obra mais célebre de Piazzolla. Era assim, 'Nonino', em italiano, que Diana e Daniel, seus filhos, chamavam o avô. Em 1959, na República Dominicana, faltando alguns minutos para começar o seu recital, Piazzolla ficou sabendo da morte de seu pai na Argentina. Subiu ao palco em silêncio, tocou com a agonia de sempre, e, quando tudo terminou, voltou para casa, pediu para ficar sozinho e compôs o famoso tango. Esse fato significou o colapso de uma estrutura, a remoção de uma firme mão dominadora da qual Astor tinha plena consciência. Sua conduta pessoal tornou-se imprevisível: o matrimônio esfacelou-se, a relação com os filhos deteriorou-se e nunca mais foi reconstruída totalmente (uma ferida que Piazzolla levou consigo até a tumba). Sua vida só se estabilizaria em meados dos anos 70, com sua segunda esposa, Laura Escalada. O interessante é que os anos que transcorreram entre a morte de Nonino e seu ataque de coração, os de maiores dificuldades, foram precisamente o seu período mais produtivo. Liberado do mandato paterno pôde, então, combinar seu velho amor pela música clássica e jazz com o tango, e, finalmente, fazer a sua música. Buscando inspiração nos célebres concertos de Vivaldi, Piazzolla compôs **As Quatro Estações Portenhelas**, entre os anos de 1964 e 1970, colocando nelas uma atmosfera latina, melancólica e vigorosa, assim como o próprio tango. Ele descreve através dessa música a forma

de vida e as sensações dos portenhos nas quatro estações do ano: *Primavera, Verão, Outono e Inverno*.

Em 1968, Piazzolla estreou sua primeira parceria com o poeta uruguai Horácio Ferrer e com aquela que seria a sua companheira durante sete anos, a cantora Amelita Baltar, na opereta **Maria de Buenos Aires**, que narra o nascimento e morte de Maria, figura feminina simbólica, cujo espírito dá à luz, rapidamente, uma segunda Maria; Ferrer explora no libreto cativantes estereótipos portenhos de todas as épocas. Piazzolla sempre recordava com orgulho uma ocasião, em que vários artistas brasileiros que se apresentavam em Buenos Aires (Vinícius de Moraes, Baden Powell, Elis Regina, Quarteto em Cy, Oscar Castro-Neves e outros) foram vê-lo na apresentação da opereta, e, ao término, o aplaudiram em pé, enquanto o resto do público permanecia sentado. Vinícius de Moraes lançou, então, sua expressão habitual de aprovação, bastante comum entre os músicos: 'Filho da puta!'. Depois, Piazzolla lhe confidenciou: 'É a coisa mais linda que já me disseram em minha vida'. Logo após, compôs **Tangazo** para Ignacio Calderon, interpretado pelo Ensemble Musical de Buenos Aires, **Tango Seis** para o Melos Ensemble, e **Milonga em Ré** para o famoso violinista italiano Salvatore Accardo. Dentre elas, a mais famosa é **Tangazo**, uma obra notável. Com densa partitura e sem bandoneón, ela se inicia com um lento *fugato* dos contrabaixos;



Buenos Aires - Argentina

## BIBLIOGRAFIA

as cordas vão surgindo pouco a pouco como um leque se abrindo e, logo após, as madeiras invertem o tema principal e o desenvolvem; um oboé introduz uma nova melodia nostálgica, reforçada pelo *tutti* da orquestra, e o contrapõem algumas passagens de flauta; a peça parece encaminhar a um final de bacanal, porém termina em um surpresa *pianíssimo*. Essa obra foi um dos maiores intentos de Piazzolla para transformar o tango em música sinfônica.

Ao lado de Ferrer, Piazzolla compôs, também, canções com letras que tiveram algum êxito na argentina e um sucesso estrondoso em outros países. É o caso de *Balada para un Loco*, que significou para ele a estreia na lista dos discos mais vendidos e das canções mais tocadas nas rádios. Essa canção representou para sempre uma linha divisória entre o tango anterior e o posterior a Piazzolla - representa, provavelmente, uma resposta latino-americana ao desafio dos Beatles, uma espécie de *A Day in the Life* argentino. Nela, Astor e Ferrer recordaram o ritmo de valsa cada vez mais acelerado que haviam escutado no filme *Le Roi de Coeur*; bastaram uns poucos ajustes no tempo de valsa para criar esse famoso clássico. Juntos, compuseram, ainda, um oratório encomendado especialmente pela televisão alemã: *El Pueblo Joven* (1971). O magnífico *Concerto de Nácar* (1972) foi composto no apogeu da criatividade de Piazzolla, com a participação do Noneto e o Ensemble Musical de Buenos Aires. Elogiada pelo público e crítica argentinos, essa obra apresenta uma magnífica construção em que o Noneto se funde com perfeição à orquestra - hábeis e delicados toques da percussão matizam o movimento lento, e um *ostinato* rítmico reforça o desenvolvimento do *allegro* final. Com o Noneto, passou a apresentar-se com certa frequência no Brasil, onde foi bem acolhido por músicos jovens, como Edu Lobo, Egberto Gismonti, Hermeto Pascoal e Milton Nascimento. Nesse mesmo ano, foi morar em Roma, e inspirado pelos ares da cidade, dedicou-se totalmente à composição. O resultado foi uma série de obras instrumentais breves: *Libertango*, *Meditango* (com fortes influências de Vivaldi), *Tristango*, *Violentango*, *Amelitango* etc., todas elas incluídas em seu primeiro disco italiano, com o título *Libertango*. Essas obras, em sua maioria, de grande vigor e ritmo espetacular, soavam diferente de tudo o que Piazzolla já tinha escrito, em grande parte por sua instrumentação. Parecia estar buscando uma nova sonoridade para captar seu novo público europeu, como havia sucedido com o jazz-tango para o público norte-americano. Foi, também, em Roma que gravou com Gerry Mulligan (1974) um disco que se transformaria em um ícone disputado, até hoje, em todo o mundo: *Summit*, que incluiu outro dos grandes clássicos do compositor argentino, *Years of Solitude*. Depois, trabalhou com os mais famosos artistas italianos como Mina, Milva, Modugno, entre outros, e, também, alguns dos mais prestigiados instrumentistas de

jazz pediram a ele que compusesse obras especiais, tais como Keith Jarret e Chick Corea.

A partir de 1980, Piazzolla se enveredou para as orquestras sinfônicas e conjuntos de câmara, como também passou a compor trilhas sonoras para Marco Bellocchio em *Henrique IV*, para Jeanne Moreau em *Lumiére*, e para Fernando Solanas em *Sur* e *Tangos: el Exilio de Gardel*. Com *Oblivion* (de *Henrique IV*) chegou ao Prêmio Grammy. Os críticos comentaram que esse tango apresentava um de seus mais belos temas; Piazzolla chegou a concordar, algo raríssimo de acontecer, pois ele dificilmente admitia destacar algumas de suas peças. A música de Piazzolla para *Lumiére* foi uma de suas grandes realizações para o cinema, e seus quatro movimentos (*Soledad*, *Muerte*, *Lumiére* e *La Evasión*) constituem uma primorosa combinação de delicadeza e profundidade. *Tangos: el Exilio de Gardel*, com sua música mágica, pulsátil e energizante, constitui um afresco de histórias entrelaçadas de argentinos exilados em Paris; foi um dos grandes êxitos do Novo Cinema Argentino da década de 1980. Este movimento, lamentavelmente efêmero, fazia parte da efervescência cultural que acompanhou o retorno da Argentina à democracia.

Piazzolla, em 1988, gravou com Lalo Schifrin e a St. Luke's Orchestra o *Concerto para Bandoneón, Três Tangos para Bandoneón e Orquestra* e a *Suite Punta del Leste*. O primeiro movimento do *Concerto para Bandoneón* é um *allegro* bem marcado, com uma pulsação rítmica plena de acentos e inflexões, lembrando o compositor tcheco Martinu, pela sua palpitante riqueza percussiva. O segundo movimento é o mais intenso e pessoal: ele desenvolve em seu bandoneón um de seus típicos temas, em um clima harmônico que recorda um coral. O último movimento, semelhante a um rondó, surpreende pela repetida utilização do guiro (instrumento semelhante ao reco-reco) e o abuso do glissando nos harmônicos. Para a maioria dos aficionados, a música da *Suite Punta del Leste* é, provavelmente, mais satisfatória e inspirada na parte melódica que a do *Concerto para Bandoneón*. No movimento intermediário, que evoca o som de um harmônio dentro da linha luminosamente esboçada do coral, Piazzolla se aproxima do ápice de seu estilo mais meditativo. 'Às vezes, fico imaginando como Bach o tocaria', comentou mais tarde, e acrescentou que tal movimento sintetiza a evolução da música eclesiástica 'desde a Idade Média até o século XIX, com um pouco de Canto Gregoriano, e alguns momentos hinde-mithianos...' Também, os outros movimentos apresentam o seu encanto, em especial a fuga final, com suas justaposições intermitentes de bandoneón e sopros. Em *Três Tangos para Bandoneón e Orquestra*, o segundo movimento corresponde a uma reminiscência da *Milonga Triste* (1936) de Sebastián Piana, e o terceiro apresenta uma impressionante exibição de imaginação e poderio rítmico, se- ►

melhante à *Sinfonia em Três Movimentos*, de Stravinsky. Em 1989, com o Kronos Quartet, ele interpretou a suíte intitulada *Five Tangos Sensations*, sua última gravação em estúdio. A obra é uma derivação de *Sette Sequenze*, uma música para bandoneón e cordas, que havia escrito em 1983 e gravado nesse mesmo ano, em Munique, com um quarteto com membros da grande orquestra. O tango da 'Velha Guarda' ainda sobrevive em exibição nos sumptuosos salões de dança, como uma espécie de souvenir exagerado das primeiras décadas do século XX. Gardel sempre é lembrado carinhosamente.

te, e, em 1995, cerimônias repletas de lágrimas em seu túmulo, no cemitério Chacarita, em Buenos Aires, marcaram o 60º aniversário da sua morte. Em Nova York, os edifícios de apartamentos da Nona Avenida Leste e da Praça São Marcos, local onde Astor Piazzolla passou a sua infância, ainda se encontram intactos, mas sem placas de bronze para lembrar o mais famoso solista de bandoneón conhecido e o criador do 'Tango Novo'. Entretanto, deixou sua marca em um mundo musical muito mais amplo, em que ele representa, cada vez mais, uma figura respeitada e amada. ■

## DISCOGRAFIA SELECIONADA

### Interpretações com Piazzolla (bandoneón):

- **Piazzolla Classics (Tangazo, Tres Tangos para Bandoneón e Orquestra, Concierto de Nácar etc.):** Calderón / Piazzolla / Buenos Aires SO - Milan Records 35640-2.
- **Piazzolla - The Soul of Tango (Greatest Hits):** Milan Records - 39505 (2 CDs).
- **Tango: Zero Hour:** Piazzolla / New Tango Quintet - Nonesuch 79469-2.
- **Rough Dancer And The Cyclical Night:** Piazzolla - Nonesuch 79515-2.
- **Libertango:** Piazzolla - Classical Options 3504.
- **Summit:** Guerry Mulligan / Piazzolla - Tropical Music 68842.
- **Astor Piazzolla Reunion: A Tango Excursion:** Gary Burton (vibrafone) / Piazzolla - Concord Records 4793-2.
- **Concierto de Nácar e outras Obras:** Piazzolla - Milan Records 83584-2.
- **Concierto para Bandoneón e Tres Tangos para Bandoneón e Orquestra:** Piazzolla / Schifrin / St. Luke's Orchestra - Nonesuch 79174-2.
- **Suite Punta del Leste:** Piazzolla e Quinteto - Personality 23197.
- **Tango, El Exilio de Gardel. Sur. El Viaje (trilhas sonoras):** Warner 309624.
- **Oblivion:** Piazzolla e Noneto - Personality 18437.
- **Lumière:** Trop 883573.
- **Piazzolla - Master of the Bandoneón:** gravações de 1942 a 1957 - Membran 232754 (10 CDs).
- **Piazzolla:** Gravações de 1972 a 1984 - Membran 205554 (10 CDs).

### Piazzolla por outros intérpretes:

- **Mi Buenos Aires Querido (Las Cuatro Estaciones Porteñas; Adiós Nonino):** Barenboim / Medeiros / Console - Teldec 0630-13474-2.
- **Libertango - Music of Astor Piazzolla:** Gary Burton - Concord Records 4887-2.
- **Di Meola (Guitarrista) Plays Piazzolla:** Blueloon 92744.
- **The Complete Astor Piazzolla Recordings:** Kremer / Astor Quartet / Kremerata Baltica - Nonesuch 7559798726 (8 CDs).
- **Soul of the Tango:** Yo Yo Ma (violoncelo) - Sony 63122.
- **Piazzolla - Itinerary of a Genius:** Quinteto Suárez Paz - Milan Records 49136-2.
- **G. String Quartet plays Piazzolla:** Koch 6423-2.
- **Five Tango Sensations:** Kronos Quartet - Nonesuch 79254-2.
- **Sergio & Odair Assad Play Piazzolla (duo de violão):** Nonesuch 79632-2.
- **Piazzolla: Best Tangos:** Aquiles Delle-Vigne (piano) - Naxos 8.572331.
- **Maria de Buenos Aires:** Kremer / Julia Zenko / Jairo / Kremerata Musica / Coral Lírico de Buenos Aires - Teldec 3984-20632-2 (2 CDs) ou Sidlin / Hines / Raphael / Cascade Festival Chamber O. - Koch International Classics (2 CDs).
- **Maria de Buenos Aires Suite, Verano Porteño, Milonga del Angel:** Versus Ensemble - Naxos 8.570523.
- **Tango Nuevo:** Cotik / Lin / Basham - Naxos 8.573166.
- **Sinfonia Buenos Aires. Aconcagua. Las Cuatro Estaciones Porteñas:** Guerrero / Binelli / Yang / Nashville SO - Naxos 8.572271.



Astor Piazzolla

## ASTOR PIAZZOLLA - O TANGO NOVO

XX Christian Pruks  
christian@clubedoaudio.com.br

### LINHA DO TEMPO

1909 - O compositor russo Igor Stravinsky compõe o balé *O Pássaro de Fogo*.

1918 - Falece o compositor francês Claude Debussy, em Paris. Nasce o compositor e maestro Leonard Bernstein, nos EUA.

1921 - Nasce Astor Piazzolla, em Mar del Plata, na Argentina.

1934 - Piazzolla conhece Carlos Gardel, que está em visita a Nova York.

1937 - Pablo Picasso pinta seu famoso quadro *Guernica*. O compositor alemão Carl Orff compõe *Carmina Burana*. Falece o compositor norte-americano George Gershwin, em Los Angeles. O compositor russo Dmitri Shostakovich compõe sua *Quinta Sinfonia*.

1953 - Piazzolla vai estudar composição e contraponto em Paris.

1959 - Piazzolla compõe *Adiós Nonino*, em homenagem ao seu pai.

1963 - Astor Piazzolla estreia seus *Trés Tangos Sinfónicos*.

1970 - Piazzolla estreia suas *Cuatro Estaciones Porteñas*.

1975 - Piazzolla inaugura seu Conjunto Electronico.

1978 - Astor Piazzolla inicia seu segundo e mais famoso Quinteto Tango Nuevo.

1983 - Estreia o *Concierto para Bandoneón y Orquesta* no Teatro Colón de Buenos Aires, com o Conjunto 9 e a Orquestra Filarmônica de Buenos Aires.

1990 - A composição *Le Grand Tango*, de Piazzolla, é estreada em Nova Orleans pelo violoncelista russo Mstislav Rostropovich, para quem a obra havia sido dedicada.

1992 - Após dois anos em coma, devido a uma hemorragia cerebral, Astor Piazzolla falece em Buenos Aires.

## COMPOSITOR

**Astor Piazzolla:** nascido na cidade de Mar del Plata, na Argentina, em 1921, filho de imigrantes italianos. Quatro anos depois, sua família mudou-se para Nova York, estabelecendo-se no então violento bairro de Greenwich Village. Sua educação musical começou em casa, onde ouvia os tangos tradicionais de Carlos Gardel e de Julio de Caro, assim como jazz e música clássica, principalmente a obra de Bach. Aos oito anos de idade, seu pai presenteou-lhe com um bandoneón que encontrou em uma loja de penhores da cidade. Três anos depois Piazzolla compôs seu primeiro tango, intitulado *La Catinga*, e logo começou a ter aulas de música com a pianista húngara Bela Wilda, que havia sido aluna de Rachmaninov, aprendendo também a tocar Bach em seu bandoneón. Em 1934, conheceu Carlos Gardel e fez uma ponta em seu filme musical *El Día que me Quieras*. Aos 15 anos, voltou com a família para a Argentina, onde passou a tocar em várias orquestras de tango, conhecendo o trabalho de Elvino Vardaro e sua inovadora leitura do tango, levando Piazzolla a entrar para a orquestra de Aníbal Troilo, uma das mais célebres orquestras de tango de todos os tempos, da qual também tornou-se arranjador e eventual pianista. Em 1941, seguindo o aconselhamento do famoso pianista Arthur Rubinstein, começou a estudar com o eminentíssimo compositor argentino Alberto Ginastera, estudando obras de Stravinsky e Ravel e aprendendo orquestração e, depois, piano com Raúl Spivak, logo escrevendo suas primeiras peças de música clássica. Em 1944, juntou-se à orquestra de Francisco Fiorentino, onde ficou por dois anos, quando formou sua própria Orquestra Típica, onde estava livre para experimentações com o tango e para compor trilhas de filmes. Em 1950, voltou a estudar clássicos e regência com Herman Scherchen, estudando

jazz e largando o bandoneón a favor da música clássica - neste período começaram a surgir as primeiras composições com o estilo único do compositor. Em 1954, recebeu uma bolsa do governo francês para ir estudar composição e contraponto com a professora Nadia Boulanger no Conservatório de Fontainebleau, onde também ficou profundamente impressionado com o trabalho do jazzista Gerry Mulligan. De volta a Buenos Aires, formou seu octeto e quebrou com a tradição do tango, da orquestra típica, indo para o puro instrumental, mesclando elementos de jazz com música de câmara, criando o 'Nuevo Tango'. Mas, controverso na Argentina, sua fama primeiro apareceu na Europa e nos Estados Unidos. Devido ao ambiente político, sua família mudou-se novamente para Nova York em 1958, onde ele trabalhou com vários conjuntos musicais. De 1960 a 1970, de volta à Argentina, trabalhou prolificamente com várias formações de octeto e quinteto, além de trabalhos com orquestra e uma operetta. Na década de 1970, formou o Conjunto 9, de música de câmara, e após um ataque cardíaco em 1973, mudou-se para a Itália, onde compôs e gravou durante vários anos. Nesta década iniciou o Conjunto Electronico, com apresentações na Europa e na Argentina, e formou seu segundo quinteto, que o deixou famoso no mundo inteiro. Na década de 1980, compondo tanto música clássica quanto música para o quinteto Tango Nuevo, apresentou-se em várias capitais do mundo, gravando e tocando com numerosos músicos de primeiro time, tanto de clássico quanto de jazz, e participou de vários festivais, como o de Jazz de Montreal e de um concerto ao vivo no Central Park de Nova York. Em Paris, em 1990, teve uma hemorragia cerebral, que o deixou em coma, vindo a falecer em 4 de julho de 1992, em Buenos Aires, sem haver recobrado a consciência.

## CURIOSIDADES

- Durante seu célebre concerto no Central Park, em Nova York, em 1987, Piazzolla definiu seu 'estranho' instrumento musical, contando que o bandoneón foi inventado na Alemanha em 1854 para tocar música religiosa em igrejas e, eventualmente, foi parar nos prostíbulos de Buenos Aires - onde o tango nasceu - chegando, então, naquele momento, até o Central Park em Nova York.

- Com quatro anos de idade, Piazzolla e família mudaram-se de Mar del Plata para Nova York, para o então violento bairro de Greenwich Village. Como tanto seu pai quanto sua mãe trabalhavam fora, o pequeno Piazzolla teve que aprender a cuidar de si mesmo logo cedo.

- Carlos Gardel, um dos mais célebres compositores de tango, foi a Nova York para, entre outras coisas, rodar seu filme *El Día que me*

*Quieras*. Diz a lenda que o jovem Piazzolla, de 14 anos, ajudou-o na cidade como guia e tradutor-intérprete. Ao ouvi-lo tocar o bandoneón, Gardel convidou-o para fazer parte de sua turnê. Para desespero do jovem Astor, seu pai proibiu que ele fosse. Aconteceu que, foi nessa mesma turnê que Gardel e toda sua orquestra morreram na queda de seu avião, no ano seguinte, em 1935. Piazzolla depois declarou que, se seu pai não tivesse sido tão consciente, ele estaria tocando harpa em vez de bandoneón.

- Em seu começo de carreira, Piazzolla ia dormir tarde todos os dias por causa dos clubes noturnos onde se tocava o tango, mas acordava cedo para não perder nunca a orquestra sinfônica ensaiando no Teatro Colón.

## BIBLIOGRAFIA

23  
ANOS  
AVMAG

### CURIOSIDADES

- O compositor Ginastera, mestre de Piazzolla, insistiu que ele inscrevesse sua composição *Sinfonia Buenos Aires* no prêmio Fabian Sevitzky, em 1953. O concerto acabou sendo com a Orquestra da Radio del Estado sob a regência do próprio Sevitzky com, no final, uma briga na plateia, porque pessoas se sentiram ofendidas com a inserção dos dois bandoneóns em uma orquestra sinfônica tradicional.

- Quando estava em Paris estudando com a célebre Nadia Boulanger, Astor tentou esconder de sua mestre seu passado tangueiro, achando que seu futuro seria como compositor de música clássica. Porém, ao ouvir um dos tangos de Piazzolla, Boulanger imediatamente parabenizou-o e encorajou-o a seguir sua carreira no tango, dizendo que era ali que estava seu verdadeiro talento. Esse foi um momento fundamental na vida e na carreira de Piazzolla.

- Durante seu período em Paris, já tendo composto uma série de tangos para a Orquestra de Cordas da Ópera de Paris, Piazzolla passou a tocar o bandoneón em pé, com a perna direita apoiada na cadeira e o instrumento apoiado em sua coxa direita. Até então o bandoneón era sempre tocado sentado.

- Enquanto estava se apresentando em Porto Rico, em outubro de 1959, Piazzolla recebeu a notícia da morte de seu pai. Assim que retornou a Nova York, alguns dias depois, ficou sozinho em seu apartamento e, em menos de uma hora, escreveu um de seus tangos mais famosos, *Adiós Nonino*, em homenagem ao seu pai.

- Apesar de, durante a ditadura militar argentina, de 1976 a 1983, Piazzolla estar morando na Itália, ele acabou visitando várias vezes seu País natal. Em uma dessas vezes almoçou com o ditador Jorge Rafael Videla. Quando perguntado por que aceitou o convite para almoçar, Piazzolla respondeu que Videla mandou dois homens de terno preto levando uma carta dizendo simplesmente que ele era esperado por Videla em determinada hora e local.

- O aeroporto de sua cidade natal, Mar del Plata, hoje leva seu nome: Aeroporto Internacional Astor Piazzolla.

- Os biógrafos e estudiosos de Piazzolla estimam que ele tenha escrito aproximadamente três mil obras, e gravado somente perto de 500 delas.

## COLEÇÃO MUSICIAN

### HISTÓRIA DA MÚSICA CLÁSSICA

A Editora AVMAG dará a oportunidade para você, que na época do lançamento, não conseguiu adquirir a coleção completa em CD.

Para isso, basta enviar-nos um e-mail, com essa solicitação. O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de SEDEX.

NÃO PERCA TEMPO!!!



Adquira já pelo e-mail  
[revista@clubedoaudio.com.br](mailto:revista@clubedoaudio.com.br)

EDITORIA  
AVMAG

CAIXA ESPECIAL  
**VILLA-LOBOS**



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfônias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

### Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº 1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS N° 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

**movieplay**  
DIGITAL MUSIC

[www.movieplay.com.br](http://www.movieplay.com.br)  
[movieplay@movieplay.com.br](mailto:movieplay@movieplay.com.br)

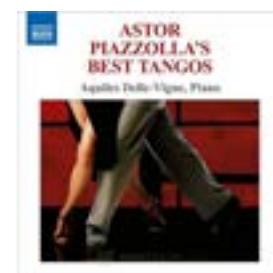
**f** /movieplaydigital  
**t** @movieplaybrasil  
**g** "movieplaydigital"  
(11) 3115-6833



## ASTOR PIAZZOLLA - O TANGO NOVO - VOL. 17

XX Christian Pruks  
christian@clubedoaudio.com.br

O compositor e intérprete argentino Astor Piazzolla foi, com sua obra, um dos indiscutíveis gênios do século XX. Com sua linguagem única, levou o tango de seu País não só para os muitos admiradores do gênero no mundo, mas, em última forma, também o levou a falar a língua dos jazzistas e dos músicos eruditos. Há ecos da complexa e belíssima obra de Piazzolla, seja ela com orquestras, conjuntos de câmara, quintetos ou octetos de 'tango nuevo', em uma variedade de gêneros e estilos musicais da segunda metade do século XX até hoje - e vice-versa, pois muitos são os influenciados por sua obra. A música de Piazzolla é hoje, certamente, uma música universal, para todos os corações e mentes.



**FAIXA 1 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - ADIÓS NONINO (1959) - (NAXOS 8.572331, FAIXA 11)**

Vicente Piazzolla, o 'Nonino', pai de Piazzolla, faleceu em 1959 na Argentina quando Astor estava em turnê pela América Central. ►

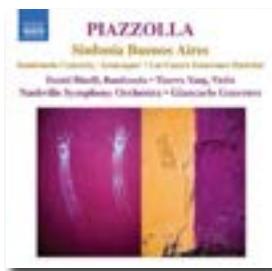
Retornando a Nova York alguns dias depois, com dificuldades financeiras pela turnê mal sucedida, munido de sua tristeza, o compositor fechou-se sozinho em seu apartamento e, em menos de uma hora, compôs *Adiós Nonino*. A obra é considerada um dos principais trabalhos de Piazzolla, sendo que ele gravou-a inúmeras vezes, ao longo dos anos, com várias formações instrumentais. Contribuindo com sua notoriedade mundial, ela foi tocada em 2002 no casamento do Rei Guilherme Alexandre da Holanda com a Rainha Consorte Máxima Zorreguieta, que é de origem argentina.



FAIXA 2 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - MILONGA DEL ANGEL (1965) - (NAXOS 8.570523, FAIXA 1)

FAIXA 3 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - RESURRECCIÓN DEL ANGEL (1965) - (NAXOS 8.572596, FAIXA 10)

A milonga, ou o tango milongueiro, é uma forma rítmica um pouco distinta do tango usual, e bastante popular nas orquestras típicas da Argentina. Aqui Piazzolla escreveu, explorando o tango mais introspectivo, partes da Série *Angel*, como o trio *Milonga del Angel*, *La Muerte del Angel* e *Resurrección del Angel*, representando a natureza gentil, a fúria da morte e o triunfo meditativo da ressurreição. Apesar das três peças serem frequentemente tocadas juntas, foram compostas separadamente. Outras duas peças consideradas da mesma série são *El Tango del Angel*, de 1957, que é um dos primeiros exemplos do Tango Nuevo, e *Introducción al Ángel* que, juntamente com *La Muerte del Angel*, são composições de 1962.



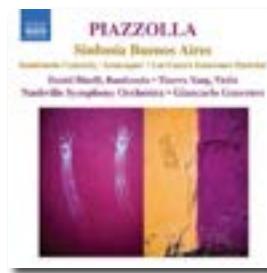
FAIXA 4 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - LAS 4 ESTACIONES PORTEÑAS - VERANO PORTEÑO (1965) - (NAXOS 8.572271, FAIXA 10)

Também conhecida como As Quatro Estações de Buenos Aires - o adjetivo 'porteño' refere-se a quem nasceu na cidade de Buenos Aires - cada uma de suas partes, o Verão, Outono, Primavera e Inverno, foram compostos como peças separadas, mas eram costumeiramente tocadas em forma de suíte. A primeira parte, o Verano Porteño, foi composta em 1965 por Piazzolla como música incidental para a peça *Melenita de Oro* do dramaturgo, escritor e diretor de teatro argentino Alberto Rodríguez Muñoz.



FAIXA 5 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - RETRATO D'ALFREDO GOBBI (1969) - (NAXOS 8.572331, FAIXA 10)

Alfredo Gobbi (1915-1965) foi um dos pioneiros do tango na primeira metade do século XX em Buenos Aires, como compositor, violinista, arranjador e líder de orquestra, começando sua carreira aos 13 anos e, a partir dali, integrando as orquestras dos principais tangueiros de sua época. Piazzolla considerava Gobbi como o pai de todos os que fizeram o tango moderno, e aqui faz uma homenagem afetuosa ao mestre.



FAIXA 6 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - LAS 4 ESTACIONES PORTEÑAS - INVIERNO PORTEÑO (1970) - (NAXOS 8.572271, FAIXA 8)

Em uma época bastante produtiva de sua vida, Piazzolla estreou o ciclo completo das *Cuatro Estaciones Porteñas* no Teatro Regina de Buenos Aires acompanhado de seu quinteto, em 19 de maio ▶

## DISCOGRAFIA

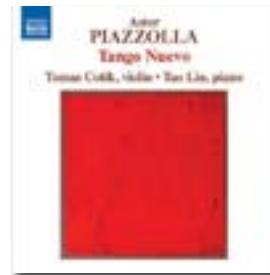
de 1970. O ciclo, em ordem de composição, tem os movimentos *Verano Porteño*, de 1965, *Otono Porteño*, composto em 1969, e *Primavera e Inverno Porteño*, ambos composições de 1970.



### FAIXA 7 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - MILONGA SIN PALABRAS (1979) - (NAXOS 8.573166, FAIXA 8)

Forma originária da região do Rio da Prata, entre Argentina e Uruguai, a milonga usualmente cantada era muito popular no fim do século XIX, e é derivada de um estilo de canto chamado de 'Payada de Contrapuncto'. Piazzolla compôs a *Milonga Sin Palabras* em 1979, originalmente apenas para bandoneón e piano, e dedicou-a a sua esposa.

*Grand Tango*, fazendo com que Rostropovich tome interesse pela obra e viaje a Buenos Aires para conhecer o compositor e receber instruções sobre a execução da mesma. A estreia nas mãos de Rostropovich se dá, então, em Nova Orleans em 1990, acompanhado da pianista Sara Wolfensohn.



### FAIXA 9 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - TANTI ANNI PRIMA (1982) - (NAXOS 8.573166, FAIXA 10)

Também chamada de *Ave Maria*, a obra foi originalmente escrita, juntamente com *Oblivion*, para o filme *Enrico IV* do cineasta italiano Marco Bellocchio, estrelando Marcello Mastroianni e Claudia Cardinale. *Tanti Anni Prima* é a música tema da personagem Matilde, interpretada por Cardinale, e foi composta para oboé e piano.



### FAIXA 8 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - LE GRAND TANGO (1982) - (NAXOS 8.572596, FAIXA 5)

Em 1982, Piazzolla compôs *Le Grand Tango*, uma peça para violoncelo e piano, dedicada ao violoncelista russo Mstislav Rostropovich e para o qual o compositor chegou a presentear a partitura. Rostropovich nunca tinha ouvido falar de Piazzolla, então sua partitura permaneceu durante anos esquecida em uma gaveta. Anos depois o violoncelista Carter Brey, que havia ganhado o Concurso Internacional de Violoncelo Rostropovich, conhece Piazzolla e estreia *Le*



### FAIXA 10 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - OBLIVION (1982) - (NAXOS 8.570523, FAIXA 5)

*Oblivion* é uma das mais populares peças de Piazzolla. No estilo de milonga, para oboé e orquestra, é um tango mais tradicional, com menos influência jazzística. É outra peça escrita para o filme *Enrico IV* de Marco Bellocchio, que conta a história de um ator que cai de seu cavalo enquanto encenava o papel de Henrique IV e, quando acorda, passa os vinte anos seguintes achando que é o próprio Henrique IV.



O movimento *Café 1930* mostra quando o tango passou a ser mais ouvido do que dançado, tornando-se mais musical, lento, romântico e melancólico. Já o movimento *Concert D'aujourd'Hui* é o tango atual e o tango do futuro, moderno, que retém suas origens, mas hoje está mesclado com jazz e música clássica moderna, como Stravinsky e Bartók. ■

**FAIXA 11 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - HISTOIRE DU TANGO - CAFE 1930 (1986) - (NAXOS 8.554760, FAIXA 13)**

**FAIXA 12 - ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992) - HISTOIRE DU TANGO - CONCERT D'AUJOURD'HUI (1986) - (NAXOS 8.554760, FAIXA 15)**

Literalmente a 'História do Tango' foi escrita para ser contada por uma flauta e um violão, desde o ano 1900 até a década de 1980.



## PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA SINFÔNICA ASTOR PIAZZOLLA - O TANGO NOVO - VOL. 17

A Editora AVmag disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- [revista@clubedoaudio.com.br](mailto:revista@clubedoaudio.com.br) -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

**NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!!** - promoção válida até o término do estoque.

**OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD  
HISTÓRIA DA MÚSICA - ASTOR PIAZZOLLA - O TANGO NOVO - VOL. 17:**

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05

- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08
- ▶ Faixa 09
- ▶ Faixa 10

- ▶ Faixa 11
- ▶ Faixa 12



## EM QUE MOMENTO TERMINA O GOSTO PESSOAL E ENTRA O CORRETO?

Todos nós já ouvimos a famigerada frase: "Gosto não se discute". Meu pai, com toda a sua diplomacia, jamais ultrapassou este limite, quando sinalizado por um cliente seu. Já minha mãe, objetiva e direta, sempre completou esta frase com um sonoro: "Mas, lamenta-se!".

Sinceramente, esta é uma questão que me perturba há muito tempo, já que profissionalmente trato diariamente com pessoas com todos os tipos de gostos, idiossincrasias e opiniões. Então tento, na medida do possível, separar o que é gosto do que é opinião, mas não consigo ser tão diplomático quanto meu pai, ou tão direto como minha mãe.

Então utilizo, desde que comecei a prestar minhas consultorias, tentar conhecer ao máximo o perfil do meu cliente, suas expectativas em relação a ter me chamado e, principalmente, em relação à suas 'crenças audiófilas'. Sim, meu amigo, todos nós temos crenças, algumas com sustentação técnica e histórica e outras apenas 'pessoais'. E quando observo que as 'crenças pessoais' são intocáveis, educadamente recuso o trabalho.

Esta recusa pode ir desde a resistência em fazer mudanças na posição da sala de estar, na recusa em aceitar que é preciso algum tipo de tratamento acústico e elétrico, ou na troca de algum componente do sistema. Pois parto do pressuposto que quando um profissional

é chamado para qualquer tipo de correção ou ajuste, o cliente já se deu conta que precisa de ajuda profissional e não palpite de amigos, parentes ou vizinhos. Então, na primeira visita, não iremos falar de valores, tempo de obra ou mudanças de equipamentos. Irei apenas ouvir o sistema como um audiófilo convidado.

E, entre uma música e outra, farei inúmeras perguntas pertinentes, sobre quantas horas ele escuta música em seu sistema, estilos musicais, se escuta em volumes reduzidos, médio ou alto, se tem muito ruído externo da rua, de carros, dos vizinhos, cachorros, etc. E se puder ter a companhia, nesta audição, de outras pessoas da família, aprecio muito. Pois se outros familiares participam do hobby, eles também terão que fazer suas observações e me passar as suas expectativas.

Tenho tido a felicidade de ter prestado consultorias, nesses últimos quatro anos, para pessoas muito cultas e educadas, que amam a música, acima de seus equipamentos. E me procuram com o objetivo apenas de saber se seu sistemas estão lhe dando tudo que a música tem a oferecer.

Eles percebem que, nas entrelinhas de cada texto meu, sempre o âmago da questão está no maior grau de inteligibilidade, com total ausência de fadiga auditiva. Este conceito soa como um 'bálsamo' aos ouvidos dos que desejam que seu sistema lhes proporcione imersão nas suas obras prediletas, e os faça sair de cada audição inteiramente revitalizados e prontos para enfrentar o tortuoso dia a dia das grandes cidades. Se estes clientes dessem seus testemunhos do meu trabalho, creia, amigo leitor, todos falariam somente do prazer que desfrutam agora de suas audições. Não haveria citação alguma de marcas de aparelhos trocados, ou que tipo de tratamento acústico ou elétrico foi feito.

Pois eu busco mostrar a eles que, seguindo os dez passos propostos, o resultado será sempre atingido (às vezes até bem além de suas expectativas). E mostro que gosto pessoal não deve jamais ser impedimento para se fazer o correto. Aí alguém deve estar se perguntando: "mas o que é o correto em áudio?". E não esperem uma resposta complexa para esta pergunta.

Quando o cliente me faz esta pergunta, mostro exatamente a ele a resposta com exemplos sonoros. Aí, meu amigo, o disco timbre é uma peça fundamental para nos fazer entender. Todos que possuem este CD sabem que gravamos diversos instrumentos com três microfones distintos, as melhores posições de captação para cada microfone, com o mesmo cabo de microfone para os três, mesmo pré de linha, etc. E se o leitor tiver um sistema minimamente bem ajustado no quesito equilíbrio tonal, textura, transientes e corpo harmônico, ele irá perceber diferenças de sutis a gritantes na captação de cada microfone.

E se o leitor, em seu sistema, não perceber nenhuma diferença, então seu sistema em nossa Metodologia não pode sequer ser comparado a um Diamante de entrada.

Pois bem, ouvindo com o cliente da consultoria em nosso sistema de referência (sim, a segunda visita dos futuros clientes é feita sempre em nossa Sala de Referência, pois se o cliente não gostar do que ele está a escutar, não seremos nós os indicados para ajudá-lo), peço que ele me diga as diferenças que ele escutou entre cada microfone.

E depois de mostrar uns seis a oito exemplos, eu pergunto qual dos microfones ele gostou mais, nos instrumentos que lhe são mais familiares. A esmagadora maioria sempre cita o microfone 2 e o 3 (nunca o 1).

Aí eu didaticamente explico que nosso objetivo é que seu gosto pessoal permaneça intacto, mas que seu sistema mostre com total inteligibilidade as diferenças técnicas de cada gravação e suas limitações com a menor fadiga auditiva possível.

#### DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

#### COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

#### RCEA \* REVISOR CRÍTICO

#### DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

#### CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

#### TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

#### AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

[www.wcjrdesign.com](http://www.wcjrdesign.com)

---

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AV/MAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AV/MAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 [www.clubedoaudiovideo.com.br](http://www.clubedoaudiovideo.com.br)

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

## ESPAÇO ABERTO

E que, para se atingir este tão desejado objetivo, o sistema têm que estar correto, sinérgico e equilibrado nos oito quesitos da metodologia, mais acústica e elétrica (eis os dez passos).

Nesta altura, com esta explicação e compreensão do que faço, não haverá debates ou discussões 'paralelas' sobre gosto em relação a equipamentos ou preferências. Pois o foco da consultoria foi compreendido integralmente. Agora se, como escrevi no começo do artigo, as barreiras forem intransponíveis, eu polidamente recuso o trabalho.

Pois realmente existem situações irreversíveis, como tetos muito baixos, salas em L, quando não é possível nenhum ajuste para melhorar a acústica onde os produtos irão ficar, falta de sinergia do sistema, elos fracos em várias frentes como: elétrica, acústica e setup. Nesses casos, eu esclareço já na primeira visita minha total incapacidade de ajudá-lo.

Existiram essas situações? Claro, mas felizmente foram pontuais. Pois em todas as consultorias que realizei, o cliente realmente sempre teve como prioridade a música acima dos seus equipamentos. Então estamos falando de pessoas mais flexíveis, abertas e muito interessadas em pôr um ponto final neste ciclo interminável de

mudanças pontuais, que não acabam nunca! Pessoas de convicções fortes, mas que entendem que o correto não irá jamais interferir em seu gosto pessoal. Pelo contrário, trará mais prazer e a oportunidade de observar que a cada década com o avanço na qualidade de captação, mixagem e masterização, a 'estética musical' foi mudando e se adequando às novas tendências, gostos e modismos. E ter um sistema que permite observar todas essas nuances sonoras redobra o prazer de ouvir seus discos e de todo o investimento na busca de sala e sistema ideal.

Gosto pessoal e correção podem e devem andar sempre juntas, acreditem!



Fernando Andrette  
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vídeo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiôfílias e presta consultoria para o mercado.



AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

# SEU ENTRETENIMENTO GARANTIDO COM A UPSAI



Condicionador



Condicionador  
Estabilizado



Módulo  
Isolador

Imagens ilustrativas

criação: msydesigner@hotmail.com

@upsai.oficial  
[www.upsai.com.br](http://www.upsai.com.br)

[vendas@upsai.com.br](mailto:vendas@upsai.com.br)  
11 - 2606.4100

  
NMAG  
ESTADO DA ARTE

  
DIAMANTE  
REFERÊNCIA

**UPSAI**  
sistemas de energia

**VENDO**

- Nakamichi Power amplifier PA5E II – Stasis by Nelson Pass.

- 220V 50 - 60 Hz
- 450W de consumo
- 150W por canal (8 ohms)
- Frequencia de resposta: 20 - 20.000 Hz
- Input sensitivity / impedance: 1.4 V / 75 kOhms (rated power)
- 10 transistors por canal
- Output current capability 12 A contínuos, 35 A peak (por canal)

Peso: 16Kg

Equipamento em ótimo estado de conservação, 220V

R\$ 3.500

- Yaqin MC-100B Tube amplifier.

Output power:

- 30 Wx2 (8 Ohms) tríodo (TR)
- 60 Wx2 (8 Ohms) ultralinear (UL)
- Frequencia de resposta: 5hz - 80Khz (-2 db)
- Distorção: 1,5%
- Signal noise ratio: 90 db(A)
- Packed mode: 0,25V

Input sensitivity:

- Pro mode: 0,6V
- Valvulas: KT88 Svetlana + 4 originais chinesas 6sn7 12ax7

Caixa e manuais originais

OBS: up grade de trafos de saída e componentes

R\$ 5.200

**Reginaldo Schiavini**

(21) 97199 9898

ergos@terra.com.br

**VENDO / TROCO**

- Cápsula Clearaudio Stradivari V2.

Trata-se da última versão desse modelo, com corpo em ébano, agulha HD e bobina totalmente simétrica em ouro 24 kt. Sua saída é de 0.6 mV, O que torna ela compatível virtualmente com todos os pré's de Phono MC. A cápsula não possui ainda 50 horas de uso. Está realmente em estado de nova e sempre foi tocada utilizando discos limpos em máquina especial. US\$ 3.750.

Conforme o material, posso aceitar troca. Posso também combinar a instalação com o cliente.

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais acalmados DACs da Atualidade.

Conversão 32bit/384KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000

**André A. Maltese - AAM**

(11) 99611.2257

**VENDO**

Toca discos J.A. Michell GYRO SE MKII, com: 01 J.A. Michell Armboard (base) para braços Rega, 01 J.A. Michell 3 Point VTA Adjuster, 01 J.A. Michell Record Clamp, 01 J.A. Michell De-Coupler Kit (desacoplador do braço), 01 J.A. Michell HR DC Never Connected Power Suply (bivolt), 01 braço Rega RB 303 com contrapeso original, 01 contrapeso de braço Isokinetic Isoweight Off Centre, 01 cápsula MC Ortofon Rondo Blue. Uma obra de arte sonora e de design. R\$ 20.000.

**Rodrigo Moraes**

rodrigopomarico@gmail.com

**VENDO**

Set de válvulas casados e calibradas pela Air Tight, para os monoblocos ATM-3. Lacradas e sem nenhum uso. R\$ 4.000 (o pacote completo para os monoblocos).

**Fernando Andrette**

fernando@clubedoaudio.com.br

**VENDO**

Toca-discos REGA P3 (Planar 3), com braço original Rega RB330.

Pouquíssimo uso, comprado novo há menos de 1 ano! Acompanha a caixa original e o manual.

**Sobre o toca-discos:**

O Planar 3 (P3) possui um novo braço, base e muitas outras revisões em relação à versão anterior (RP3).

Isso resultou em performance sonora marcante, além de ficar muito mais bonito. Ele tem apenas duas peças do RP3 anterior, o resto é tudo novo!

**Especificações:**

- novo braço RB330
- nova base de vidro Optiwhite 12 mm
- reforço de feixe mais espesso
- acabamento acrílico de alto brilho em preto ou branco
- subplastro redesenhad
- carcaça de rolamento principal redesenhad
- motor de 24V com novo PCB de controle de motor
- pode ser feito upgrade com o controlador de velocidade externo TT-PSU
- pés redesenhados
- contrapeso redesenhad

*“Não é difícil perceber que o desenvolvimento de dois anos da Planar 3 valeu a pena. Para os nossos ouvidos, ele soa consideravelmente mais limpo e claro do que seu antecessor - o RP3. Há mais transparência aqui e mais resolução de detalhes também.”* (Whathifi)  
<https://www.whathifi.com/rega/planar-3-elys-2/review#J5ecLu4iSB5r71Zu.99>

Obs: Não inclui a cápsula (Transfiguration Phoenix S)

Valor: R\$ 4.500

**Samy**

(11) 98181.8585  
waitzberg@gmail.com

**VENDO**

Cápsula Transfiguration Phoenix S

Motivo da venda: por ser tão boa, vou fazer o upgrade para o modelo topo da marca, a Proteus. Mesmo custando uma fração do valor da Proteus, a Phoenix é muito, muito próxima de sua “irmã mais velha” - uma barganha se compararmos performance X custo. A agulha é exatamente a mesma (Ogura PA) montada no mesmo cantiléver de bório.

Trata-se de uma cápsula de bobina móvel (MC) de baixa saída (~0.4mV) e com 4 Ohms de impedância interna. Caso perfeitamente com a grande maioria dos prós de Phono MC. Na casa de um amigo - que também comprou essa cápsula por minha indicação - casou magnificamente bem com o setor de Phono interno do integrado Luxman L-590AX, com 100 ohm de impedância. A Phoenix S possui uma transparência única, excelente foco e recorte, muita velocidade e muita musicalidade. Assinatura Transfiguration. Muito mais próxima da Proteus do que diferença de preço possa indicar, acredite.

Possui cerca de 150 horas de uso, sempre usada em toca-discos extremamente bem ajustado e sempre com discos limpos por meio de máquina com sucção a vácuo.

- Acompanha a caixa, manual e o conjunto de parafusos originais.

O valor pedido (US\$ 3.000) está bem abaixo do valor dessa cápsula, que é de US\$ 4.500 nos EUA. Faça os cálculos (frete, impostos, riscos).

Valor: R\$ 11.500

<https://www.soundstageultra.com/index.php/equipment-menu/500-transfiguration-phoenix-s-phono-cartridge>

**Samy**

(11) 98181.8585  
waitzberg@gmail.com

## VENDAS E TROCAS



### VENDO

Sistema de som Grimm Audio LS1 - sem a primeira via, (sub-woofer).

R\$70.000

**Fernando Alvim Richard**

Tel.: (21) 9.9898.0566

coneaudio.far@gmail.com

fernando@coneaudio.com.br

## Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

### NAO CALIBRADO



### CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811  
e agendamentos: [jirot2020@gmail.com](mailto:jirot2020@gmail.com)



## Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500



Ouça seus discos de vinil em qualquer lugar de sua casa através do Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500. Distribua por todos os cômodos as músicas de sua coleção de discos. Compartilhando com um ambiente diferente – externo, com seus amigos, ou na cozinha.

MusicCast VINYL 500 é uma nova maneira de desfrutar discos de vinil. Através de sua rede Wi-Fi conecte todos os equipamentos Yamaha compatíveis com MusicCast à partir de um simples aplicativo, com a mais alta qualidade sonora, aliando tecnologia e estilo.

[www.yamaha.com.br](http://www.yamaha.com.br)

**musicCast**  
Wireless Music System

 **Bluetooth**

 **dlna**  
CERTIFIED™

Made for  
 

# A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



## ***A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!! Deixemos a palavra com os nossos clientes:***

*O V8 MK4 entrou em meu sistema e causou uma verdadeira revolução. De imediato, comecei a ouvir todos aqueles discos que não ouvia há tempos por não tocarem tão bem no meu sistema anterior.*

*Sua característica que mais me agrada é a autoridade, associada a uma doçura que nenhum outro aparelho que tive ou experimentei, independente do valor, apresentou.*

*Minha esposa veio ouvir o resultado do upgrade e passou a me acompanhar em várias audições, o que nunca havia ocorrido antes. Passei a ter uma companheira de audição, o que é muito bom!*

*Roberto C. São Paulo.*